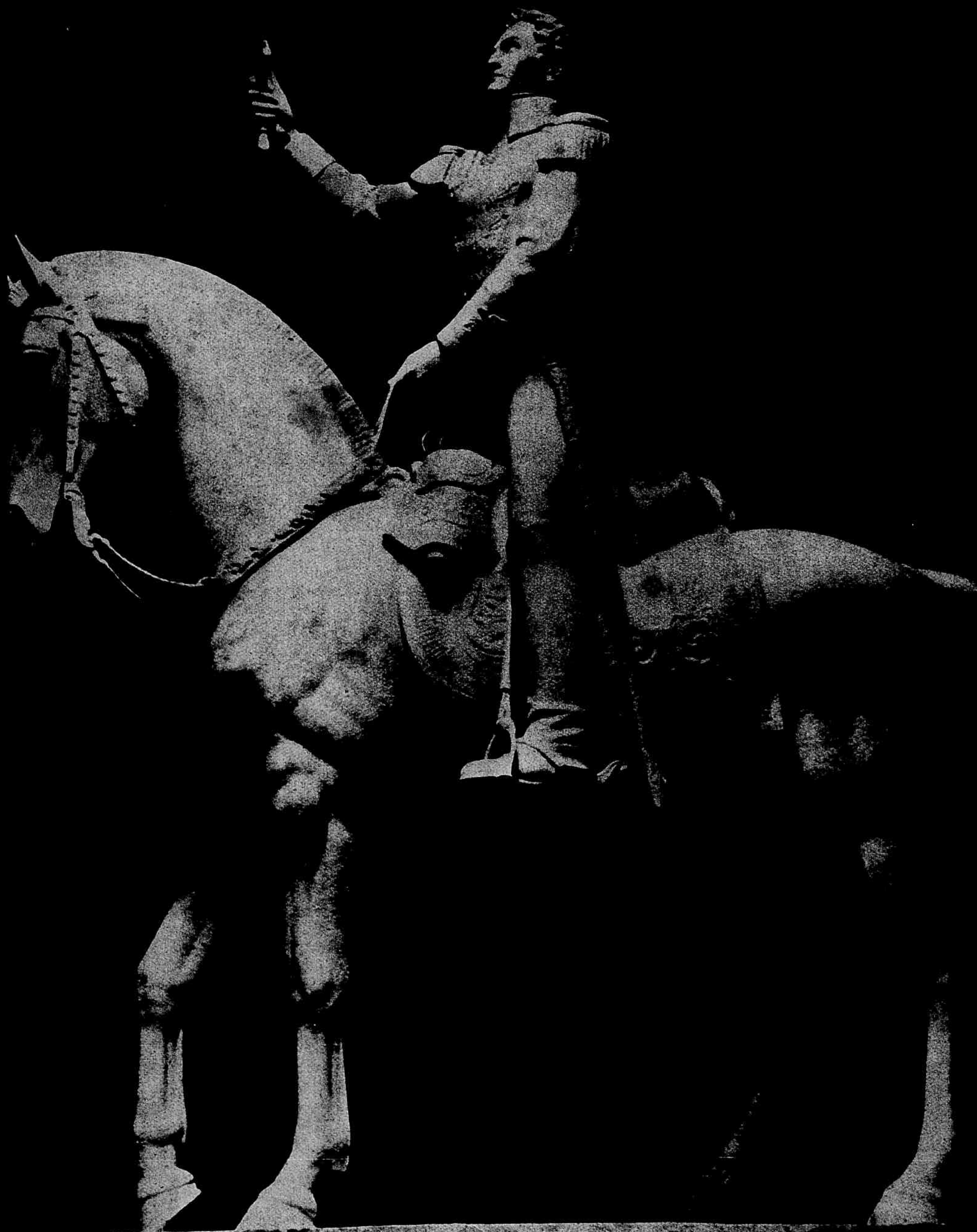


Revista da Semana



SIMÃO BOLIVAR - O LIBERTADOR

mirage

...Pareces uma visão celestial vinda do país longínquo da Fantasia para a vida real...

Crie para si esta atmosfera sugestiva com "MIRAGE".

**UM SONHO DE PERFUME
QUE REALIZA SEUS SONHOS**



**UM PERFUME
ATKINSONS**

Sim senhores e em plena guerra. Aliás isso constitui, sem dúvida alguma, esplêndida psicologia para o *war-time*. Trabalham muito durante a semana, nos escritórios, nas fábricas, no *atelier* e nos laboratórios. Trabalham exaustivamente dando até mesmo horas suplementares no serviço. Mas quando arranjam uma folguinha não desmentem que têm, nas veias, o sangue otimista do velho *Uncle Sam*.

E como se vestem bem mesmo com o racionamento imposto pelo conflito mundial!

No bar, no campo, no parque da cidade, em todos os lugares e para todas as horas têm roupas apropriadas.

Estas pequenas, por exemplo, apresentam modelo de afamadas cô-es de modas *Maey's*, *Constable*, *Stern's*, *Lord & Taylor* e *Mc Creery's*.

Cada qual mais bonito e mais original mas todos eminentemente práticos.

E, com eles, elas se divertem.

Boa sorte, pequenas, boa sorte!



Em algodão estampadinho elas aparecem felizes ao lado de um BOY-FRIEND (*Lord & Taylor*)

Lindo modelo, duas peças, em algodão. Tipo marinha — *Stern's*.

ELAS SE DIVERTEM...

Roupa de banho em CHINTZ estampado (*Mc. Creer's*)





Em algodão branco com aplicações de tecido xadrez;
Em tafetê estampado com orla de rendas. (L. Macy's).
Em baixo—Em tecido de algodão branco com aplicações de côres. (Arnold Constable)



Até o Gênio! Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador Gesteira**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

Regulador Gesteira é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo peso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **REGULADOR GESTEIRA**

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores
ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

NOSSA CAPA

A capa de hoje é uma homenagem ao general sul-americano, figura das Américas e do mundo; Simão Bolívar, o Libertador. Descendente de nobre família hispanica, nasceu ele a 24 de Julho de 1783, em Caracas, na Venezuela, falecendo a 17 de Dezembro de 1830.

Em Abril de 1810, um movimento revolucionário, que não chegou a surtir efeito, fez com que Bolívar passasse à Inglaterra, onde procurou conseguir armas e auxílio, mantendo o governo britânico a determinação de se conservar afastado do movimento revolucionário.

Declarada a independência da Venezuela, no ano seguinte, confiava-se a Bolívar o comando de Puerto Cabello. Mas outra vez ainda havia de perder-se a causa da emancipação, a despeito do entusiasmo e dos esforços postos em luta, voltando a Venezuela à condição de província da Espanha. Do seu retiro na ilha de Curaçao, onde fôra logo após ter fracassado o movimento,

Bolívar dirige-se para Nova Granada, confiando-lhe o Congresso o comando de um exército, com o qual vence os espanhóis em Monpós, Pamplona e Cúcuta. Uma série surpreendente de exitos enriquece então a sua vida de lutador. Em Setembro de 1828, em seguida a execuções que se vê obrigado a ordenar, visando sufocar uma revolta, perde Bolívar um pouco do seu renome, declinando daí por diante o brilho da sua carreira. Decreta-se a separação da Venezuela e da Bolívia, confiando-se a Paéz a presidência da primeira. Bolívar tenta a deposição de Paéz mas o Congresso, expulsando-o do território nacional, marca o seu fim. O caudilho da Independência sul-americana poucos meses mais teve de vida. Entretanto esplendidos resultados da sua obra aí estão, garantindo-lhe um lugar de imprecável destaque na América livre que ajudou a criar. Não se perderam sua tenacidade e sua fibra de paladino. O panamericanismo é hoje uma realidade e esplendida realidade, e Bolívar corporifica a cordialidade das Américas.

Dr. José de Albuquerque
Membro da Sociedade de
Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
RUA DO ROSARIO, 172 — DE 1 ÀS 7

**Como conservar a
DENTADURA POSTIÇA
com firmeza na boca**

Sua dentadura postiça o incomoda, caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de **FIXODENT**. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postiça com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a boca. Perfuma o hálito.

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

Números atrasados desta
Revista no Amazonas

Pedir a **ALBANO H. MARTINS**
Agência Martins — Manaus.

**VARIZES
EM SENHORAS**

Novo Tratamento sem Operação

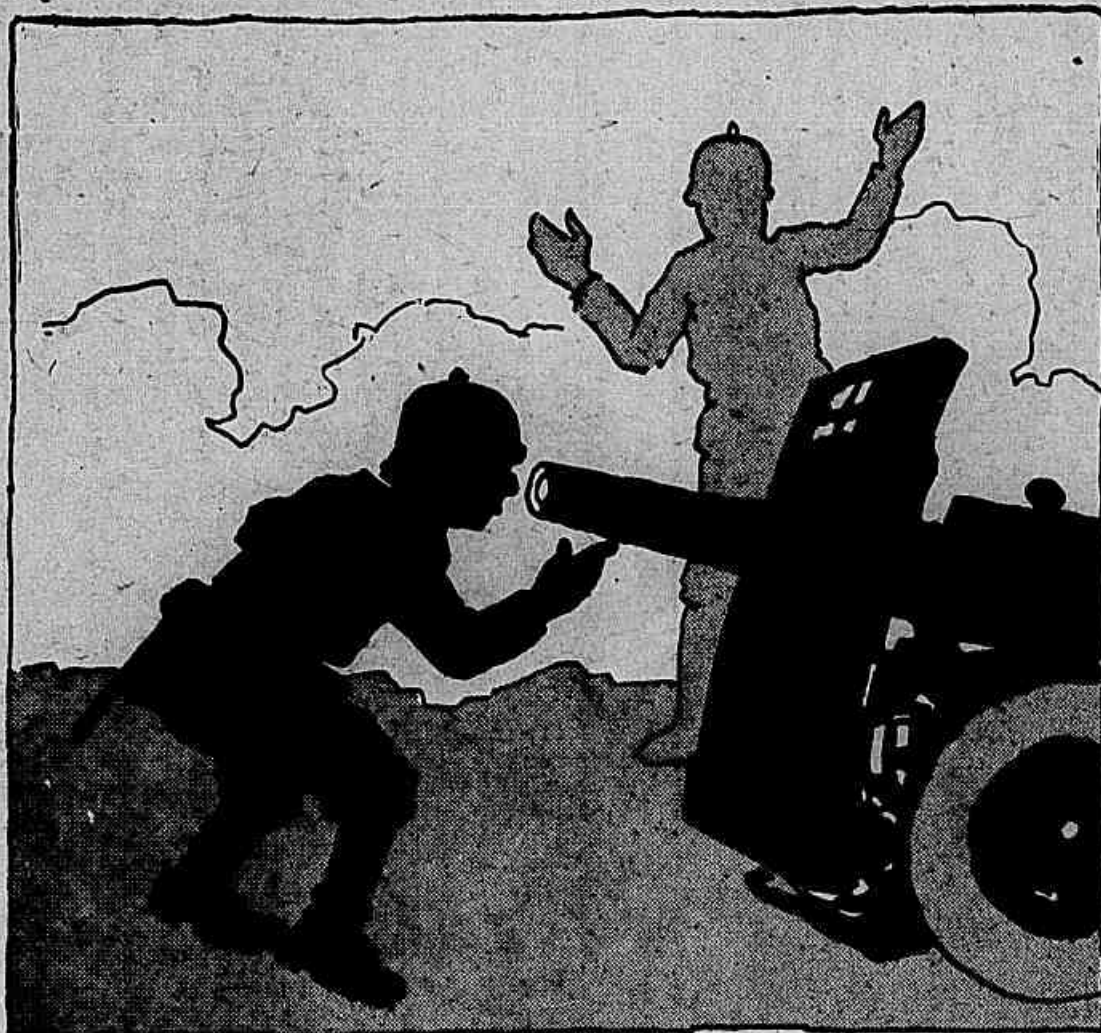
Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal para o tratamento com ótimos resultados de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação, na dose de três colheres das de chá ao dia, em água açucarada, restitui às pernas o seu estado normal e a beleza estética. Em idêntica dose debela os males causados pelos mamilos hemorrágicos internos e externos, inclusive os que sangram. Não encontrando nas farmácias ou drogarias, peça diretamente ao depositário: **CX. POSTAL 1874** (um oito-sete quatro) São Paulo.

HEMO-VIRTUS (Líquido)

Números atrasados desta
Revista no Pará

Pedir a
ALBANO H. MARTINS & CIA.
Travessa Campos Sales, 85 - Belém

Pesadelos ou o "pêso" d'êles



- O' coisa! Não é por ahi que se faz a mira!
- É para me acostumar a disparar para atrás.



- Capitão, o tiro não alcança o alvo.
- Palermo! Dê dois tiros de uma vez.



- Posso passar, tenho ordem verbál.
- Mostre-me a ordem verbál.



- O' sargento! Ca' está um prisioneiro!
Não pôsso levá-lo. Ele não me quer largar!



- Preparem-se para a refregêa de inverno.
- Sim, coronel, mas... com que roupa?
- Com roupa "abafáda".



- Vão servir na banda de música,
Que instrumento sabe tocar?
- Piano ou berimbau.

LENNOX
KERR

Morte acidental

LENNOX KERR

(Novela traduzida do inglês especialmente
para a REVISTA DA SEMANA)

— Coisa feia e cruel, não é mesmo? — observei, revirando o Kris, espécie de adaga de ponta recurva, para examiná-lo. Mal as palavras tinham sido proferidas, a arma foi arrancada de minha mão e jogada, retinindo, contra um canto escuro da varanda.

— Que diabo é que você pretende, bolindo nesta coisa? — perguntou o dono da casa. Eu fiquei assombrado demais para responder à sua surpreendente pergunta; pude apenas sentar-me e relancear os olhos de minha mão vazia para os olhos cintilantes de Mercer. Este era, com certeza, o tratamento mais esquisito que um hóspede poderia receber, principalmente quando nós dois éramos a bem dizer inteiramente estranhos um ao outro.

A resposta furiosa que me subia aos lábios foi interrompida pela mudança que observei no homem. O brilho raivoso de seus olhos esvair-se — substituído por uma expressão de miséria quase abjeta, como se só agora estivesse percebendo o que havia feito. Com as mãos tremendo, encheu dois copos de gin holandês e empurrou um para mim. O seu foi engolido de um trago.

— Desculpe, meu velho, disse ele subitamente, mas não posso suportar estas coisas junto de mim. — Estava positivamente crispado, ao falar. — Para mim estas armas são diabolicamente cruéis — acrescentou.

Tive, imediatamente, pena do homem. Ele estava com toda a evidência arrependido do gesto impulsivo.

— Oh, está bem, Mercer. Se eu tivesse sabido, teria sido mais ponderado, apressei-me a tranquilizá-lo.

Ele riu, embora eu percebesse que havia no seu riso uma nota particular que soava assustadoramente na noite javanesa. Enchendo o copo outra vez, Mercer bebeu avidamente.

— Bem, não vamos estragar uma noite agradável com meus rompanes excêntricos... A frase foi interrompida pelo chape-chape de sandálias no pavimento de madeira e nós nos voltamos para ver a mulher de Mercer, que era malaia, a nosso lado. Ela tagarelou excitadamente com Mercer, a conversa voluvel pontilhada de leves explosões de risadinhas infantis. Mercer voltou-se para mim.

— Desculpe-me; minha mulher quer que eu vá ver uma nova artimanha que ensinou ao seu macaco. — O homem falou com um azedo sarcasmo, dando esta curiosa desculpa.

II

Quando os dois se afastavam, não pude deixar de admirar a graciosa figura e o corpo gentil da mulher, ao mesmo tempo que me sentia irritado pelo fato de que um inglês pudesse rebaixar a casta ao ponto de se submeter a tais chamados de uma criatura tão pueril.

Naturalmente, durante sua ausência, fiquei pensando no singular procedimento do homem, especulando sua razão de ser. Mas, ele mesmo era uma criatura singular. No dia anterior, havia subido ao carqueiro de que eu era segundo comissário e convidado do comissário e a mim para jantar. "Eu sou o único inglês neste buraco perdido e estou morrendo para dar um dedo de prosa na minha língua natal", explicou. Naturalmente ambos aceitamos o convite; não se oferecem muitas vezes jantares aos marujos dos carqueiros ingleses.

Mercer deu-nos um grande jantar; havia uma pilha de pratos nacionais e bebidas de que meia dúzia de convidados não poderia dar conta. Nosso anfitrião bebia enquanto comíamos; na verdade, ele estava repulsivamente bêbedo antes da noite acabar, e terminou amaldiçoando Java e tudo o que a ilha encerrava, numa tirada desconexa e desnecessária.

Apenas uma vez se referiu à mulher, e não foi uma referência muito delicada — a verdade é que ele não deixou uma impressão favorável, nem no comissário nem em mim mesmo. Mais tarde, quando voltamos para bordo do navio, o comissário, que tinha um jeito decisivo de pôr os pontos nos ii, observou que a coisa mais notável acerca de Mercer era a mulher malaia e sua capacidade de beber, duas coisas que pareciam estar-lhe arrasando os nervos. Coisa bastante curiosa, embora eu não gostasse de Mercer, tinha pena dele. Parecia dolorosamente solitário.

Para minha surpresa, ele voltou a bordo novamente, na manhã seguinte e insistiu que eu devia passar o dia com ele. Foi outra vez, mais por piedade do aparente solá-

mento do homem do que por qualquer vontade de estar na sua companhia. Devo dizer que ele retribuiu bem minha visita, pois jamais passei um dia mais interessante, e foi na melhor das disposições que a noite caiu. Estava quase gostando do homem, até que ele começou a beber a segunda garrafa, depois do jantar. Foi quando veio aquele inesperado gesto com a adaga barata que eu havia comprado no mercado local naquele dia.

III

Meus pensamentos inquisitivos foram perturbados pela volta de Mercer. Ouvi-o afundar na cadeira de vime e ouvi o estalido do copo, quando ele deitava mais gin para si.

— Tenho para mim que você está dando tratos à bola para saber exatamente que espécie de louco sou eu — disse ele de repente, num tom surpreendentemente tranquilo. Embora não pudess notar o rubor de culpa que sua repentina acusação me havia trazido ao rosto, a resposta ambígua que eu murmurei devia ter-lhe indicado como andava perto de acertar.

Soltou uma risada breve.

— As vezes eu acredito que estou ficando louco — disse ele. — Talvez seja disto.

— Bateu uma unha contra o copo. Houve silêncio algum tempo depois dele ter falado, um silêncio tornado mais embaraçador pela lacônica confissão do homem. Desejando mudar de assunto, observei:

— Que noites maravilhosas vocês tem aqui! Uma observação bem comum, não de concordar, mas se eu tivesse dado um tiro em Mercer, sua resposta não poderia ser mais violenta.

— Maravilhosas! — berrou, levantando-se da cadeira e se pondo a andar exaltadamente pela varanda. — Maravilhosas! Oh, meu Deus! Porque o ar é como um hálito perfumado e você tem o espírito livre de obsessões, abre a boca e fala em noites maravilhosas com quem já esqueceu o que as palavras querem dizer. — O homem tomou um longo hausto. — Maravilhosas! Não! Infernais — infernais em cada minuto — em cada segundo. Maravilhosas — meu Deus!

Não pude dizer nada, diante desta explosão. O homem era louco, não havia outra explicação. Ele se sentou de repente na cadeira; depois, falando no mesmo tom excitado, disse:

— Escute, rapaz. Você chama a noite de maravilhosa. Deixe-me mostrar-lhe como está enganado. — Curvou-se sobre a mesa, até que eu senti o cheiro do álcool que ele havia ingerido.

— Há dez anos chegou um inglês neste lugar amaldiçoado. Um homem chamado Dickson. Vinha a bordo dum navio holandês como marinheiro, porém não gostava de trabalhos pesados e assim abandonou o navio.

Mercer parou para encher de novo o copo e duas vezes o bebeu até as bordas. A voz estava mais firme, quando continuou a história:

— Dickson veio procurar-me e me pediu que o escondesse até que o navio tivesse partido. Assim fiz, em parte porque estava satisfeito com a companhia doutro inglês, mas principalmente porque poucas pessoas recusavam o que Dickson pedia. O homem

tinha a personalidade mais imperiosa que eu já vi. Além disso, era um conversador interessante, e este lugar fica às vezes infamemente solitário.

Novamente percebi a nota lamentosa na voz de Mercer.

— Dickson era o que se conhece como soldado da sorte, o que quer dizer que estava sempre procurando alguma coisa a que não tinha direito e preparado para sofrer tudo o que daí pudesse advir-lhe. Como os dessa classe, era um patife bem educado, a espécie de homens que abrem as portas às mulheres dos outros homens e lhes marcam um encontro, na hora em que se curvam diante delas, na soleira da porta. E tão disposto a lutar contra o marido, por causa da mulher, como a abandonar a mulher, quando saturado destas assim era Dickson. Bem parecido, naturalmente. Se eu o descrever como um homem muitas vezes em dificuldades, mas nunca o demonstrando, você terá uma sofrível imagem dele.

Ele recebia as roupas que eu lhe dava, como coisa muito natural; servia-se de minha casa, como se lhe pertencesse e gastava meu dinheiro como se fosse ele que o ganesse. A verdade é que me tratava mais como a um criado favorecido do que como um benfeitor. E eu suportava isso. Os homens do tipo de Dickson num instante arranjam amigos. Em poucas semanas ele conhecia todos os holandeses aqui residentes, mais do que eu mesmo os conhecia, e recebia convites para ir a lugares que eu nunca tinha visto. Num par de meses chegara mesmo a ser convidado a residência do nosso príncipe malaio local, e andava ombro a ombro com os nobres favoritos que rodeavam essa personalidade indígena.

IV

Mercer interrompeu sua história para prestar atenção à garrafa de barro que estava a seu lado. A capacidade de beber que o homem tinha era tremenda, e enquanto falava estava continuamente esvaziando o copo. Depois de beber e enchê-lo de novo, continuou:

— Foi aqui que Dickson encontrou um aristocrata malaio chamado Silah. Silah era um malaio que tinha ido a Meca e havia regressado com um fervor religioso fanático e a determinação de libertar Java dos holandeses.

Mercer olhou de soslaio para mim. — Você já ouviu falar dos revolucionários daqui, não é verdade?

Eu tinha ouvido dizer que eles existiam, porém nunca me interessara em saber coisa alguma a seu respeito. Disse a Mercer em que pé andavam meus conhecimentos.

— É uma coisa parecida com o que deve ser o grupo de revolucionários da Índia inglesa — explicou Mercer. — Eles se chamam a si mesmos Filhos do Islam e nomes similares — o movimento é uma simples picada de pulga para os holandeses, mas representa uma grande coisa para os malaios que o dirigem. Um homem branco é morto num canto qualquer do interior; os holandeses agarram uma parelha de malaios e os condenam à prisão perpétua no presídio da ilha de Tjilijap, e acabou-se por outra vez. Mercer retomou a narrativa.

— Bem, Silah era o Alto Chefe dessa pequena reunião de solrés, e Dickson viu sua grande oportunidade quando o camarada começou a escutar-lhe as conversas a respeito das campanhas em que tomara parte. Dickson tinha alguma experiência do exército e se ofereceu para desenvolver um plano para o próximo arranco revolucionário. Ele mesmo se inculcou aos revolucionários e foi ao ponto de se filiar à Verdadeira Fé, pretendendo ter-se convertido ao maometanismo. Entregara-se de todo à idéia e, como lhe disse, tinha uma personalidade que era irresistível.

Eu andava imaginando qual seria seu jogo, até que uma noite ele me perguntou se eu já havia visto a filha de Silah, Marumay. — Então esse é que é seu jogo? — perguntou-lhe. Porém ele se limitou a rir. — Talvez, meu rapaz, talvez também alguma coisa mais. — Não pude arrancar-lhe mais nada, nessa ocasião.

Como era inútil tentar convencer Dickson que não se metesse com negócios nativos, tudo que eu tinha a fazer era lamentar a moça e deixar as coisas correrem. As coisas correram com rapidez surpreendente. Duas semanas depois de nossa conversa, Dickson chegou-se a mim e disse que estava de viagem para a Inglaterra, como representante do partido revolucionário. Então, pela primeira vez, eu vi qual era o objetivo real daquele homem e seu verdadeiro caráter. Ele me disse que ia levar consigo uma grande quantidade de joias e pedras preciosas para convertê-las em dinheiro, para fundos da grande tentativa dos revolucionários contra os holandeses.

Disse-me tudo a respeito; disse-o num tom clinicamente divertido que tornava impossível dizer se o homem era sincero ou não. "O projeto é meu, Mercer, mano velho — explicou ele. — Eu estou inflamado pelo espírito de Maomé e nada me pode deter até que todo holandês gorducho tenha voltado para o Zuyder Zee — eu sou o verdadeiro pequeno Salvador de Nações.

Dickson então riu: Oh, foi fácil, gabou-se. Eu venci os holandeses no papel tão efetivamente que meu bando quase chorou porque o tesouro do partido não podia enfrentar as despesas do morticínio total que meu plano sugeria. Depois do que foi fácil sugerir um sacrifício de cada membro do bando de idiotas e me ver designado como vendedor de joias.

Assim Dickson revelou seu jogo, e quando eu lhe lancei em rosto aquela infâmia, ele adquiriu um tom de falsa indignação dizendo que estava agindo honestamente e mais uma porção de bobagens cínicas acerca da libertação de Java e das ilhas neerlandesas. Que poderia eu fazer? Nada.

Mercer levantou-se e virou o copo. Estava começando a mostrar sinais da bebida que ingerira. As lembranças que conservava deviam tê-lo mantido capaz de contar a história tão lucidamente como fizera. Cambaleou um pouco, ao ficar de pé.

— Entre e vou deixar as cartas de Dickson acabarem a história por si mesmas, disse Mercer, um pouco pesadamente, ao se virar o endireitar para dentro de casa.

V

Ao atravessarmos a casa, passamos pela mulher de Mercer. Ela estava enrodilhada no soalho, brincando com um macaquinho. Em seu brilhante sarong de maravilhosos tecido feito a mão e com a sua elegante túnica de seda, fazia uma visão de graça exótica. Não pude deixar de admirá-la. Desde o cigarro pardo que lhe pendia dos dedos delgados às sandálias ricamente bordadas de contos e aos dedos morenos surgindo por baixo do sarong, era uma imagem para ser admirada. Ela deu loucas risadinhas à nossa passagem e eu pensei meio clinicamente que era apenas a imagem que poderia ser admirada. Como um homem branco pudesse casar com uma criatura daquelas era uma coisa além do meu alcance.

VI

No quarto de Mercer, tive uma surpresa, pois a primeira coisa que vi foi um Kris de cabo lavrado. A arma pendia sobre a cabeceira do leito, com a folha para baixo. Depois daquele estouro contra minha pobre adaga não pude deixar de ficar intrigado. Mercer estava ocupado, abrindo uma caixa. Retirou algumas cartas que me meteu nas mãos. Depois, vendo meu interesse pela arma, riu com uma insensatez de ébrio.

— Está vendo a praga? — Hesitou e novamente todo o seu aspecto passou de combativo a quasi servil. Empurrou as cartas nas minhas mãos e disse num tom sombrio: Pronto, leia e fique sabendo por si mesmo.

Olhei curiosamente para o homem. Ele estava lívido e as mãos tremiam ao entregar-me as cartas. Quando as segurei, ele se dirigiu à mesa onde estava uma garrafa com um copo. Desdobrei uma das cartas. Tinha o timbre do Hotel Orange, Batavia. Aparentemente eu havia apanhado a primeira das cartas de Dickson.

"PREZADO MERCER — escreveu Dickson — Aqui estou, mas amanhã não estarei mais, graças a uma Providência benigna e a uma dose de habilidade. Meu navio sai às duas horas e me alegro com isso, pois o velho Pa Silah tem andado me chocando o tempo todo. Ele é um bocado esperto e eu não me sinto muito seguro. Contudo, seus métodos de precauções não me atrapalham.

Ontem à noite ele chegou ao meu quarto, carregando uma caixa. Entregando-me a caixa, disse no seu melhor tom oratório: "Abra, Tuan". Tuan abriu, na devida forma, e que é que você pensa que o velhote me havia trazido? Um bendito Kris. Expliquei ao velho Johnny que haviam deixado de comprar essas coisas na Inglaterra. Mas em vez de dizer-me que o vendesse com o resto (o que certamente farei), o venerável gentleman fez um discurso mais ou menos nestes termos:

"Tuan vai partir numa missão de grande importância. Ele carrega consigo as esperanças de muitos homens dignos — e o amor de alguém que significa muito para mim (o bruxo velho deve ter andado me espionando com Marumay e eu não suspeitava que ele soubesse de coisa alguma a respeito). Tuan leva a honra de minha casa e deve estar protegido contra o demônio."

Aqui Silah deu uma pancadinha na adaga. "Você conhece os poderes do Kris", disse ele. "Durante muitos milhares de anos Sakarba tem preservado a casa de Silah — eu o mando com você, Tuan, para que esteja garantido o êxito de sua grande missão." Assim falou o querido velhote Silah, e eu confesso que no momento com uma expressão tão intensa que me custou mela garrafa de bom whisky, para esquecê-la. Mas, amanhã, estarei livre desta ilha maldita e de suas loucas superstições! — e só por troça vou pendurar o Sakarba do velho Silah em cima de meu beliche, aos meus pés, o que, penso, seja um tremendo insulto.

Cherrio, velho enterrado vivo.

Seu, J. DICKSON".

Depois de ler esta carta, olhei para Mercer. Ele estava sentado ao lado da garrafa e os olhos contem-

(Continua na pág. 4)

UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!

Orbleu
DE BAZIN

EXTRACTO
N.º 1113
N.º 1114
N.º 1115
N.º 1116
N.º 1117
N.º 1118
N.º 1119
N.º 1120
N.º 1121
N.º 1122
N.º 1123
N.º 1124
N.º 1125
N.º 1126
N.º 1127
N.º 1128
N.º 1129
N.º 1130
N.º 1131
N.º 1132
N.º 1133
N.º 1134
N.º 1135
N.º 1136
N.º 1137
N.º 1138
N.º 1139
N.º 1140
N.º 1141
N.º 1142
N.º 1143
N.º 1144
N.º 1145
N.º 1146
N.º 1147
N.º 1148
N.º 1149
N.º 1150
N.º 1151
N.º 1152
N.º 1153
N.º 1154
N.º 1155
N.º 1156
N.º 1157
N.º 1158
N.º 1159
N.º 1160
N.º 1161
N.º 1162
N.º 1163
N.º 1164
N.º 1165
N.º 1166
N.º 1167
N.º 1168
N.º 1169
N.º 1170
N.º 1171
N.º 1172
N.º 1173
N.º 1174
N.º 1175
N.º 1176
N.º 1177
N.º 1178
N.º 1179
N.º 1180
N.º 1181
N.º 1182
N.º 1183
N.º 1184
N.º 1185
N.º 1186
N.º 1187
N.º 1188
N.º 1189
N.º 1190
N.º 1191
N.º 1192
N.º 1193
N.º 1194
N.º 1195
N.º 1196
N.º 1197
N.º 1198
N.º 1199
N.º 1200

A VENDA EM TODO O BRASIL

EDOUARD HERRIOT -- Escritor e homem de ação

QUANDO Pierre Laval — sinistro — de mãos dadas com a senectude do Marechal Henri Honoré Pétain concerta com este o plano da queda da França, entregando-a a seguir num horto de lágrimas aos fariseus do nazismo e fazendo calar sob baionetas o Parlamento gaulês, onde até então se ouviram os protestos contra a tirania e a opressão iminente dos que desejaram e fizeram a segunda grande conflagração mundial; entre aqueles que reagiram enfrentando a hecatombe que estava próxima, acutilando desesperadamente os fantasmas que se avisinhavam cheios de furor, brandindo no ar a arma do seu protesto, estava um homem no seu posto, representante legítimo do povo francês, senhor de honrosa tradição na vida pública de seu país e que fizera estacada com a sua voz e com as suas atitudes contra quantos em sua terra natal tomaram o partido das desagregações, das corrupções, dos enfraquecimentos propositados que visavam perder a unidade, a coesão e a fortaleza de espírito da República Francesa Edouard Herriot!

Seu verbo é talvez — dentre os poucos que se ergueram na hora tremenda, acovardados, uns, ante a ferocia da soldadesca germanica, outros pelo temor da delação sempre premiada — o verbo de mais viva altisonancia. O mais energico deles, o mais pugnaz, o mais combativo, o mais belo talvez. Ninguém o faz calar. Ninguém o emudece, o aniquila, o extingue, o estrangula, em meio de sua marcha gloriosa. Imprecabrande, estertora, ruge, clangora, chameja, vocifera malsina, insulta e amaldiçoa os que chegam trazendo o luto às terras da sua patria. Os que chegam armados, com as mãos empapadas de sangue, orfanando os lares, secando as searas, destruindo as fabricas, paralisando o trabalho, chacinando a velhice, atemorizando a juventude, exilando a infancia, tudo para que sobrepujem os seus ideais de expansão e o seu desejo de castigo aos povos não suficientemente preparados para enfrentá-los e batê-los.

Ninguém excede em verdade na coragem, no destemor, na valentia dos seus gestos — como que desejando encarnar a alma da propria França aguerrida e inquebrantável — a Herriot. Ele se desdobra em mil homens ao mesmo tempo e acode solícito a mil diligencias quando a confusão se estabelece e começa a ruir a estrutura tão grata e tão pacientemente construída do Estado Democrático Francês, agora comprometido pelo nazi-facismo de um traidor que entrega vilmente a patria, envez de perecer com ela na resistencia digna e na morte sem vexame. Tudo nele é bravura e altaneria, tudo heroismo e renuncia, tudo fé imperecível de que a França sobreviverá à ocupação hedionda do inimigo cruel. Bem que poderia ter-se associado na partilha dos reprobos quando a sorte de sua terra foi lançada. Seu lugar de Presidente da Câmara dos Deputados era situação insigne e que lhe facilitaria todas as conveniencias e acomodações com a firma Pétain-Laval instalada no poder. Mas não. Sua condição era diferente. Era a de povo, de gente da rua, distante das galas do oficialismo, e ele queria receber com o povo o mesmo opróbrio, o mesmo insulto, a mesma cutilada do invasor.

A semelhança daquele admirável João Maria Antonio Nicolau Caritat, Marquez de Condorcet — iguais até na pobreza de nascimento, nas mesmas lutas para a propria educação, nos mesmos anseios de conquistas de um lugar ao sol — Edouard preferia perder as posições para não favorecer medidas de violencia, de desigualdade, de injustiça, de opressão, ditadas contra o seu povo.

Como o autor celebrado que escreveu "Tableau Historique des Progrès de l'Esprit Humain", Herriot era um espirito profundamente equilibrado, amante da harmonia, devotado cultor das boas letras, dono de um primoroso estilo que muito se semelhava ao de Anatole, ao de Daudet, ao de Balzac. "Madame Récamier" é prova disso. São paginas escritas com vibratidade, com agudeza psicologica, com um conhecimento exato da alma humana. No livro, no jornal, nas orações que escreveu, por tudo derramou ele as graças e as galas da lingua que falou primeiro e na qual se exprimia como um esteta sempre enamorado da Be-

NOTA DA REDAÇÃO. Edouard Herriot nasceu em Tryes, França, em 3/7 de 1872. Iniciou seus estudos no Liceu de La-Roche-Sur-Yon. Quando se preparava para cursar a Escola Militar de Saint-Cyr, um inspetor da Universidade, vendo que Herriot lia Cicero no original, conseguiu para ele uma bolsa com a qual cursou a Escola Normal Superior.

Em Paris, foi laureado no Liceu Luis, o Grande, professor nos Liceus de Nantes e Lyon, tendo nesta contratado nupcias com uma lioneza; professor de retorica aos 24 anos, esteve no magistério de 1896 a 1905. Filiando-se ao partido Radical Socialista, foi membro do Conselho Municipal e, com 33 anos, Prefeito de Lyon, cargo que ocupou durante toda a sua carreira no qual mereceu de Edmond Rostand o fulgamento de "réalisateur". Deputado, tornou-se chefe do Partido Radical Socialista; liderou o "Cartel des Esquerdos" organização que forçou a renuncia de Uislerand, algo reacionário Ministro das Obras Publicas e Suprimentos em 1916 sob o governo de Aristides Briand como primeiro ministro. Resignando o Senado em 1919, vai para a Câmara. Em 1924 é 1.º ministro. E' novamente 1.º ministro e ministro das Relações Exteriores em 1932, tendo antes formado um governo que durou 48 horas.

Sustentou que a França devia pagar a divida de guerra aos Estados Unidos e foi derrotado pela Câmara em Dezembro de 32. Em seguida ao caso Stawinsky e os distúrbios de Paris em 34, Herriot foi ministro sem pasta no governo Doumergue-Flandin-Laval. Presidente da Câmara, eleito em 36 e 39, até que o Parlamento foi abolido por Pétain em Agosto de 40, depois de transferido para Vichy.

Edouard Herriot notabilizou-se também pelos seus trabalhos literarios, historicos e de critica de arte. Seu primeiro livro "Philon le Juif" editado em 1897, com 25 anos, mereceu o premio da Academia de Ciencias Morais e Politicas.

Em 1905, publicou "Mme. Recamier et ses amis", em que reconstituiu com extrema habilidade um periodo fulgurante da historia da França. Ainda nesse ano, escreveu o "Précis d'histoire des lettres françaises", modelo de síntese e de critica. A essas obras, seguiram-se dois ensaios de grande valor "Agir" e "Créer", que, pela agudeza do seu pensamento, deram ainda maior realce ao seu nome ilustre.

De volta de uma viagem á Russia, onde o politico e o pensador, ambos experimentados, tudo observaram com segurança e argucia, Publicou em 1922 "La Russie Nouvelle", que constitue um depoimento sobre o regime sovietico.

Foi, porém na série de livros sobre os grandes musicos que o Sr. Edouard Herriot apurou as suas qualidades de analista e escritor. Seu ensaio sobre Chopin, realmente modelar, permitiu-lhe revelar o temperamento artistico, emotivo, humano, que a sua agitada vida politica tantas vezes tentou encobrir.

Herriot faleceu a 24 de Setembro de 1943 num sanatório da França meridional.



leza. Sua formação—feita em meio de lutas incríveis—é também uma pagina fulgurante de coragem e de fé. Filho de um pobre oficial de policia, educado por um tio ainda mais pobre, vigario de aldeia, e por duas tias — uma cozinheira e uma lavadeira — Herriot ascendeu aos altos postos da vida publica pelo seu proprio merito servindo a França com dedicacão e com amor inextinguíveis.

Apeado das culminancias politicas ele acompanha a patria no seu esfacelamento e na sua desolacão. Sofre o mesmo martirio, porque é perseguido e é preso e submetido a todas as humilhações que se proporcionam aos vencidos. Mas não cede. Não cede e ainda apostrofa contra os deuses pardos do nazismo e os poltrões que negociaram a venda da propria patria-mãe.

E' nesta situação altiva que a morte vem colhê-lo. Vem lhe trazer o balsamo do ultimo sono. O beijo primeiro da paz tranquila e perfeita.

A morte de Edouard Herriot não é, porem, uma perda da França. E' uma perda do mundo. Ele pertencia a essa brava e inamovível trincheira de espiritos que fazem uma barreira invisível, mas sensível, contra as forças deleterias do Mal. Era da nobre estirpe dos grandes heróis deste seculo, dos que têm trabalhado pelo progresso dos povos e a boa amizade das Nações, objetivando uni-las cada vez mais pelos laços da fraternidade, da concordia e do amor.

Tudo o Universo se une assim à dor da grande patria imortal — patria de todos os homens livres, patria de todos os reivindicadores, patria de todos os grandes ideais da Humanidade — tão cruciantemente ultrajada na sua integridade fisica e moral pela insanidade e pela violencia dos momentaneos triunfadores, curvando-se ante os despojos de Edouard Herriot.

De Edouard Herriot cujo coração palpitou, viveu e morreu sob o compasso do mais formoso dos hinos — o da Liberdade!

JOAQUIM THOMAZ

EPASA

AV. RIO BRANCO, 25
TEL. 43-9876

Últimas edições:
HENRIQUE ESMOND
Romance de W. M. Thackeray
Série:
Redescobrimento da Vida
Vol. IX
Romance histórico considerado uma das obras-primas da literatura inglesa.

DOSTOIEVSKI
de Henri Troyat
Série:
Redescobrimento do Homem
Vol. I



Dostoevski

Pela copiosa documentação, pela honestidade dos informes e pelo tratamento estético que recebeu, é a mais autorizada biografia do autor de **Os Possessos**.

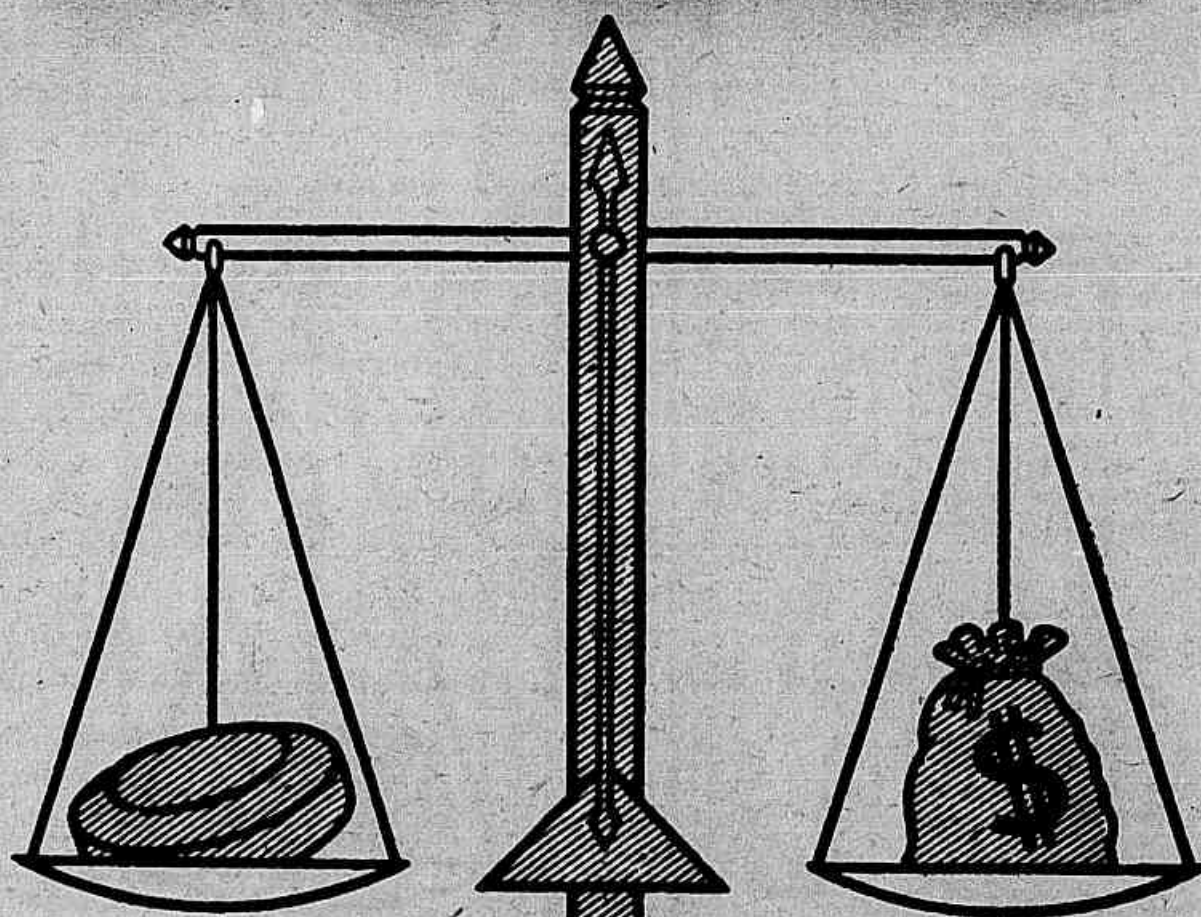
Série:
Redescobrimento da Vida
(Volumes já publicados)

A MONTANHA MÁGICA,
de Thomas Mann
LAMAS NAS ESTRELAS,
de William Bradford Huie
OS POSSESSOS,
de Dostoevski
A CONQUISTA DE GRANADA,
de Washington Irving

Coleção:
Os Grandes Romances da Tela
(Volumes já publicados)

A COMÉDIA HUMANA,
de William Saroyan
UM MERGULHO NO INFERNO,
de Allan R. Bosworth
TEMPESTADE,
de George Stewart
AINDA SERÁS MINHA,
de Charles Hoffmann
VALES PROFUNDOS,
de Dan Totheroh

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL



SABONETE

VALE QUANTO PESA

é o ideal para o banho!

GRANDE, BOM E BARATO

A VENDA EM TODO O BRASIL

Livros

CAXIAS E O SEU GOVERNO CIVIL NA PROVÍNCIA DO MARANHÃO, monografia por Astolfo Serra — Rio de Janeiro, 1945.

Os livros sobre Caxias formam uma estante magnífica. Não podia realmente tal individualidade caber na definição estabelecida por um só biógrafo. Por mais extenso e variado que fosse, um só livro, quer dizer: a obra dum só autor deixaria sempre alguma coisa por explicar ou revelar. Não se trata própria ou especialmente dum guerreiro, um político ou um estadista, mas dum complexo de virtudes e energias, formando uma figura de patriota. Em Caxias vários grandes homens se associaram em augusta harmonia. Estudar cada uma dessas parcelas, dessas feições dum vulto histórico que as gerações deverão ir admirando cada vez mais, é contribuir para o monumento que tudo ha de representar e consagrar. Assim o sr. Astolfo Serra se dedicou à investigação e ao já possível comentário do papel desempenhado pelo coronel Luiz Alves de Lima, na qualidade de Presidente e Comandante das Armas da Província do Maranhão.

Um dos primeiros capítulos do livro expõe, sucinta e ao mesmo tempo claramente até onde possível, a situação maranhense que determinou aquela interventoria. O caso de política partidária, súbitamente agravado pelo banditismo do arrombamento duma cadeia, redundara em qualquer coisa parecida com uma guerra civil. Os "Bentevís" e os "Cabanos", que vinham a ser os Guelfos e os Gibelinos do sertão maranhense, batiam-se onde quer que se encontrassem e em refregas progressivamente mais odientas e cruéis. Chegaram a estar em armas nada menos de onze mil homens. E nos meios políticos, nas esferas administrativas, na imprensa e em todos campos da opinião, outras batalhas se iam ferindo, com crescente rancor e intransigência implacável. Ao assumir cargo de tal responsabilidade, Alves de Lima deu logo o atestado necessário de como nos seus atos se aliariam a imparcialidade serena e a força da autoridade. A sua primeira proclamação, depois de se referir ao espectáculo de terror em que aquele pedaço do Brasil se havia convertido, termina com palavras duma eloquência mais que solene, sagrada:

"Maranhenses: Mais militar que político, quero até ignorar os nomes dos partidos que por desgraça entre vós existam. Deveis conhecer a necessidade e as vantagens da paz, condição da riqueza e da prosperidade dos povos; confiando na Divina Providência, que por tantas vezes nos tem salvado, espero achar em vós tudo o que for mister para triunfo da nossa santa causa."

Da ação de Alves de Lima, do esforço sincero, incessante, inquebrantável para cumprir o seu grande dever de Brasileiro, nos fala o sr. Astolfo Serra, pelas duzentas páginas do presente volume. A documentação, abundante sem excesso, está caprichosamente organizada. E em toda a parte de apreciação se afirma o escritor bem orientado e culto que soube dar o melhor estilo ao caráter e à intenção da obra.

ORIGEM E EVOLUÇÃO DA MÚSICA EM PORTUGAL E SUA INFLUÊNCIA NO BRASIL, estudo de Maria Luiza de Queiroz Amâncio dos Santos — Rio de Janeiro, 1943.

A prolecta professora de História de Música na Universidade do Brasil e musicista por muitos títulos respeitada e aclamada, que geralmente encurta o seu nome, assinando apenas Iza Queiroz Santos, apresenta-nos nestas páginas de luxo e de grande formato, um trabalho de largas proporções documentais e no qual sempre se afirma a mais concienzosa, mais bem intencionada vontade de acertar. Tratando-se duma contribuição destinada à Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, nem por isso nela prevalece o caráter de relatório, de organização oficial ou de qualquer modo burocrática. Só a chancela da Comissão referida e as fotografias dos dois Chefes de Estado, Dr. Getúlio Vargas e general Oscar Carmona, e do Embaixador Extraordinário general Francisco José Pinto atestam o destino especial que o livro devia ter. Não ha outra indicação que leve o espírito do leitor a apreciar o conteúdo de modo especial, dependente de qualquer circunstância ou convenção. Sem prefácio, sem qualquer nota explicativa, logo se entra no texto propriamente dito. E isto vale bem por uma nota simpática, pois a Sra. Queiroz Santos, sem invocar motivos para uma apreciação condicional ou relativa, apresenta o resultado do seu esforço que a opinião julgará simplesmente pelo valor.

A obra, profusamente ilustrada com desenhos representando curiosos instrumentos antigos; fotografias de interior de templos; e ainda páginas ou trechos de composição musical, divide-se em duas partes, a primeira das quais compreende cinco capítulos, a saber: Da musica árabe até aos bardos — Folclore canário — A musica em Portugal do reinado de D. Afonso III ao de D. Sebastião — principais vultos da polifonia vocal nos séculos XVI e XVII — De D. João V a D. Maria II. A segunda parte refere-se sobretudo à musica no Brasil, a erudita, a patrótica, a popular; e traz extensa cópia de biografias, dados de consulta, bibliografia, etc.

E' naturalmente uma obra para ser lida devagar, para ser analisada e meditada. O espaço destas notícias não permite o seu exame completo nem demorado. Bastará, porém, dizermos singelamente, leigamente, que a percorremos com a atenção cativa dos conceitos e estilo da autora.



Novos

OUTROS DIAS VIRÃO... romance de Ondina Ferreira — São Paulo, 1943.

Mais uma romancista. A galeria está realmente ficando numerosa, além de ilustre. A mulher assume naquele ramo das letras brasileiras uma situação de evidência, quasi diríamos de domínio, e que, não ha muitos anos, ninguém se lembraria de lhe atribuir. Para nos restringirmos a tal gênero, e a criações de caracter mais amplo e mais profundo, quasi não havia escritoras. No romance de observação e de análise, Júlia Lopes de Almeida ocupava um glorioso lugar à parte; e Carmen Dolores, por exemplo, constituia outra sensacional raridade. Eis, porém, que as mulheres, abandonando os lirismos e os sentimentalismos a que, de modo geral, pareciam eternamente condenadas, se emancipam desse destino arbitrariamente imposto, arredam para longe essa espécie de preconceito e avançam para a conquista, que já ninguém pode deixar de lhes reconhecer, do seu lugar ao sol, grande e forte sol dos trópicos, da novela brasileira. Hoje, as cultoras consagradas do romance e do conto formam um conjunto parecido com uma legião

e já por assim dizer, compõem um catálogo. Para se ver isso, basta alinhar — e não seguimos nenhuma ordem estabelecida, nem sequer a cronológica — os nomes de Maria Eugênia Celso, Carolina Nabuco, Rachel de Queiroz, Tetrá de Teffé, Dinorah Silveira de Queiroz, Sra. Luciano Dupré, Cacy Cordovil e esta poetiza, de tão bela e rica inspiração que ha algumas semanas se nos apresentou como admirável contista do *Navio sem porto*: Lia Correia Dutra. Isto, repetimos, só em prosa e na literatura de ficção. Sabe Deus, ainda assim, quantos nomes nos escaparam e talvez *des meilleurs*. ... Pois nessa vitoriosa plêiade feminina se vem agora alistar, para lhe acentuar o lustro e o prestígio, a Sra. Ondina Ferreira.

O seu romance apanha, em relances de ditosa observação, a vida esforçada, veemente, confiante e esplendorosa da capital paulista. A soberba cidade moderna aqui aparece, nas suas variadíssimas feições, como na exposição dos trabalhos dum só artista mas em que houvesse amplas telas panorâmicas ou de composição; rápidas *gouaches* lançadas no ardor e no frêmito do improviso; pasteis tocados com subtil esmero, para bem traduzir a esbelteza ou a ingenuidade duma figura moça; pontas-secas vigorosas, leves sanguinas, simples esboços para o leitor, imaginando o resto, completar a obra... E' por entre esses aspectos e episódios de grande vida urbana que passa a heroína, Maria Benta, moça pobre e ambiciosa, trabalhadora, lutadora, sonhadora, a quem estão reservadas aventuras simples, mas com alegrias adoráveis e terríveis decepções. Maria Benta, com o seu esforço honesto, os seus projectos de carreira profissional, os seus amores, as suas outras afeições felizes ou malfadadas, vive realmente e continuamente nas páginas — duzentas e sessenta, em amplo formato — do romance. O desfecho de resignação e renúncia, na partida para o refúgio distante duma fazenda, deixa-nos excelente impressão. E a mais simpática recordação nos fica do conjunto da obra, que certas impropriedades ou descasos de linguagens, adotadas — infelizmente — por tantos escritores de mérito, não chegam de veras a prejudicar.

O GENERAL CAFÉ NA REVOLUÇÃO BRANCA DE 37, por Benedicto Mergulhão — Rio de Janeiro, 1943.

Abre este livro uma exposição crônológica e tanto quanto possível orientadora dos acontecimentos, medidas oficiais, correspondências ou repercussões que no mundo e especialmente na America se verificaram em relação ao café nos anos de 1940, 41 e 42. Assim o leitor começa por adquirir uma noção geral de fatos e circunstâncias que de muito lhe servirá para a compreensão e apreciação da obra. Dá-nos a seguir o sr. Benedicto Mergulhão um *Pano de boca* no qual, com boa técnica de teatro, isto é: de modo directo rápido, intenso, como nas peças em que só há, por assim dizer, acção, nos apresenta um capítulo da Historia Brasileira. São tres páginas que desenvolvem e comprovam o sentido do periodo inicial: "O espaço que marca a permanência do Presidente Getúlio Vargas à frente dos destinos do país é, por certo, dos mais decisivos e o que impressionará estudiosos e historiadores quando se fizer, um dia, a reconstituição política e economica da vida brasileira nesta primeira metade do século XX".

O trabalho do sr. Mergulhão desenvolve-se entre duas feições distintas mas que ditosamente se combinam e harmonizam. Ora acompanhamos os algarismos e todos os dados duma monografia das que, sem incorrer no excessivo nem no supérfluo, esgotam o assunto, ora nos interessamos pelos comentários que o autor entende fazer a cada questão ou cada assunto. Temos então o organizador duma espécie de relatório revesado por um cronista dos mais cativantes — cronista no sentido de jornal, com a destreza e os recursos que a profissão exige: o juízo pronto, o critério firme, o entusiasmo combatente, a nota pitoresca, o traço de ironia. Mas a intenção patriótica domina da primeira à última página. E é com legítima autoridade e bem logicamente que o livro termina em tom de propaganda, de apostolado:

"Higienistas, fisiologistas de projecção mundial, clínicos esclarecidos na prática

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Manual Técnico dos Concursos

2.ª EDIÇÃO

organizado pelos Profs. Hugo Laércio de Barros e Fausto Cadorna
(De acordo com os Programas do D. A. S. P.)

PARA

ESCRITURÁRIO — POSTALISTA — TELEGRAFISTA — AUXILIAR E PRATICANTE DE ESCRITORIO — CARTEIRO — DATILÓGRAFO

Um opulento formulário de exercícios de todas as matérias dos concursos, com as respectivas respostas. Nas partes do POSTALISTA e TELEGRAFISTA, encontrará o candidato, além dos exercícios do Serviço Postal, as fórmulas devidamente preenchidas à mão, sendo assim, um volume de fácil compreensão e de grande aproveitamento, de acordo com a exigência da pedagogia moderna.

Preço — Cr\$ 20,00

NÃO ENCONTRANDO NA LIVRARIA DE SUA LOCALIDADE, PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL À

EDITORA PANAMERICANA LTDA.

Praça Tiradentes, 79, - 1.º andar — Telefone 22-0383 — RIO DE JANEIRO

A função dos acentos em português

Obra em que BRITO MENDES explica, com a máxima clareza, a maneira de acentuar as palavras em português, de acordo com a ortografia fonética oficialmente adotada e trazendo anexo o formulario ortográfico da Academia Brasileira de Letras.

PREÇO: CR\$ 4,00 — PEDIDOS À

Livraria-Editora Zelio Valverde

Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal 2956 — Rio
Remessas para o interior pelo Serviço de Reembolso Postal.

ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1944

Circulará em todo o país em princípios de Dezembro próximo a grande edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias inclusive conselhos práticos, notas uteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os militares, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio, toda a gente enfim, das cidades e dos campos, terá no ALMANAQUE EU SEI TUDO um informante através de leitura agradávelíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "LIVRO DOS MIL ASSUNTOS", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quasi 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

hospitalar; químicos que envelheceram em pesquisas, luminares das ciências biológicas; especialistas e profissionais no estudo das substancias necessárias à economia orgânica são acordes em proclamar que o café é a mais util das bebidas e que a sua vulgarização exprime legítima conquista da civilização."

Concitemos o mundo às delícias do café! Café à moda brasileira! Café das lavouras do Brasil".

J. L.

RSCRAGNOLLE DORIA

POMPEIA

Com felicidade e geral acolhimento publico, Paul Sondag introduziu em francês a palavra belicismo significando amor à guerra. Com mais relutância os franceses se tem habituado ao neologismo belicista, com o qual Sondag qualificou o amigo das lutas armadas.

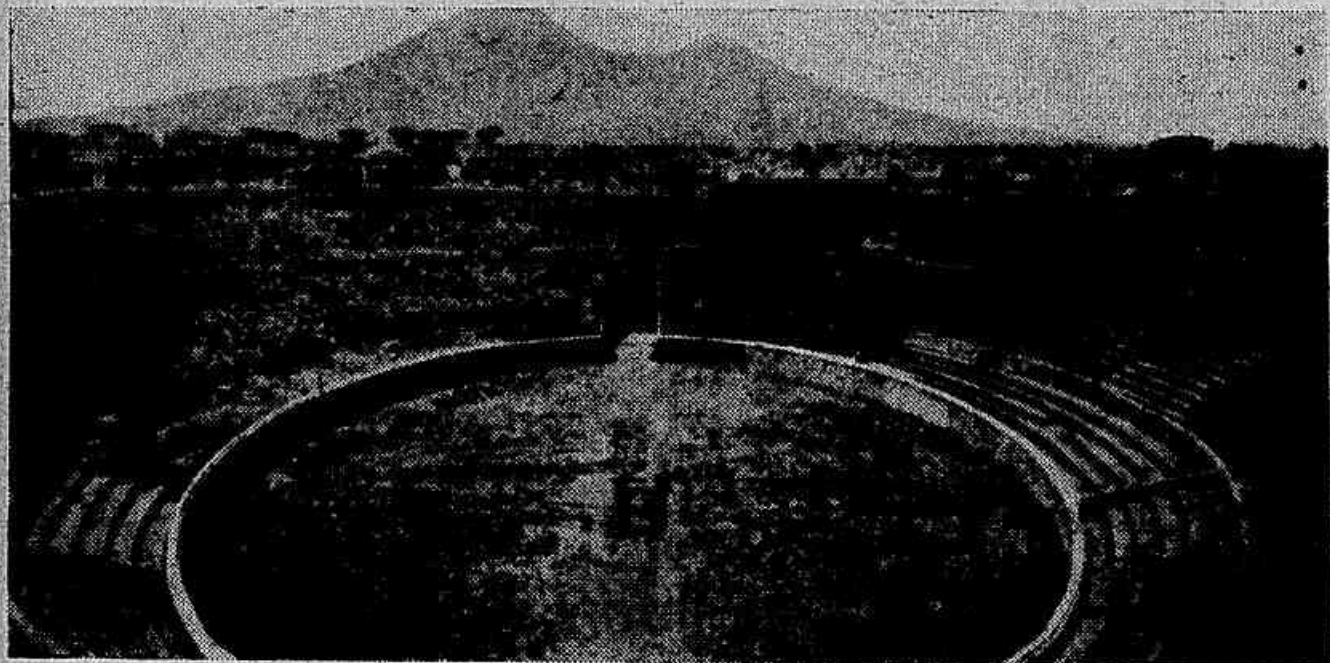
Sobram nestas, civis ou externas, muitos véos de luto pesado. Um destes cobre agora a península itálica, onde, segundo noticias telegraficas, até uma sombra de cidade está sujeita a beligerantes.

Aquela cidade morta é Pompeia, assolada e desolada pela catastrophe do ano 79 da era cristã. Tito cesareamente em Roma. A catastrophe ligou-se à vida de dous romanos illustres, tio e sobrinho, Plínio o Antigo e Plínio o Moço, inesquecíveis na cultura humanística.

Plínio Primeiro, em 79, capitaneava uma frota em Miseno, tão arredor de Napoles e do seu flamivomo companheiro irremovível, o Vesúvio.

Em 63 depois de Cristo, o vulcão castigara Pompeia, deixando-lhe metade no chão. Os vulcões pegam no sono espaçadamente, sono às vezes secular. Mas quando acordam estremunhando...

Semi-derribada em 63, Pompeia se reconstruía em 79, esperando que o Vesúvio,



Ruínas do anfiteatro de Pompeia.

por muitos anos, pegasse no sono, aos pompeianos assim dando licença para viverem sem olhos no perigo.

Eis que em 79 o Vesúvio desperta, estremunha, renova calamidade. Evocou-a Gonçalves de Magalhães, em famosa poesia, *Napoleão em Waterloo*, dizendo que

...a explosão outrora do Vesúvio
Até seus tectos inundou Pompeia.

Pompeia apenas não, também pó, fogo e fumo lá se foram em horrendo até Herculano e Stabies, como se uma só desgraça não bastasse.

A destruição de Pompeia, imaginou-a Lord Lytton com obra celebre. Ficou mais em sombra o destroço de Herculano e Stabies, aquela de ruínas bem interessantes, esta de outras mal exploradas, se dignas de atenção. Até no infortunio a sorte influe. Ela colocou Pompeia muito à vista da arqueologia e do turismo, cousas que uivam se as ajuntam.

Gente, gente e gente pereceu em Pompeia, só nomeada porém a vítima mais famosa, Plínio o Antigo. Plínio o Moço disse o tio um dos maiores registradores da terra, vivendo a tomar notas, fosse onde fosse, sem respeito a lugar, à mesa, no banho, em viagem; livros e livros cobertos de escrita apertada e fina.

Não podia Plínio o Antigo perder ensejo de observar de perto a erupção do Vesúvio de 79. Pereceu sufocado, deixando a Roma e a vindouros uma obra de quantioso valor documentario provida de montanhas de notas.

Afundada na decadencia, Roma sofreu o assalto dos barbaros avidos de conquistar a conquistadora. Destruida, por toda parte onde passara, Roma vive, por monumentos, obras e ruínas.

Entre elas estão as de Pompeia longamente soterrada até que escavações, em diversas épocas, a puzessem à flôr de solo. No proposito ninguem se avantajou ao arqueologo Fiorelli, procurando este trazer a descoberto o mais possivel todo o oval irregular da antiga cidade.

Referindo-se à Venus de Milo, Paul de Saint Victor exclamou: "Abençoado seja o camponio grego cuja pá exhumou a deusa soterrada havia dous seculos num campo de trigo! Por favor dele, a Beleza se elevou a um grão sublime, o mundo plastico tornou a encontrar sua rainha".

Bem haja realmente o camponio insular grego que não lhe acrescentou dano à ausencia de braços. Exhumar preciosidades não é dado a todos, demanda vagar, amor e ciencia levados ao extremo. Quem conviveu com arqueologos verificou a alegria ufana deles quando inventam onde quer que seja sobre tudo nas entranhas da terra.

Informação arqueologica diz que a parte descoberta de Pompeia não representa nem metade do conjunto da cidade mas lhe constitue a parte mais importante. Os trabalhos das escavações exigem operarios especializados, bem dirigidos, capazes de comprehender o valor e a prudencia do mysterio. A este são chamados no limite das quatro ruas principais da cidade ressuscitante.

Bem aprecia-a é vê-la varias vezes, pela manhã ao sol nascente e ao cahir da tarde, horas pela natureza diferenciadas à maravilha no chegar e partir da luz e das sombras.

Nas cidades modernas se encontram bastante nomes vulgares nas vias publicas. Em Pompeia os nomes das ruas são evocativos, sobretudo dois, os das ruas de Isis e da Abundancia. Da deusa egipcia curam poucos, abundancia todos almejam, mas...

A vida social de Pompeia é contada por seus monumentos e suas casas, suas ruínas: as do Forum, dos templos, dos teatros, das termas, das lojas, das suas Casas, às quasi a arqueologia impoz citação com maiuscula.

Possue Pompeia cemiterios originaes, imponente o da Via dos Tumulos consagrando o uso dos antigos de sepultar ao longo dos caminhos, os mortos assim ainda participes do rumor dos vivos.

Monumentos solenizam cidades. São as cartas patentes da sua vetustez e portanto da sua nobreza no tempo. Mesmo em esqueleto, os monumentos de Pompeia causam

esta impressão. Mesmo abalado até os fundamentos pelos terremotos de 63 e de 79, o Forum pompeiano diz grandeza, encerrando muito que vê na vida publica de Roma na qual se espelhou a do Mundo.

Em tal vida o comercio predominava, atestada nas lojas de Pompeia, aqui uma sapataria, ali uma taverna, acolá uma padaria e mais e mais.

O povo romano foi um povo de banhistas. Buscava as praias e os que a elas não podiam ir recorriam às termas. Ai encontravam, satisfazendo gostos e necessidades, a agua do *frigidarium* a estimular o corpo na frialdade, a agua do *tepidarium* para sedativo no banho morno, a agua do *caldarium* para transpiração provocada.

Dous teatros se levantam em Pompeia, e pelas dimensões se avalia quantos espectadores podiam abrigar, eles mais folgados no Teatro Grande, mas sem aperto no Pequeno.

Cidade romana sem amfiteatro enorme não se comprehende, e o de Pompeia dá razão a quem o afirma. Antes de recrear-se cumpre comer, e para alimentar população Pompeia estabeleceu Mercado onde ainda se encontraram provas da dileção dos pompeianos pelos peixes. Prova-o a quantidade de escamas trazidas ao solo pelo serviço das escavações. Ao mar e aos rios os romanos recorriam sem cessar para aprovisionamento ou luxo de suas mesas, sobretudo as de ricos. Nas mesas romanas, por primeiro prato, vinham ovos e a muitos anfitriões mais aprazia vêr comer. Autor de carta inteira enumerativa das ostras de toda a Europa, Augusto se contentava com os peixes pequenos dos quais grande apreciador conforme testemunhos coevos.

Desde que o homem começou a sahir do troglodita, libertando-se da vida aspera deste, entrou-lhe a idéa do conforto, a principio rudimentar, para depois de época em época chegar ao luxo, a diferenciar classes sociais no seu modo de viver. Os chamados degraus da escada social atapetam-se para os ricos; e os indigentes nunca neles põem um dedo do pé.

Concebe-se que em Pompeia opulentos, remediados e pobres se alojassem de modo diverso à feição de suas existencias, os ricos donos de casa inteira onde os escravos se apertavam em estreitos quartos do primeiro andar.

No centro da casa havia um pateo aberto e tal disposição dos imoveis pompeianos é bem conhecida, continuada posteriormente. No Rio de Janeiro o antigo hotel Giorelli, na atual praça da Republica esquina da atual rua Buenos Aires, tinha pateo aberto. Tornava este muito proferida aquela casa de hospedes sedentarios ou transitorios.

Lê-se em obras de arqueologia ser impossivel encontrar cidade mais ornada de pinturas do que Pompeia, nesta dominante o vermelho e o amarelo. Também não lhe faltavam estatuas, até na parte externa das lojas de negocio.

Nas pinturas pompeianas a mitologia é representada a cada passo, aqui no risonho do nascimento de Adonis o Formoso, querido de Venus, ali Dafne transmutando-se em loureiro para escapar à furia amorosa de Apólo, adiante Acteão à espreita da Diana no banho. Pompeia semejava-se de pinturas e emblemas de realismo das quais os guias tratam de afastar a atenção e ainda mais a vista de senhoras nos grupos de turistas.

Curioso de saber desde parvulo, D. Pedro II tornar-se-ia um excursionista infatigavel, podendo dizer sem erro: nisto de viagens peço meças a qualquer.

Passando por Napoles vio Pompeia, talvez lhe desenhando alguns aspéto e para tanto não desdenhava o lapis, taxado de "fatidico", a mal de deshonestos, principalmente de inimigos do erario publico. Nenhum brasileiro mais illustre que D. Pedro II percorreu Pompeia. cheia de casas apontadamente celebres e designadas com maiuscula, Casa do Fauno, Casa de Salustio, Casa de Pausa, Casa do Poeta Tragico, Casa de Vetti, esta amor da arqueologia.

O Museu de Napoles tem sido herdeiro forçado de tudo quanto de mais precioso as escavações de Pompeia trazem á luz do dia. Assim mesmo em Pompeia organizaram um Museu. Numa de suas salas, Fiorelli, de nome tão inseparavel de Pompeia quanto o de Maspero da conservação do Egito antigo, conseguiu deixar em montras moldagens de corpos humanos, até o de um cão aprisionado por cinzas vulcanicas. Tais moldagens são de vista impressionante e fornecem idéa do que devera ter sido a fuga sobre um sólo ardente e sob uma chuva ignifera e incessante.

Como se não bastasse, acha-se Pompeia exposta a terceira catastrophe de destruição desta vez sem culpa do Vesúvio. As bombas cahidas ha pouco em Pompeia e que podem tornar a cahir não atingiram nem atingirão vivos numa cidade morta, mas de atestado ao hontem da humanidade.

Quando se pensa no que agora póde ocorrer na Roma antiga, por efeito da guerra confrange-se o mundo pensante, em dobro, diante da insubstituibilidade do perdivel. Reconstruir ou imitar é falsificar. A monumentos e obras originaes applica-se o dito incisivo do padre Ricci ao ser proposta a modificação das constituições de sua Ordem: sejam o que são ou não sejam.

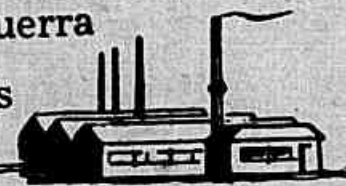


Restos da Casa dei Netti em Pompeia



Esta mesma lâmpada
poderá dar
MAIS LUZ

SIM... Poderá ter uma vida mais longa, poderá iluminar melhor... Mas como? Em primeiro lugar, utilize-a apenas quando necessário. Restrinja o uso das lâmpadas, àquelas necessárias ao seu trabalho ou à sua leitura. Coloque-as na posição mais adequada. Proteja a sua vista, evitando que a luz incida sobre os seus olhos. Aumente de 25 % a 30 % a sua luminosidade, fazendo limpar com frequência os seus globos. Use abat-jours claros que não absorvem a luz. Assim fazendo, estará também colaborando para a Vitória, porque toda economia de materiais indispensáveis à indústria bélica é uma forma de cooperar para a Causa das Nações Unidas, em cuja produção de guerra estão empenhadas as fábricas e os laboratórios da General Electric. Economize as suas lâmpadas G. E., prolongue a sua duração e prestará, assim, uma nova contribuição para a Grande Causa!



GENERAL  ELECTRIC

★ CONTRIBUA PARA A VITÓRIA COMPRANDO BONUS DE GUERRA!

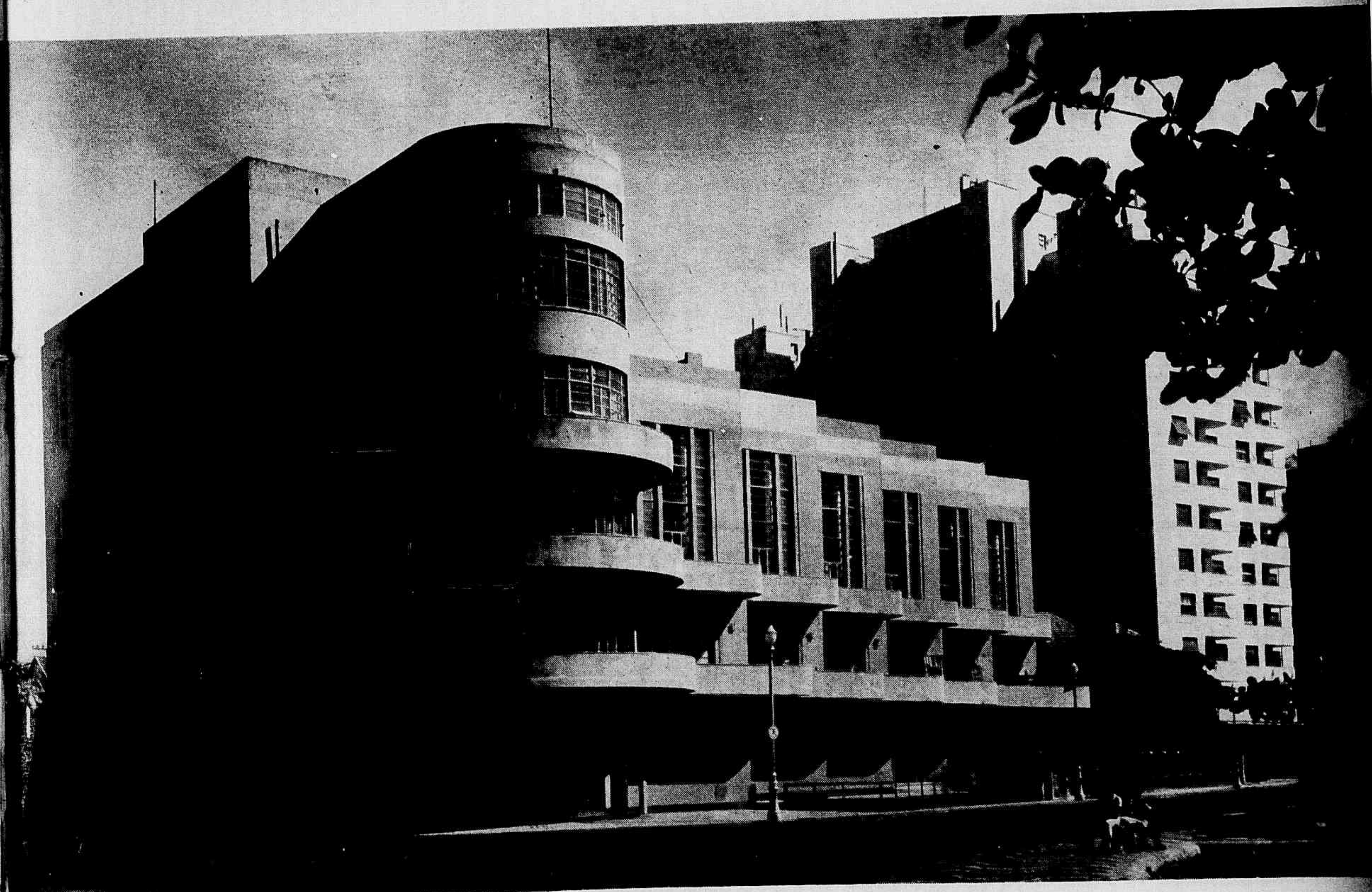


AO PAI DA AVIAÇÃO
HOMENAGEM da
PANAIR DO BRASIL

O CASSINO ATLANTICO CONTINUA A OFERECER A ELITE DO RIO DE JANEIRO NOITES INESQUECIVEIS DE ENCANTAMENTO E DE ARTE. EM SUA NOVA E MARAVILHOSA "BOITE". NAS GRAVURAS QUE ESTAMPAMOS NESTA PAGINA PODEMOS APRECIAR UM DESLUMBRANTE ASPECTO DO EXTERIOR DO QUERIDO CASSINO DO POSTO SEIS E OS ELEGANTES "HABITUES" DA BELA "BOITE" CARIOCA APLAUDINDO UM DOS NUMEROS ARTISTICOS DO "SHOW" QUE, PRESENTEMENTE, ENCHE DE DELICIOSA ALEGRIA AS NOITES DO PALACIO ENCAN-TADO DA MAIS LINDA PRAIA DA METRO-POLE BRASILEIRA.



Cassino Atlantico





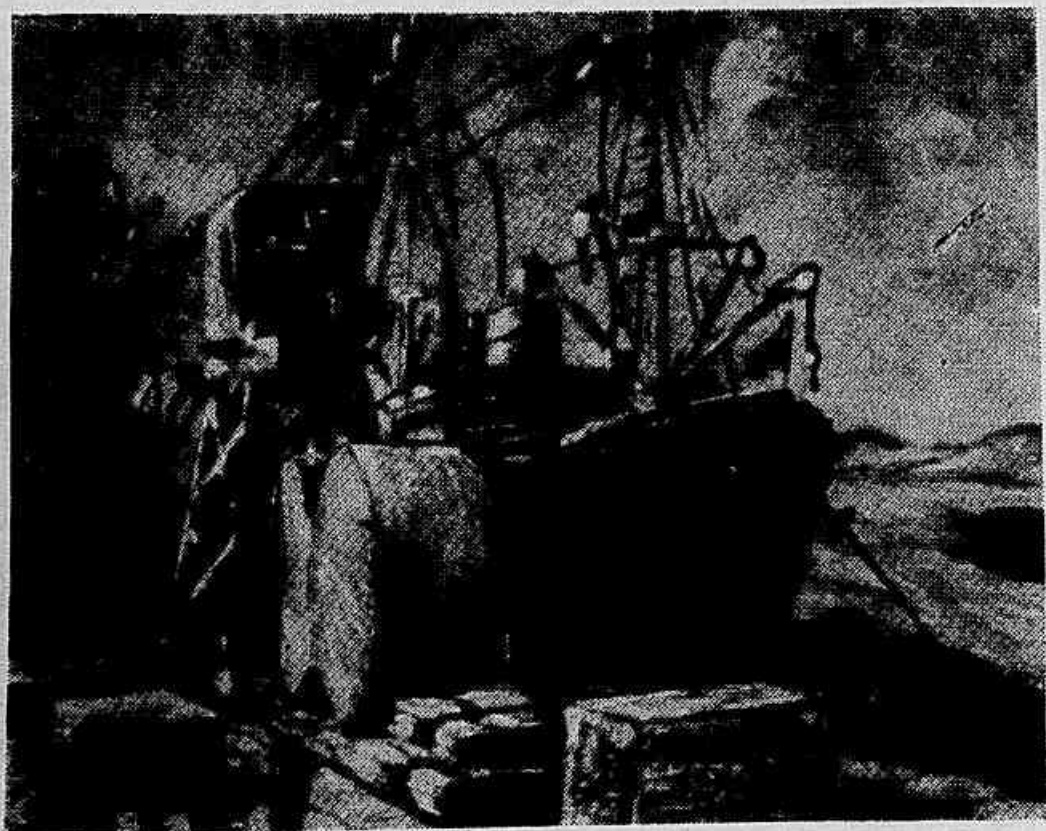
AGUA - CEARA' — JOÃO JOSE' RESCALA : PREMIO DE VIAGEM A' EUROPA

Quem conheceu o Salão Nacional de Belas Artes de ha alguns anos, não muitos, e vai visitar o de agora, não pode deixar de trazer uma impressão ditosa. O nivel geral, a bitola das obras exposta subiu consideravelmente.

Havia dantes um critério terrível em arte: o das contemplações. Os juris cediam a um sistema de motivos para admitir trabalhos medíocres e, não raro, muito abaixo disso. Havia as amizades, os coleguismo, a "política", a interferência deste alto funcionário ou daquele abastado Mecenaz — inconcientes ambos — toda a sorte de considerações pessoais e toda a sorte de pistolões. A par disso, vigorava uma

noção contra a qual parte dos expositores e parte da crítica debalde lavravam os seus protestos. Entendia-se que o Salão, com as suas paredes, o seu catálogo, os seus prêmios — pelo menos as suas menções honrosas — devia constituir, para os jovens ainda por formar, por definir, um elemento de animação, de estímulo. Com esses jovens sem experiência, vinham os concorrentes já maduros, mas peiores ainda. E de tudo isso resultavam, em relação a cada quadro ou cada escultura superior, torrentes, avulsões de vulgaridade.

Felizmente, tem-se agora estabelecido, na chamada Divisão Geral, orientação diferente daquela;



CAES — LUIS SANTOS.



GRUPO — ALFREDO CASCHIATTI.

Salão



GRUPO FEITO NO SALÃO VENDO SE O PROFESSOR DEVEZA — MEMBRO DA COMISSÃO JULGADORA. OS PINTORES DURVAL SERRA, HILDA CAMPOFIORITO, ADO MALAGOLI, LUIS SANTOS, ETC.

considera-se que o Salão não pode representar um acoroçoamento em toda a linha, um favor liberal, quasi incondicional, mas sempre, dalgum modo, uma consagração. Por isso ele diminuiu em quantidade,



RETRATO DE JERONYMO RIBEIRO — DE ARMANDO PACHECO : PREMIO DE VIAGEM NO BRASIL.

de 43



NOSSA REDATORA CONVERSANDO COM HILDA CAMPOFIORITO



SONATA AO LUAR — PEDRO BRUNO. MEDALHA DE HONRA.



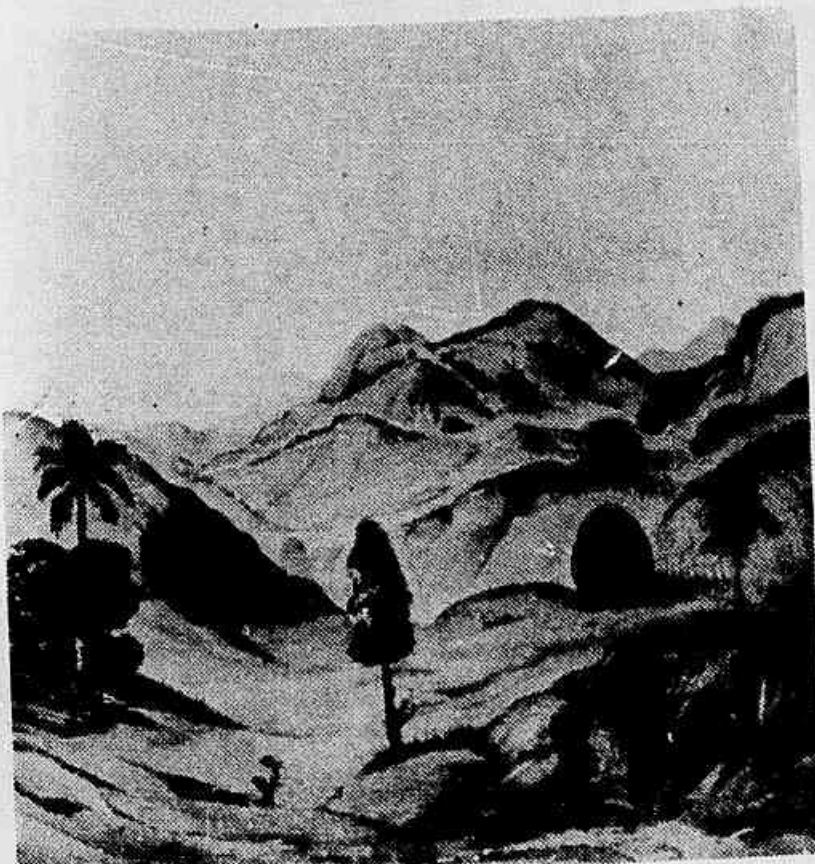
INTERIOR DE GABINETE — MANUEL CONSTANTINO.



FREVO NA RUA ESTREITA — LUIS SANTOS.



MELANCOLIA" DE ADO MALAGOLI.



PAISAGEM — MEDALHA DE PRATA. PEREIRA RAMOS

mas poderosamente se elevou na média da qualidade. Na Divisão Geral, que nos oferece as criações de Visconti, Bracet, Oswaldo Teixeira, Carlos Oswald, Seelinger, Madrugá, Pedro Bruno, Edgar Parreiras, Georgina de Albuquerque — para só citar, de memória e rapidamente, alguns Medalha de Ouro — não se entra hoje só porque para isso se meta empenho valioso ou se peça com bons modos, mas sim porque se merece lá entrar.

Tal a reflexão que os velhos visitantes fazem, percorrendo as salas da atual exposição. E com isso devem exultar todos os que, conforme o conceito clássico, por entender a arte, bem a estimam.

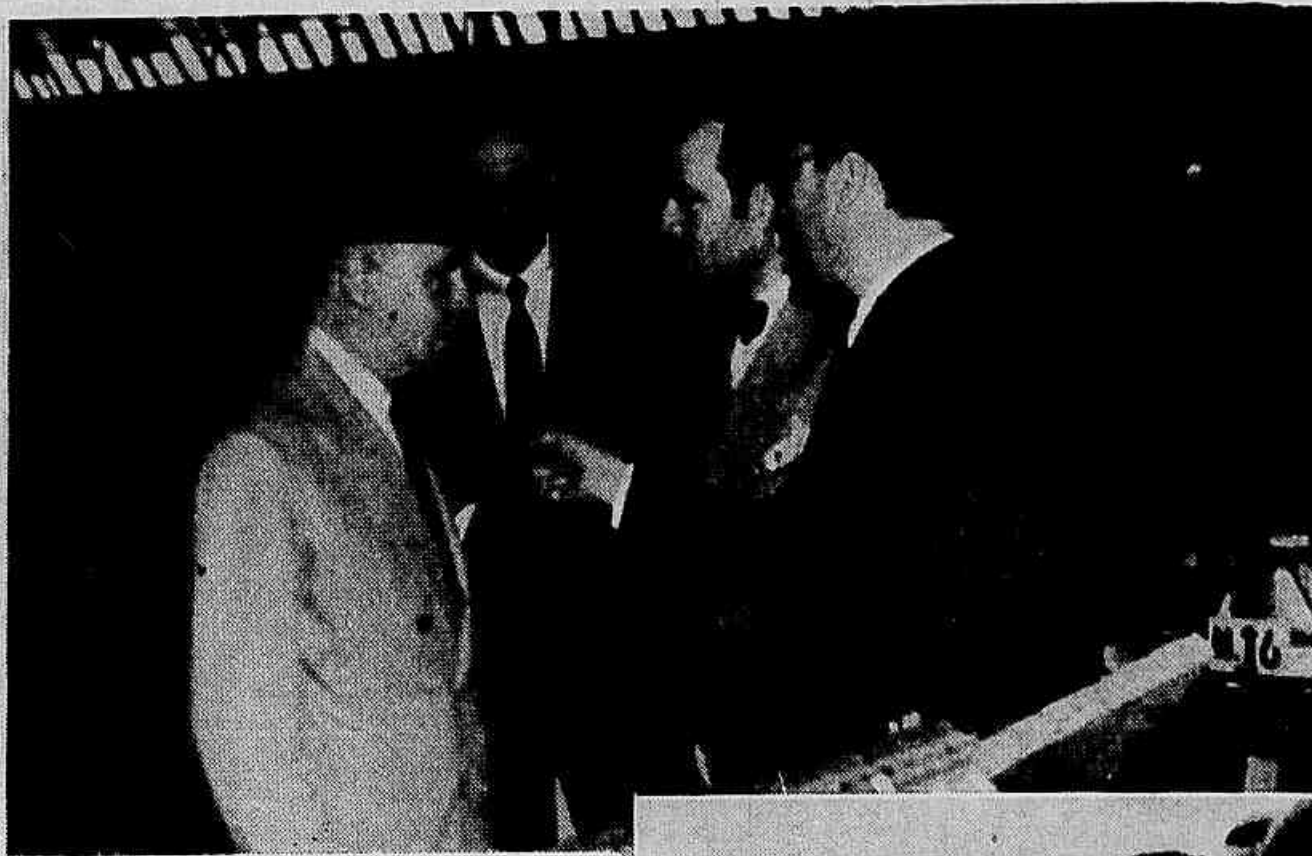


CABEÇA — BRUNO GEORGI.



O Dr. Luiz F. Marques, Vice-Presidente da Cia. Nacional de Navegação Aérea explica ao Ministro da Viação e ao Major Napoleão Alencastro Guimarães a confecção de nervuras de asa que são realizadas pelos aprendizes.

O Sr. Pedro Brando expõe ao General Mendonça Lima e ao Major Alencastro Guimarães as vantagens do emprego do *frejo* nos aviões da Organização Henrique Lage.

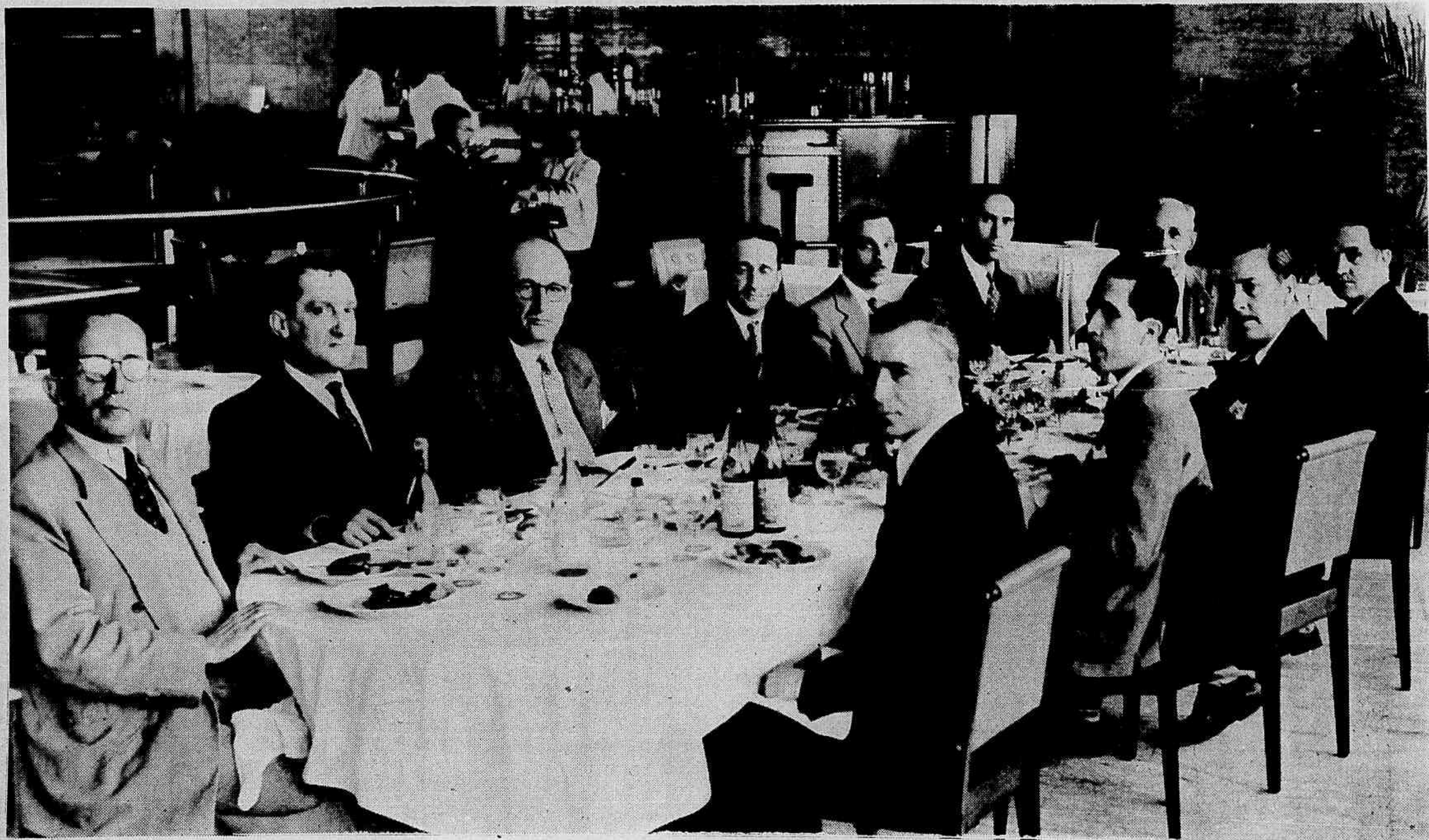


O Ministro Mendonça Lima e o Sr. Pedro Brando escutam a explicação de um detalhe da fabricação do H. L. 8, dada pelo Vice-Presidente da Cia. Nacional de Navegação Aérea.

O Superintendente da Organização Henrique Lage, Sr. Pedro Brando, mostra aos visitantes os planos da futura fábrica de aviões a ser construída na Ilha do Engenho.



O MINISTRO DA VIAÇÃO EM VISITA À ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE. AS GRAVURAS ACIMA E AOS LADOS FIXAM ASPECTOS TOMADOS PELA OBJETIVA DA REVISTA DA SEMANA DURANTE A RECENTE VISITA FEITA PELO GENERAL MENDONÇA LIMA, MINISTRO DA VIAÇÃO, À FÁBRICA DE AVIÕES DA ORGANIZAÇÃO HENRIQUE LAGE, SITUADA NA PONTA DO CAJÓ.



C. Gusmão & Cia. Ltda.

A foto acima fixa um aspecto do almoço de confraternização dos sócios da firma C. Gusmão & Cia. Ltda. realizado em comemoração do primeiro aniversário da instalação de sua grande papelaria e tipografia.



A VELHA CASA

Conto de IGNEZ MARIZ

"Ah, o que existe de maravilhoso numa casa não é que ela nos abrigue e nos conforte, nem que tenha paredes. É que deponha em nós, lentamente, tantas provisões de doçura. Que forme, no fundo de nosso coração, essa nascente obscura, de onde correm, como água da fonte, os sonhos"...

ANTOINE SAINT-EXUPÉRY

Em toda família tradicional do Nordeste, existe alguém que se especializa na arte de contar histórias de Trancoso. Lá-em-casa Ninita era a profissional no gênero. Dissertava com fluência incrível, qualidade principal para desempenhar bem o ofício. Sentada numa rede baixa, balançando devagarinho p'ra lá e p'ra cá, ela prendia de maneira completa o auditório, que lhe ficava em frente, espalhado numa esteira e em todas as posições. Muitas daquelas histórias falavam de princesas que reinavam em castelos encantados. Imaginava eu então que eles não seriam mais imponentes do que a nossa residência secular, encravada no mais remoto sertão paraibano. Arejada, clara e tão espaçosa, a minha velha casa, que eu me satisfazia inteiramente no meu pequeno mundo e até certa idade não desejei nenhum outro. Quando de uma feita folheei uma revista que trazia reproduções de castelos autênticos, fiquei decepcionada. Ante obras primas de arquitetura, a minha pobre casa parecia moldada por um caixão qualquer! Onde os torreões esguios, elegantemente arredondados? Onde as ameias eretas que lhe emprestassem um porte senhoril? De castelo, só possuía os muros espessos, casa-grande que me velaste a infância clausurada. Fui me queixar à Ninita:

— Pelas histórias que você contava, pensei que isto aqui fosse igualzinho a um castelo medieval... e é tudo tão diferente!

— Excesso de romantismo seu, pequena. Não tenho culpa de nada. Ou você acaba com a imaginação, ou ela acaba dando cabo de você...

Olhando atenta a bruma do passado, revejo uma cena que ressalta estranhamente, pela nitidez, em meio das paisagens esbatidas de outros tempos.

Uma menina de sete anos apanha carinhosamente os cabelos da morta Bem-Amada, que mãos indiferentes cortaram e jogaram a um canto do quarto imenso, em cujo leito já não repousa mais. Aquela que ali se debatera longos meses contra a morte. Depois, a pequena se acerca de quem está cortando a mortalha, junta os retalhos que sobraram, um a um, e os guarda como relíquias. Vai então rezar de joelhos na sala-de-visitas, diante do caixão onde Ela repousa... agora para sempre. Grandes círculos quasi no fim espalham por todo o ambiente esse cheiro característico de santuários, e derramam sobre os objetos em redor uma luz amarelada que torna tudo ainda mais triste.

E a menina sente a estranha sensação de que as velas, deixando escorrer grossas

lágrimas de cera, estão ali para ajudá-la a chorar a ausência daquela que se foi... para nunca mais voltar.

Faz tanto tempo! Sai pela vida a fora sem os cuidados dela, enfrentando desalentada e só os tropeços do meu caminho.

Mas, envoltos em doce lembrança, ainda hoje me acompanham aqueles cabelos, os retalhos e uma vela... a vela que chorou comigo, quando Mamãe morreu.

Seria mesmo "da graça", o ano de 1924?

Nessa época eu era interna de um colégio de Irmãs francesas, na Capital do Estado. Com o meu belo apetite de todos os tempos sentei-me naquele domingo à mesa do refeitório e pretendia investir bravemente contra o prato do dia, quando uma conterrânea, de passagem para o seu lugar, abaixou-se ligeira e me disse qualquer coisa ao ouvido. Essa "qualquer coisa" era a novidade mais horrível que alguém poderia receber em qualquer tempo:

— Lampeão atacou Souza!

Como três palavras apenas são suficientes para deixar uma pessoa **nocaute!** A notícia, como se vê, era dessas que desmoronam uma criatura, por mais vitalidade, mais auto-controle, mais coragem que ela possa ter. O cangaceiro ameaçara mais de uma vez ir a Souza "acabar com a raça dos Mariz"... a pedido.

Eu tinha então naquela cidade um pai velho e doente, oito irmãs e um irmão valentão, que gostava mesmo de coisas no gênero, para se espalhar. Durante um ataque de bandidos, o melhor que poderia acontecer era isto: Papai retirar-se com todas as filhas, caso fosse possível. Otávio, eu o conhecia de sobra, para saber que daria preferência à refrega. E cangaceiro não deixa inimigo com vida, si puder fazer o contrário. E eu queria um bem medonho àquele irmão!

Minha choradeira foi tão alta que naquela manhã ninguém pôde comer em paz em toda a extensão do refeitório. A freira encarregada de manter a ordem teve coragem suficiente para me chamar a atenção com aspereza:

— Mademoiselle "Mariz"... contenha-se! Por que se amofina tanto quando a Eulália está tão calma?

Ah, meu Deus, como poderia eu fazer compreender àquela Irmã a diferença existente entre Papai, chefe político de prestígio formidável, e o fazendeiro analfabeto que era pai de Eulália? Olhei a religiosa de frente, com raiva e com desprezo. Por onde andavam naquele momento a decantada teoria da solidariedade humana e uma tal de caridade, de que os meus livros de meditação andavam cheios?

Teria que me conter, quando meu pai velhinho, doente e quasi cego, arranhando-se todo, atravessava uma roça de touceiras de carrapicho, procurando abrigo no matagal. Teria que me dominar, quando oito irmãs, algumas com filhos pequenos nos braços, fugiam espavoridas, ouvindo o assobiar das balas passando a centímetros de suas cabeças.

(Continúa na página 46)

◆◆◆◆◆



POSSE DO CAPITÃO DR. CARLOS SUDA' DE ANDRADE no Instituto de Geografia e Historia Militar do Brasil, na cadeira patrocinada pelo general João Severiano da Fonseca. Além do recipiendário vemos na foto o general Souza Ferreira, diretor do Serviço de Saude do Exército, general Souza Doca, diretor do Serviço de Intendencia e presidente do Instituto, prof. Cesario de Andrade, presidente do Conselho Nacional de Ensino, e coronel Luiz Lobo, secretario do Instituto.

O CENTENARIO DA BOLSA DE VALORES DO RIO DE JANEIRO — Em 21 de outubro de 1843 era fundada a Bolsa de Valores, criando-se a seguir a classe dos corretores de fundos publicos. Decretada a existencia legal da Bolsa, tomou vulto como elemento controlador e fiscalizador das transações de fundos publicos e de empresas particulares, vindo a ser denominada recentemente Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. A foto acima reproduz um dos animados pregões que a Bolsa de Valores realiza diariamente em sua sede.



HOMENAGEADO O PROFESSOR AUGUSTO PAULINO — Dentre as homenagens prestadas ao professor Augusto Paulino, por motivo do transcurso do seu aniversário natalício, destacou-se a que lhe foi prestada pela venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, Convento da Lapa, da qual o eminente mestre da medicina brasileira é irmão Prior. Após a missa festiva, oficiada por Frei Policarpo, Comissário da Ordem, o Professor Augusto Paulino recebeu, na sacristia, as congratulações dos seus amigos e admiradores. No clichê" acima, vê-se o homenageado sentado no centro do grupo, notando-se a presença das alunas do Colégio Santa Tereza, que compareceu incorporado àquela festividade.

A AÇÃO SOCIAL E CULTURAL DA AABA

Os funcionários do Instituto do Açúcar e do Alcool possuem uma sociedade que tem o nome Associação Atlética Brasil Açucareiro.

Funcionando desde 1939, a A. A. B. A. tem desenvolvido um trabalho no sentido de maior aproximação entre os servidores do Instituto do Alcool e do Açúcar, que mereceu a acolhida da administração, tendo o sr. Barbosa Lima concedido uma subvenção. No prédio que o I. A. A. adquiriu para sua sede, foram reservadas no 11.º andar instalações para a Associação, dispondo de salas para secretaria e biblioteca circulante, outra de leitura e jogos de salão, outra para material esportivo, etc. Assim, podem os funcionários, durante o descanso, reunir-se.

A A. A. B. A. mantém um quadro de "foot-ball", que tem disputado partidas com organizações congêneres. A A. A. B. A. promove excursões entre os seus sócios. Um grupo de funcionários já teve oportunidade de visitar Volta Redonda.

A A. A. B. A. realizou uma excursão à ilha de Itacurussá e cuida de uma a Campos. Em Campos, os excursionistas visitarão a Distilaria Central em Martins Lage, usinas, a Estação Experimental de Cana, etc. Será disputado por essa ocasião um jogo de "foot-ball", entre os "teams" da A. A. B. A. e do Sateçucar Atlético Clube, constituído pelos funcionários do I. A. A., em Campos.

A A. A. B. A. proporcione aos sócios e famílias reuniões dansantes, e na parte cultural são interessantes as atividades da A. A. B. A. Possui ainda a A. A. B. A. uma discoteca valiosa. A foto acima nos mostra um grupo de sócios da A. A. B. A. excursionando.



DR. EDMUNDO

Repercutiu dolorosamente no seio do jornalismo e na opinião publica a noticia do falecimento de Edmundo Bittencourt, fundador do "Correio da Manhã", nome ligado intimamente à historia do jornalismo do Brasil, de que foi uma das figuras de maior destaque. Muito embora já houvesse deixado a vida de jornal, do seu recolhimento, em Teresópolis, onde fôra buscar um pouco do merecido descanso a que fez jus pelo seu esforço, tenacidade, inteligencia e amor ao trabalho, criava para os moços que se fizeram sob a direção de sua vocação inspirada a energia e o animo necessarios para prosseguir na carreira em que ele tanto brilhou. Da sua profissão de advogado, que deixou para se dedicar unica e exclusivamente ao jornalismo, guardou a força de expressão e o calor, bem inflamado, do estilo.

Nasceu Edmundo Bittencourt, a 5 de Fevereiro de 1866, numa fazenda de propriedade de seus pais, no Rio Grande do Sul, na localidade denominada Pau Fincado, municipio e comarca da cidade de Santa Maria da Boca do Monte. Eram seus pais Manuel Lopes Bittencourt e d. Maria Francisca Bittencourt. Orão de pai aos sete anos de idade, Edmundo Bittencourt começou os seus estudos numa escola primaria, revelando-se desde então de uma inteligencia e capacidade de applicação verdadeiramente excepcionais, distinguindo-se facilmente entre os seus colegas de classe. Terminada a escola publica, onde aprendera as primeiras letras, passou Edmundo para o colégio dirigido por Hilario Ribeiro, colegio que abandonou antes de terminar os estudos, pela necessidade de trabalhar, uma vez que era o arrimo de sua mãe. Empreendeu-se o jovem Bittencourt como copista de trabalhos forenses, incumbencia de que se desempenhava com a exatidão que haveria de constituir sempre um dos muitos meritos revelados em toda a sua vida. Nesse trabalho foram encontrados os advogados Severino de Freitas Prestes e Antonio Lara de Fontoura Palmério, que o tomaram a seu serviço.

Impressionado pela inteligencia e vivacidade do jovem, o dr. Severino encaminhou-o ao Ginasio São Pedro, educandario dirigido pelo dr. Benigno de Castilhos, onde Bittencourt teve mais uma vez oportunidade de afirmar as suas excepcionais qualidades.

Aos 18 anos, Edmundo prestava um concurso para amanuense na Tesouraria Provincial,



BITTENCOURT

destacando-se de tal maneira nas provas que mereceu por parte da banca examinadora menção especial, no relatório enviado ao governo. Nesta época, por sugestão do seu chefe de secção, Bittencourt passou a colaborar no jornal "A Reforma", órgão do partido Liberal. Essa colaboração impressionou vivamente as esferas politicas e governamentais, fazendo mesmo com que Gaspar Silveira Martins, chefe do partido da Provincia, felicitasse pessoalmente o novel jornalista e o mandasse a São Paulo, estudar direito, prontificando-se a obter que o Estado mandasse pagar a Bittencourt, integralmente, o seu ordenado de amanuense, para que pudesse custear os estudos; mas perdendo o titulo que lhe dava direito a receber os proventos do cargo, de que se afastara, tratou o jovem riograndense de conseguir emprego, o que não tardou a se verificar, dispensando por esta forma o favor que a sua Provincia lhe quizera prestar. Depois no Rio conseguiu provisão de solicitador, frequentando assiduamente a casa de Rui Barbosa e Sancho de Barros, Pimentel, a conselho dos quais resolveu concluir o curso juridico, o que levou a efeito na Faculdade de Direito desta capital.

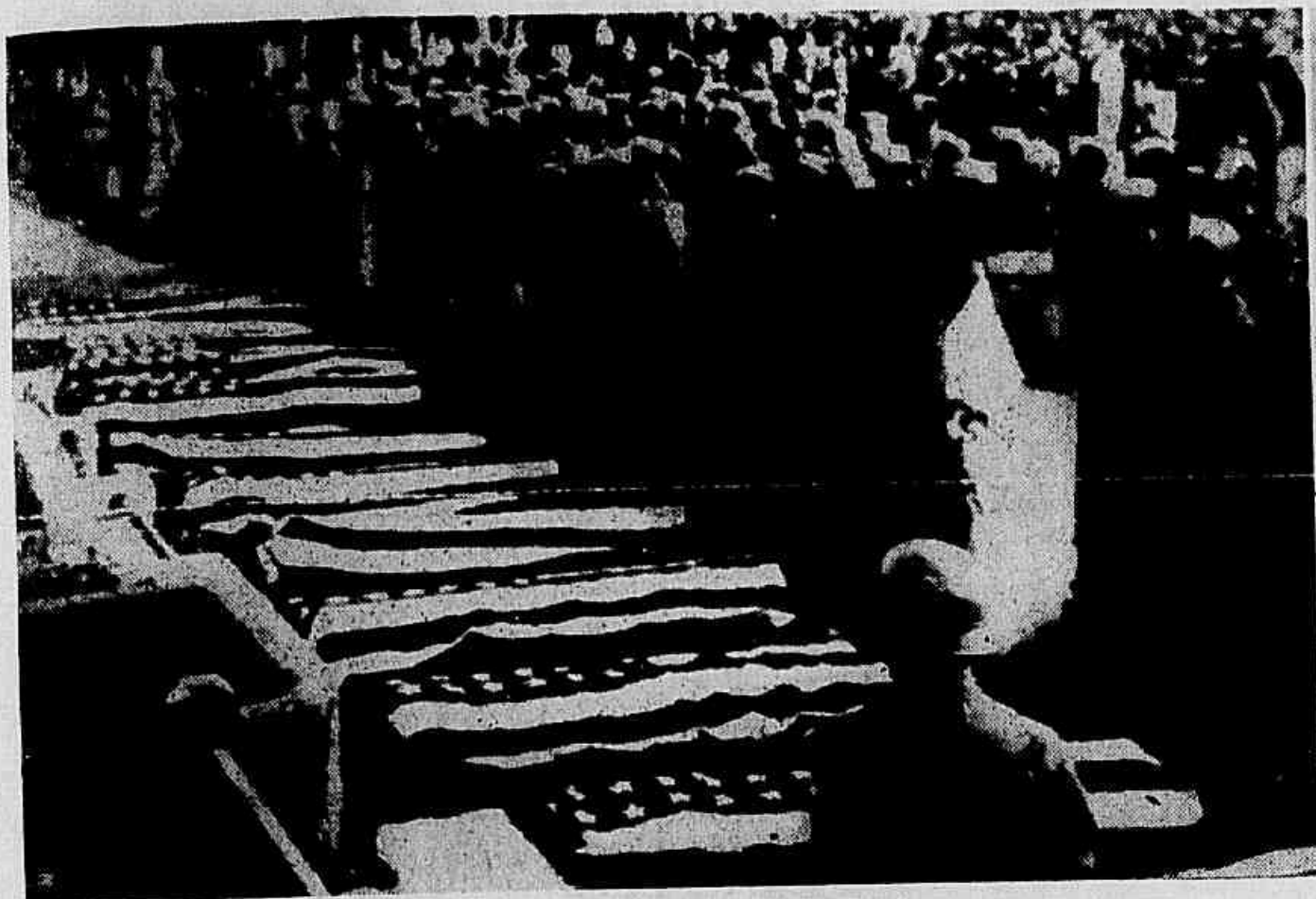
Formado que foi, seu nome era sempre apontado para patrocinar grandes causas, competindo com advogados de renome, o que assinalou a sua vida de jurista no cenario da capital do paiz.

A 23 de Maio de 1890, uniu-se em matrimonio a d. Amalia Muniz Freire com quem viveu sempre na maior felicidade conjugal.

Dois filhos teve o casal, Paulo e Aloysio. E, se este ultimo pouco tempo teria de vida, o primeiro se tornaria o continuador infatigavel da obra realizada por Edmundo Bittencourt, não permitindo que um patrimonio illustre passasse à guarda de extranhos.

A 15 de Junho de 1901, Edmundo Bittencourt funda o "Correio da Manhã", contando logo no inicio com a solidariedade de Manuel Vitorino, Leão Veloso e Vicente Piragibe, que foram os seus companheiros de jornada. Figuras illustres das letras e do jornalismo passaram logo a colaborar no "Correio da Manhã" atraídos pela sedução do seu entusiasmo e cultura. No artigo programa do matutino que fundara, Edmundo Bittencourt afirmou que não precisava de muitas palavras, porque queria falar para o povo na unica linguagem que se lhe devia falar, a da franqueza e da sinceridade.

FLAGRANTES DA GUERRA



1

FUNERAL DE AVIADORES DOS ESTADOS UNIDOS. OBTIDA POR INTERMÉDIO DE UM PAÍS NEUTRO E RADIOGRAFADA DE LONDRES PARA NOVA YORK, ESTA FOTO REVELA O FUNERAL DE 40 AVIADORES AMERICANOS, ABATIDOS DURANTE UM "RAID" DAS FORTALEZAS VOADORAS, SOBRE A AUSTRIA, PARTINDO DE BASES DA AFRICA DO NORTE. FORAM PRESTADAS HONRAS MILITARES POR UMA GUARDA DE SOLDADOS ALEMÃES, COBRINDO-SE OS ESQUIFES COM BANDEIRAS AMERICANAS.



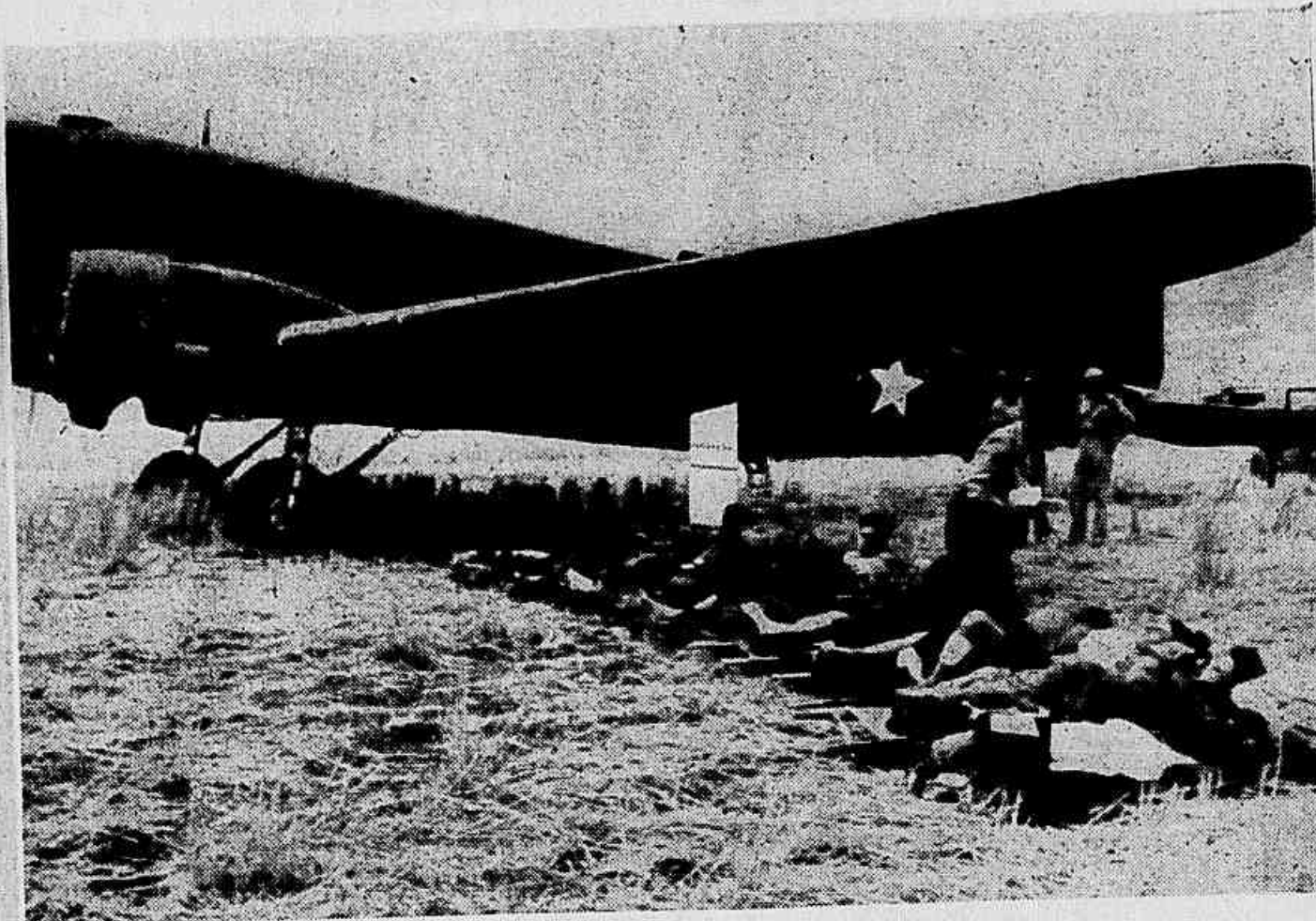
2

ASSISTENCIA MUTUA ENTRE OS PRISIONEIRO NAZISTAS. A UM PRISIONEIRO DE GUERRA, NA ITALIA, O MÉDICO ALEMÃO KARL KRUGER FAZ OS CURATIVOS NUM FERIMENTO DO BRAÇO, ENQUANTO UM SOLDADO DA POLICIA MILITAR DOS ESTADOS UNIDOS TOMA NOTA DA DATA EM QUE SE VERIFICOU A PRISÃO DO FASCISTA.



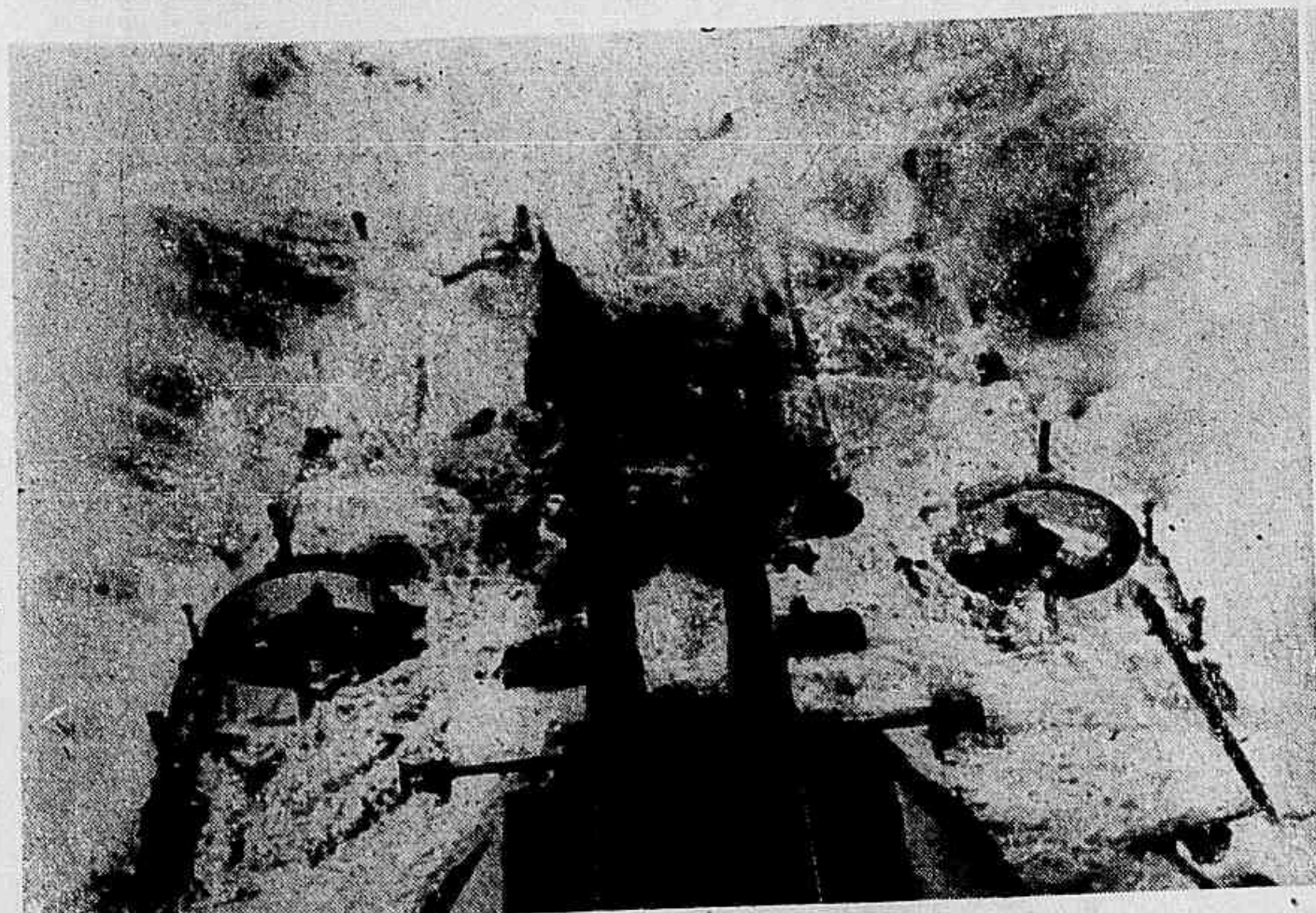
3

CELEBRANDO A BATALHA DA INGLATERRA. SUAS MAJESTADES O REI E A RAINHA DA INGLATERRA APARECEM NESTA FOTOGRAFIA, TOMADA NA CATEDRAL DE SÃO PAULO, QUANDO DAS CELEBRAÇÕES DA BATALHA DA INGLATERRA. A RAINHA CONVERSA COM A ENFERMEIRA HARRIS, QUE INTEGROU A GUARDA DE HONRA NAS ESCADARIAS DA CATEDRAL.



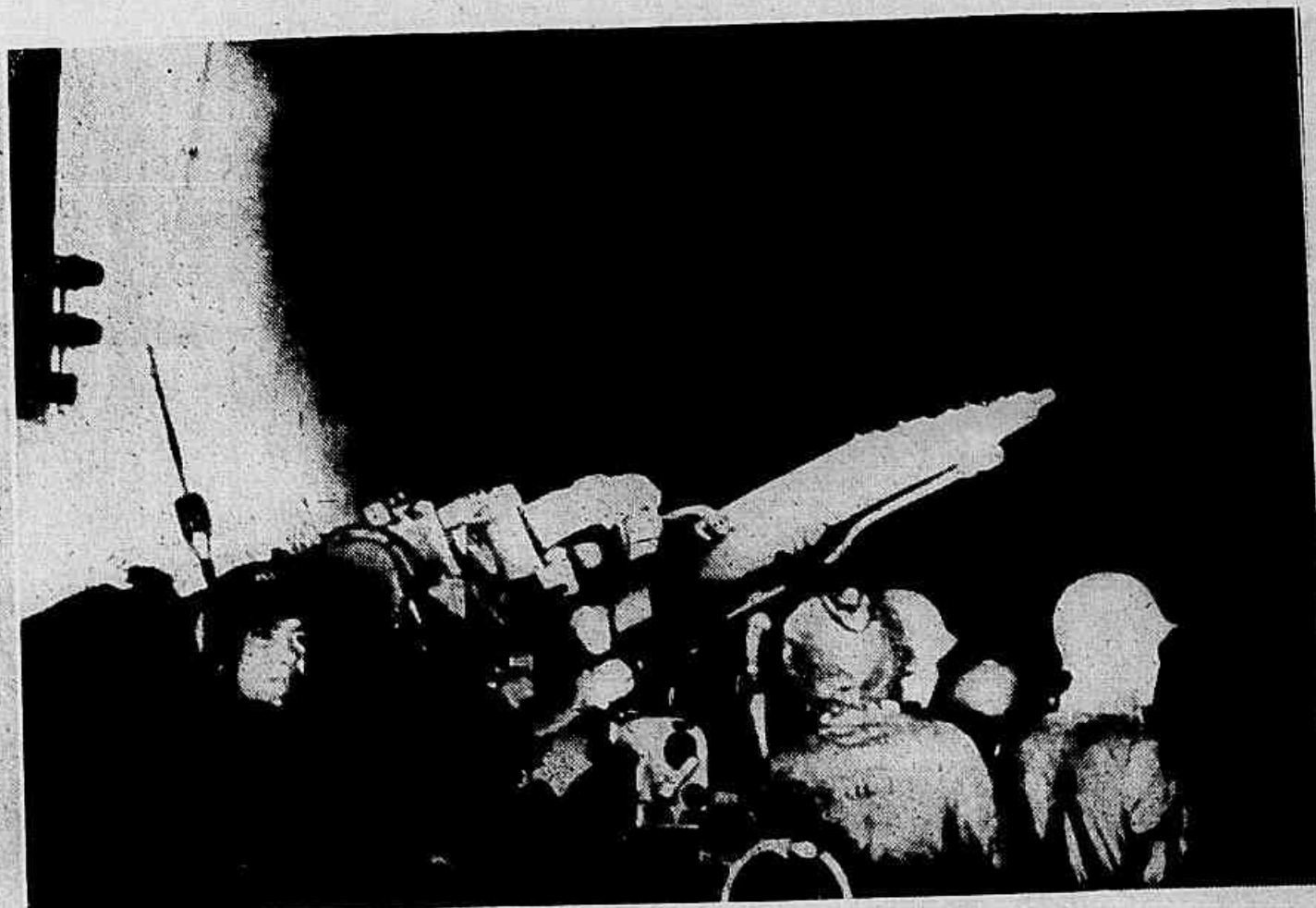
4

FERIDOS DE GUERRA ESPERANDO O MOMENTO DE SEREM TRANSPORTADOS PARA OS HOSPITAIS. ESSES FERIDOS ITALIANOS E SOLDADOS ALIADOS APARECEM NUMA BASE DA ITALIA AGUARDANDO O AVIÃO QUE OS CONDUZIRÁ PARA A AFRICA DO NORTE. ELES REPOUSAM SOB AS AZAS DE UM GRANDE AVIÃO DE TRANSPORTE.



5

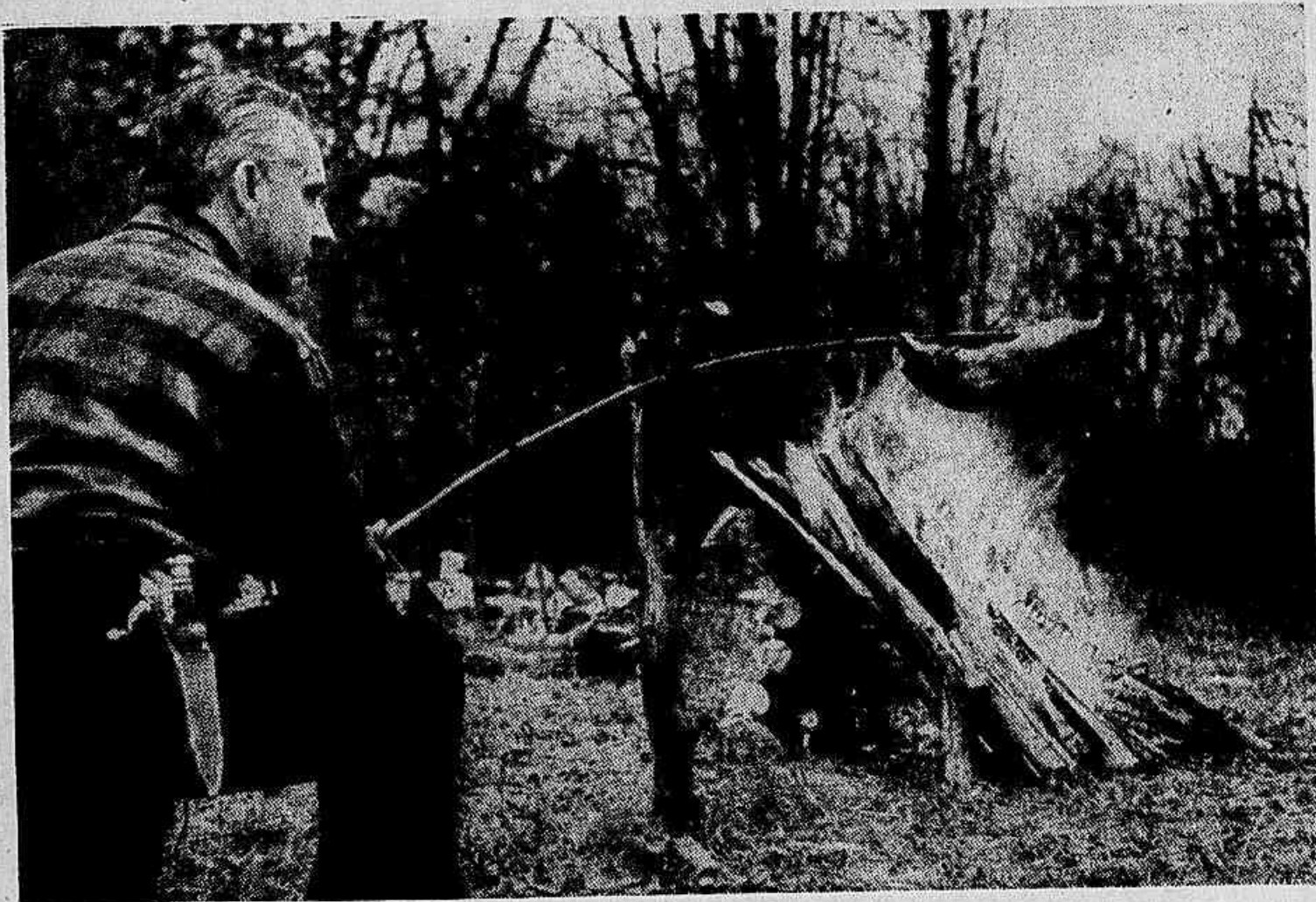
SINGRANDO OS MARES EM BUSCA DO INIMIGO. COM A PROA MERGULHANDO E EMERGINDO SUBITAMENTE DE SOB AS ONDAS, ESTE CRUZADOR AMERICANO NAVEGA A TODO VAPOR ATRAVÉS DO PACIFICO SUDOESTE, PRONTO PARA ATACAR E AFUNDAR A PRIMEIRA BELONAVE NIPONICA QUE OUSE SURTIR A SUA FRENTE.



6

BATALHA NO PACIFICO. ENQUANTO MANEJAVAM O CANHÃO ANTI-AEREO DE UM CRUZADOR AMERICANO, NO ARDOR DE UMA FEROCZ BATALHA NAVAL NOTURNA CONTRA OS JAPONÊS, NO SUDOESTE DO PACIFICO, ESTES SOLDADOS FORAM APANHADOS NUM FLAGRANTE ILUMINADOS PELO CLARÃO PRODUZIDO PELOS DISPAROS DE OUTROS CANHÕES DE BORDO.

Passe o seu domingo no campo!



Melhor que qualquer prato gran-fino é um peixe fresco, frito no fogo. A escolha das madeiras para o fogo é difícil e requer conhecimento das mesmas.



Espeto para assar frangos é feito com pedaços de arame ligados e presos a um pedaço de pau. A casca em forma de ventarola, fixada ao centro, gira com a menor brisa e obriga o frango a girar. O prato em baixo recolhe os pingos de gordura.

Para os ingenuos da cidade, cujo unico contacto com o mato sempre foi puramente literário, o Museu Cientifico de Bufalo nos Estados Unidos forneceu um curso sobre a vida no campo. Como guia e mentor desse curso estava Ellsworth Jaeger, ienhador profissional que durante anos conduziu "tour-nées" de cursos através dos matos. Durante este ano, como a guerra limita as férias e os esportes, êle prevê que muitas pessoas que jamais se aproximaram dos bosques senão a 50

O equipamento minimo para passar uma noite no campo é mostrado à direita. Inclue roupa especial contra insetos e remédios contra as picadas. A toalha é usada para enrolar o equipamento.

Em baixo, à direita — Uma mochila folgada é obtida amarrando as pontas das pernas de uma calça velha com uma corda e colocando o embrulho da toalha no alto. Esta mochila é facil de carregar e fornece uma calça extraordinária em caso de necessidade.

Uma refeição inteira pode ser cozinhada num só fogo usando os simples métodos que vemos abaixo. O café é suspenso sobre o fogo e os demais pratos dispostos da maneira que aqui se ensina





Três mochilas práticas são: o rôlo da toalha (à esquerda), a mochila da calça (ao centro) e um saco de farinha completado pela toalha. Pode-se ainda amarrar ao lado externo da mochila alguma incomoda frigideira.



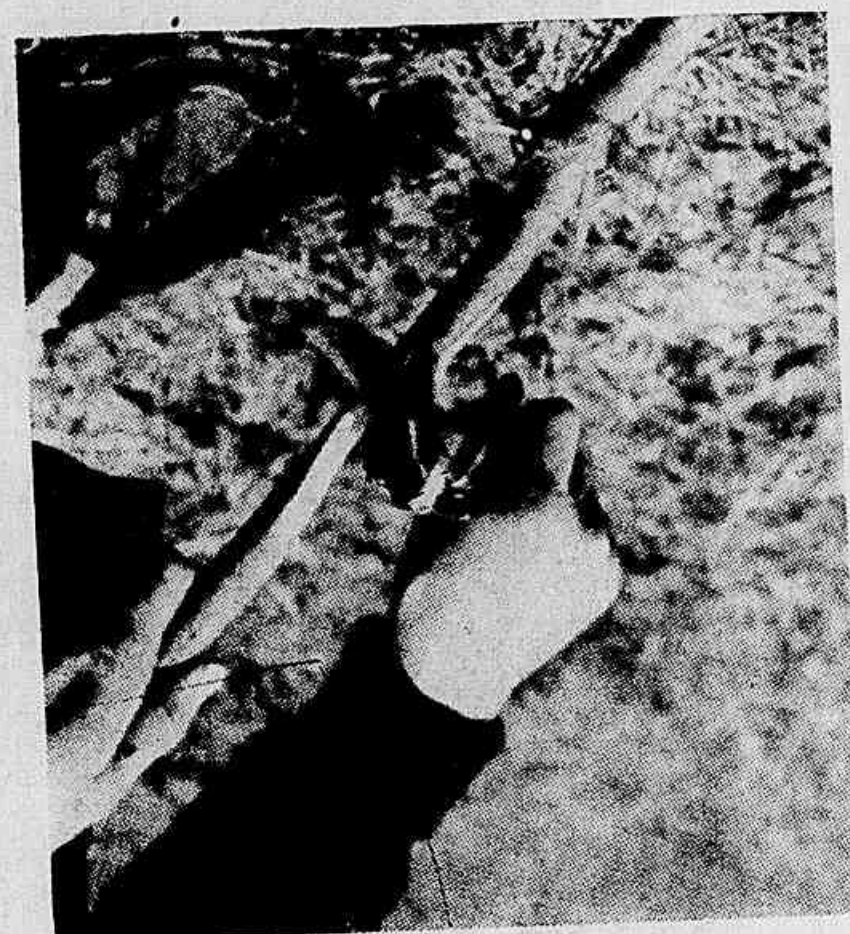
Com folhas de lata preparam-se estas panelas, frigideiras, caldeirões, etc. Antes de serem usadas estas panelas devem ser fervidas e bem lavadas.



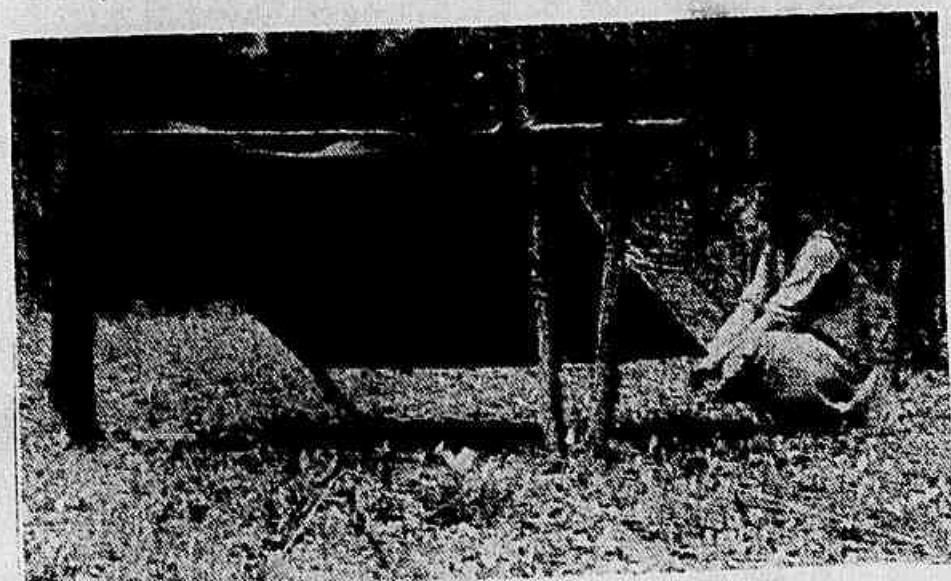
Fazendo uma deliciosa sandwiche de presunto e ovo, com uma panela improvisada.



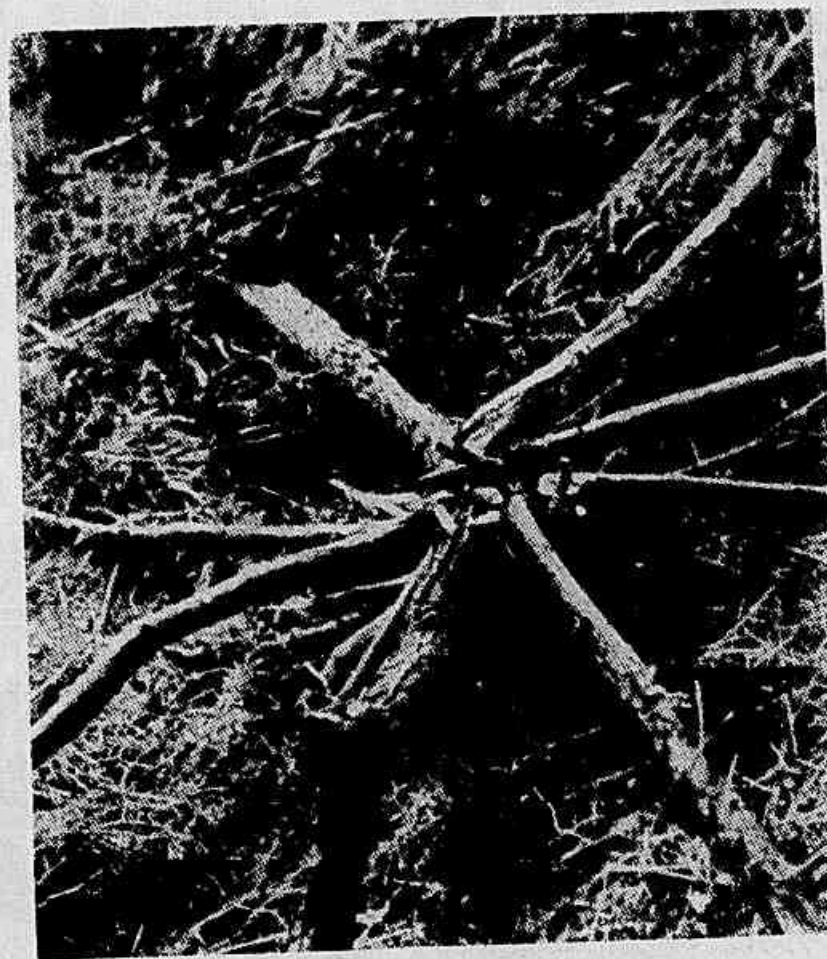
Outro abrigo de tres faces que merece maior proteção e requer tres toalhas ou um pedaço grande de tela. Si as árvores não estiverem convenientemente espaçadas pode-se conseguir outros pontos de apoio cravando no sólo outros paus.



Varetas para acender o fogo podem ser conseguidas cortando-se uma vara seca, como acima, e deixando laeas presas á vara. Quando se acende o fogo deve-se manter o fôsfoto baixo na direção do vento.



Simple abrigo feito com um pau em forma de cruz ligado a três árvores espaçadas. No esqueleto assim conseguido estende-se o pano.



Esse fogo em forma de estrela é feito encostando umas nas outras as extremidades das varetas sobre matéria facilmente incendiável. A' medida que as achas queimam são empurradas mais para o centro, o que evita o trabalho de cortar lenha.



Outra maneira prática de fazer o fogo. Este, feito de achas entrecruzadas de madeira dura, é um ótimo fogo para assar e fritar. Esses fogos nunca devem ser ateados sobre capim, a não ser que este se encontre humedecido.



Eis como se faz um guarda-comida, graças a um caixote de laranjas suspenso a um galho que pode ser levantado ou abaixado, e pode ser coberto por uma tela em caso de chuva. Note-se ao lado o apoio conveniente para a bacia.

milhas por hora, ansiarão pelo odor dos pinheiros, o claro ar das montanhas, o som de um riacho. Jaeger aconselha que aprendam o essencial da vida ao ar livre — como fazer uma mochila, como atear fogo, construir abrigo, cozinhar no campo — e então que partam para o mato. Conselho básico: comece com um dia de passeio, passe a uma excursão de uma noite, nunca coma cogumelos selvagens, não beba água que não seja clorada ou fervida, conheça e respeite aservas venenosas.



Uma sweater revolucionária

HOLLYWOOD



Quando Dorothy McGuire chegou a Hollywood ha pouco tempo para desempenhar o papel de *Claudia* no filme do mesmo nome, enfrentou um curioso dilema. *Claudia* é o que Hollywood chama uma *Sweater Girl*. Um *sweater* é virtualmente o característico da heroína desse filme e depois de Miss McGuire que criou o papel na Broadway e desempenhou-o tanto tempo e tão brilhantemente que é quasi indiferença vê-la de sua heroína. No entanto, a *sweater* foi proibida na tela pela censura desde os primeiros tempos de Lana Turner.

Miss McGuire, por certo, não está indicada para *sweater girl* pelos padrões de Hollywood. E os *sweaters* folgados, grossos, em estilo colegial que ela usa não são aqueles que a censura proíbe.

O studio de *Claudia*, da *Twentieth Century Fox*, resolveu o dilema subinjetando Miss McGuire a vários *tests*, em seis dos seus *sweaters*. Após um olhar a Censura levantou sua proibição sem um murmuro, um tributo tácito á indiscutível inocência de *Claudia*, e de Miss McGuire.

Um fotografo presente perguntou a Miss McGuire o que aconteceria si esta exceção trouxesse o *sweater* de volta ao cinema. As fotografias que publicamos mostram o resultado dessa experiencia.





Claudia oferece uma bebida a seu esposo. A peça é a história de uma esposa ingenua.



Dorothy demonstra como um "sweater" ficaria num aspecto da escola de George Hurrell.

Em baixo, da esquerda para a direita: 4, 5, 6, 7, 8, 9 — Poses de Miss McGuire durante o "test" a que foi submetida.



Mostra-nos aqui como o "sweater" poderia ser usado num momento burlesco, embora seja pobremente feito para isso.

Claudia e seu marido (Donald Cook) numa cena de dormitório, com o "sweater".





AS GRANDES CENAS DA GUERRA

A Batalha do Atlântico é de importância vital para o curso da guerra. E, se no início ela se desenrolava contrariamente aos Aliados, agora não há dúvidas de que o seu desenvolvimento é inteiramente favorável às Nações Unidas. A ameaça submarina, com a qual a Alemanha julgava alcançar a vitória sobre os exércitos que se empenharam na luta pela defesa dos superiores ideais da humanidade, está sendo vencida em todos os mares. A tocaia desses monstros de aço, que se escondem nas dobras do oceano, não está surtindo o efeito esperado por aqueles que covarde e sorrateiramente os construíram para vencer pela insídia criminosa dos seus ataques o ânimo inquebrantável dos adversários. E, se os primeiros sucessos serviram para alimentar por algum tempo a mentirosa superioridade dos germânicos, já agora, batidos e escorraçados de todos os mares, os submarinos não se prestam sequer para alimentar a máquina de propaganda dos totalitários.

Temos grandes e decisivas vitórias no Atlântico, e nestas últimas semanas maior e sempre crescente tem sido o número de navios aliados que cruzam o oceano a salvo dos submarinos, bem assim maior o número de afundamentos de U-boats. Mais do que em qualquer outro período da guerra a vitória sobre os submarinos se apresenta clara e indisfarçável.

A mais recente notícia é a do afundamento de cinco submersíveis, num período de dez dias, pelos aviões do comando aéreo, e o interessante é ressaltar que esses combates foram travados à superfície do oceano, patenteando aos alemães a eficácia das bombas da boa causa.

Tem sido mencionado na imprensa o recente desenvolvimento de armas secretas para o combate aos submarinos, as quais provavelmente tiveram uma parte bastante importante nos últimos sucessos destes dias.

Esta foto é uma cena empolgante como tantas outras. Durante horas intermináveis os aviadores das Nações Unidas procuram o submarino inimigo e, quando eles encontram a sua presa, atacam rudemente, com o habitual sucesso.

Os comboios seguem para os portos distantes, conduzindo homens e material de guerra, enquanto nos céus roncam os aviões, na expectativa de que se desenhe lá embaixo a silhueta fina do submarino. Desde que se possa oferecer suficiente cobertura aérea, o U-boat perde todas as possibilidades de sucesso. E nesse sentido se veem esforçando os aviadores das Nações Unidas.



Elas conhecem a Gloria

Reportagem de SARA MARQUES

Especial para a "Revista da Semana"

"As literatas são interiores às mulheres" — disse Raquel de Queiroz.

O missal está aberto. A maquina canta as vespas do trabalho.



Raquel é a menina de cachos escuros e vestido de renda. Mamã é linda, não é?

Vai ser a cousa mais difícil do mundo contar a minha visita a Raquel de Queiroz. Anjos, punhais, roteiros de tesouros perdidos, Lampião, "Caminho de Pedras", literatas, missais, revoluções, estão rodando na minha cabeça, em volta da figura mais simples, mais espirituosa, mais "espiègle", mais humana e mais sincera que eu já vi dentro de um vestido moderno: Raquel. Lembro-me que a entrevista começou onde muitas outras nunca chegam. Numa confissão que muita gente — quasi toda gente — não faz nos milhões de conversas íntimas de uma vida inteira. Principalmente mulheres.

Foi assim. Perguntei pela coleção de fotografias que havia pedido pelo telefone. Diante de velhos retratos a gente se lembra de velhas cousas. A romancista falava sem as clássicas perguntas da entrevista; as clássicas perguntas que ficam desageitadas diante dos olhos grandes e escuros de Raquel. Ela não tinha retratos. Mostrou um belo quadro:

— "Só tenho este com mamã e meu irmão."

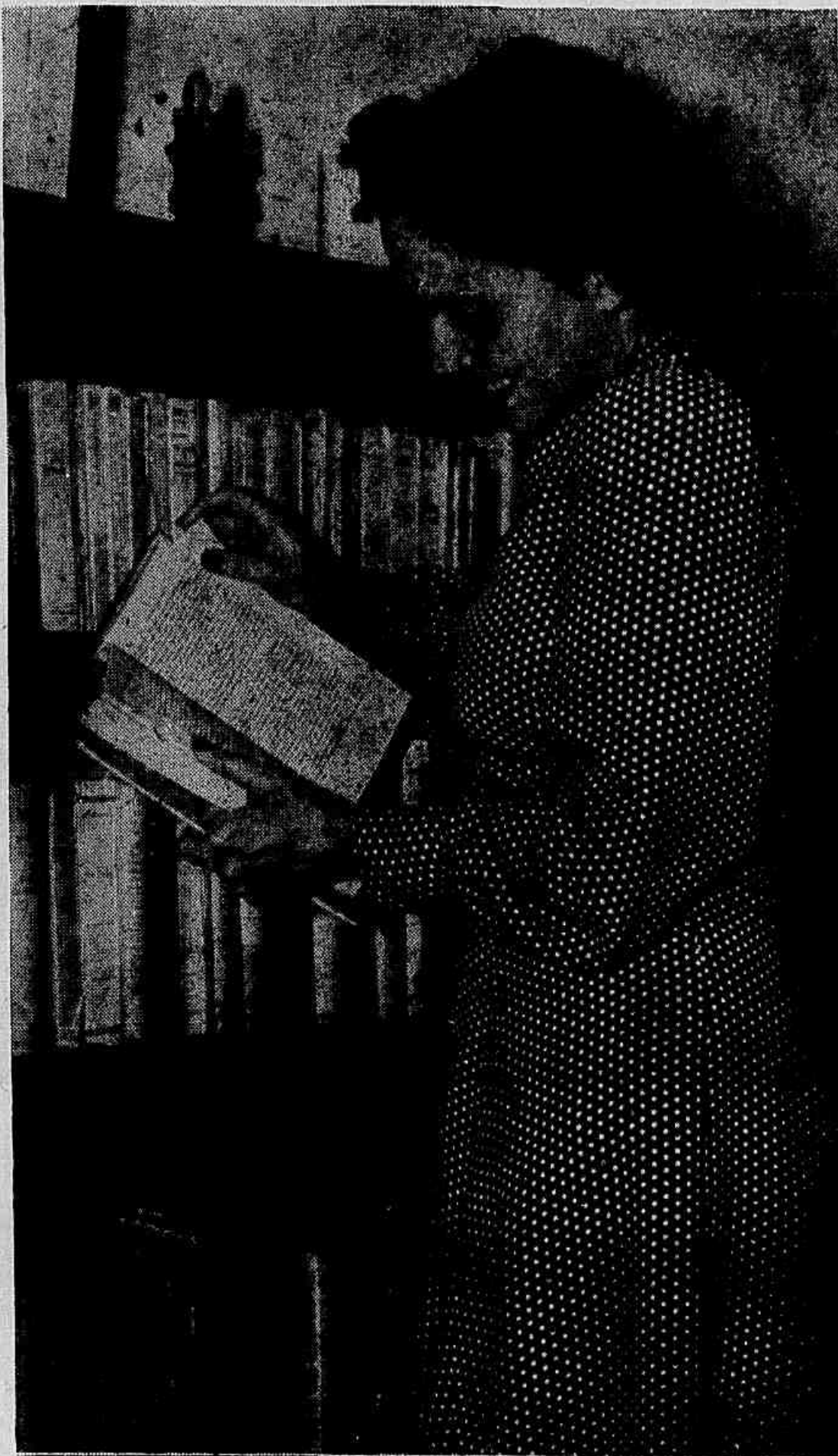
Olhei a carinha da guria de cachos, vestida de rendas e babados. Raquel mostrou:

— "Veja como Mamã é bonita! Ainda hoje é linda! Isso criou em mim um forte complexo de inferioridade. E quando a gente quer bem às pessoas, não se liberta, nem reage."

A estante é pequena. Não grita ao visitante: — "Minha dona é um genio!"

Raquel de Queiroz — vocês a conhecem, com aquele sorriso luminoso, aqueles olhos grandes, inquietos, escuros, aquele geito incurável de menina? — Raquel de Queiroz não se julga apenas fêia. Considera-se velha, também. Ora esta! E as amigas da mesma idade, ou mais velhas, ficam por conta: — "A modestia é uma cousa pessoal, Raquel. Pode ir para o asilo S. Luiz, se quiser. Mas não viva contando a idade da gente!"

O caso é que a romancista começou muito cedo. Não tinha vinte anos quando publicou "O Quinze" e entrou na literatura nacional arrebatando o prêmio Graça Aranha. Viveu, pela sensibilidade e pela inteligência, uma porção de vidas. Conhece muita gente, muitos lugares, muitos livros. Trezentos anos cabem num minuto. O inverso daquela história do monge e do passarinho...



BIBLIOTECA DA "JEUNE FILLE"

Aos 12 anos, a menina cearense abriu, emocionada, "Le baiser au clair de lune" de Guy de Chantepleure. Mamã fechou o livro. Deu-lhe "Le Rêve" de Zola. E foi fazendo para a garota, que tinha fome de leitura, uma biblioteca muito diferente das coleções brancas, azues e côr de rosa que as adolescentes lêem. Porque Mamã acha Delly, Ardel e Cia. profundamente imorais; transmissores de recalques; perdigueiros de curiosidades malsãs, com aquelas frases que a mãis menos cultas parecem inocentíssimas: "as mãos tremeram", "o coração bateu depressa", etc., etc.

Raquel não leu nada disso. Começou pelos grandes autores nas suas obras acessíveis à alvorada dos sentimentos e da vida.

— "Mamã foi a mias amiga, a mais camarada das mãis mais velhas. Tinha 18 anos quando eu nasci. Ainda hoje é moça, bonita, alegre. Devo-lhe a minha vocação literária."

POESIA

Começou por onde quasi todos começam. Na casa do Ceará, numa gaveta cujas chaves Mamã guarda ciosamente, está um caderno de versos feitos na adolescência.

— "Uma versalhada horrível que ela me prometeu não mostrar a ninguém. Não quero deixar de mim essas paginas tolas que envergonham o escritor. Lembro-me que fiz soneto que se poderia chamar: 'adeuses da mãi agonizante aos seus filhos.' Ah! se essas cousas caíssem na oposição!"

Raquel não disse, mas deve ter inimigos. Vale muito para só ter amigos. Ha gente, por exemplo, que atribue a um pedantismo de intelectual ilustre aquele "pince-nez" de grossos vidros brilhantes. Calúnia miúdinha de clubs femininos: sem as lentes, Raquel de Queiroz quiz mostrar-me uma pagina; queria que eu lesse de cabeça para baixo!... Sem "pince-nez" não vê um palmo além do nariz. Mas, de olhos fechados, enxerga a vida toda.

O QUINZE!

A familia tem, no Ceará, terras antigas: sesmarias doadas pelas Rainha de Portugal a colônos lusos que não fugiram à fatalidade da raça: sangue negro, branco e índio se misturaram, se confundiram nas velhas raises de onde nasceu Raquel. (Quando ela ler esta frase telefonará à Academia Feminina sugerindo que eu posso substituí-la). Não faz mal. Voltemos à fazenda. Foi lá que, em 1928-29, uma garota morena e pequenina escreveu um livro que poucos homens seriam capazes de escrever: "O Quinze".

Escreveu-o na mesma secretária que, agora, está no apartamento claro de Ipanema. Nela escreve até hoje. As paginas de "João Miguel", "Caminho de Pedras", "As Tres Marias" foram jogadas entre os escaninhos, as gavetas de segredo, os punhais, ainda doloridas das pancadas fortes da máquina. Porque Raquel não sabe escrever à mão.

Quando está traduzindo abre o livro sobre um missal comprado num antiquário. Um anjinho de bronze — cabeça e duas azas abertas — marca as paginas. E a musica mecânica das teclas substitue o órgão.

RAQUEL DE QUEIROZ



Um momento da entrevista.

Voltemos ao "Quinze". Um crítico cearense que se assina Mario de Andrade e explica "do Norte" — explicação injusta para o Norte, como o nome é injusto para o paulista — meteu o pão, de riço, no romance e na romancista: livro fraco, mal escrito, mal pensado, mal tudo.

— "Isso me deu uma grande humilhação, diz Raquel. Só não me considere 'ratão' porque, daí a pouco, o Schmidt, aqui no Rio, deu o grito:

— "Apareceu alguém!"

A crítica do Rio consagrou o valor. O prêmio da fundação "Graça Aranha" nessa vida de vinte anos, nessa autora estreante foi um sucesso. Raquel veio do Norte. Conheceu pessoalmente os seus críticos, muitos literatos, alguns ambientes intelectuais. Então aconteceu uma coisa comum na vida dos grandes idealistas quando tocam de perto a realidade: abandonou a literatura, seguindo o caminho de pedras...! Corajosa Raquel, humana, justa e sincera. Vamos regressar ao apartamento de Ipanema?

PUNHAIS E LIVROS

Eram treze punhais. Os amigos foram levando. Restam três. Um é florentino. Francesca e Paolo se abraçam indiferentes ao vulto sorridente do marido. O amor não é mais forte do que a morte? Outro não é bem punhal, é um facão de mato que o avô usava no Amazonas. O terceiro é arma de cangaceiro. Tem treze mortes marcadas na lâmina. Treze riscos pequeninos como as linhas dos minutos nos relógios. Entretanto, fizeram medo a José Olímpio. O editor gostou da arma; Raquel disse:

— "Leve pra você"! De noite, ele começou a pensar naqueles traços gravados no ferro, no sangue de treze homens caídos no chão, nos gritos dos moribundos, nos ódios tremendos do sertão. De manhã devolveu o punhal.

A casa de Raquel não posa de "ilustre intelectual". É muito simples; não há estantes cobrindo as paredes de alto a baixo. Poucas prateleiras envidraçadas guardam uns cem volumes, se tanto. Principalmente assuntos sociais e políticos. Aliás, ela me disse: — "Minha verdadeira vocação literária seria o jornalismo. Tenho o espírito muito político."

Lembra-se de ter trabalhado num jornal de Fortaleza hostilizado pelo clero. — "Vivíamos numa atmosfera de heroísmo. Queriam fechar o jornal, assaltar



Na gaveta de segredo, há o roteiro de um tesouro escondido. A família é cética. Ninguém procurou, até hoje, as joias e as pedrarias.

a redação. E a gente ficava firme, na trincheira, até alta noite. Tenho saudades disso."

Ela não tem livros de cabeceira, autores prediletos, tabus intelectuais. Não reconhece nenhuma influência literária em sua formação. E explica:

— "Na época em que somos mais sensíveis a essas influências, a literatura tinha deixado de ser a minha grande preocupação. Livros e autores, eu os aceitava com restrições, que não eram de ordem literária. Quando retomei a pena, já tinha uma personalidade impermeável a essas infiltrações que criam escolas, mestres e discípulos."

ALELUIA

Num sábado de aleluia, Raquel e o marido ficaram escutando os carrilhões da igreja de São José.

— "Aleluia! que belo nome para uma mulher! disse ele.

— "E para um livro!" disse ela.

Dias depois, José Olímpio disse:

— "Você está bancando o medalhão, repousando sobre os louros, vadiando demais. Quando sai dessa preguiça?"

— "Estou escrevendo um romance: "Aleluia!"

José Olímpio gostou do nome. Está anunciando o livro.

— "Como é ele Raquel? Com qual dos seus livros se parece?" perguntei.

— "Você é capaz de guardar um segredo? Então, escute:

Que vontade de contar a vocês! Mas... prometi calar o bico. Só digo uma coisa: Vem por aí uma surpresa deste tamanho!

AMOR!

Raquel de Queiroz não gosta dos seus livros. Tanto que não suporta fazer-lhes a revisão. Eles se desprendem dela, completamente, seguem um destino que não interessa à autora. Não se zanga quando falam mal de sua obra. Não acredita nos elogios, embora confesse sinceramente gostar muito deles. De todos os romances que escreveu, tem mais simpatia pelo "Caminho de Pedras" onde poz a sua experiência revolucionária. Não compreende que se classifique "Tres Marias" — livro feminino, — e outros masculinos. Não se sente gloriosa. Não posa para a posteridade. Quer ir para Goyaz, terra do marido, ter cinco filhos e envelhecer rodeada de netos.

Mostra-me o retrato de uma irmãzinha linda, na praia de Iracema; um instantâneo dela e do marido, olhando o mar, no "décor" de uma paisagem melancólica.

— "Posso publicar este retrato?"

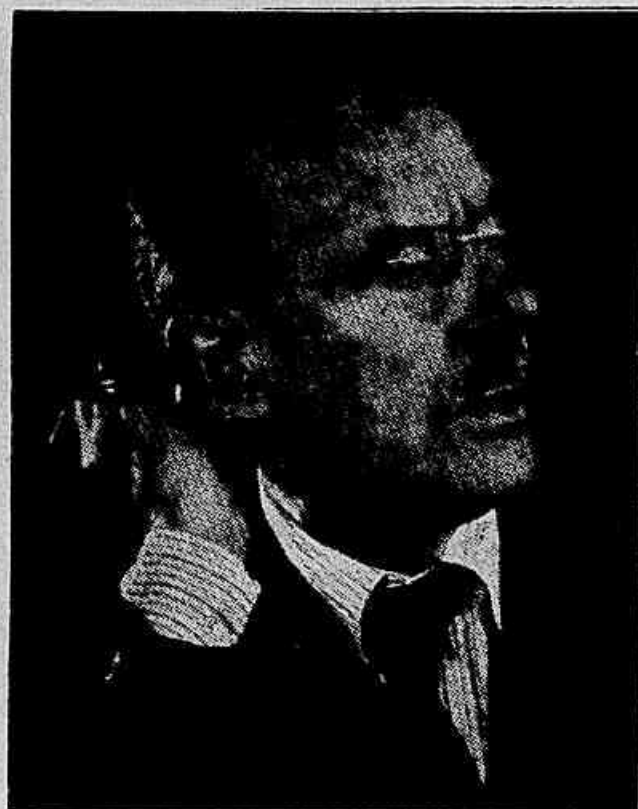
— "Ou este?"

Hesito entre os dois. Raquel resolveu consultar o marido. E volta com a resposta:

— "Ele não quer se publique nenhum. Diz que não é literato nem escritor, nem artista de cinema. Proíbe publicidade."

Fiquei zangada: — "Por que você foi perguntar?..."

— "Porque desconfiava que ele não gostaria"... Raquel é assim.



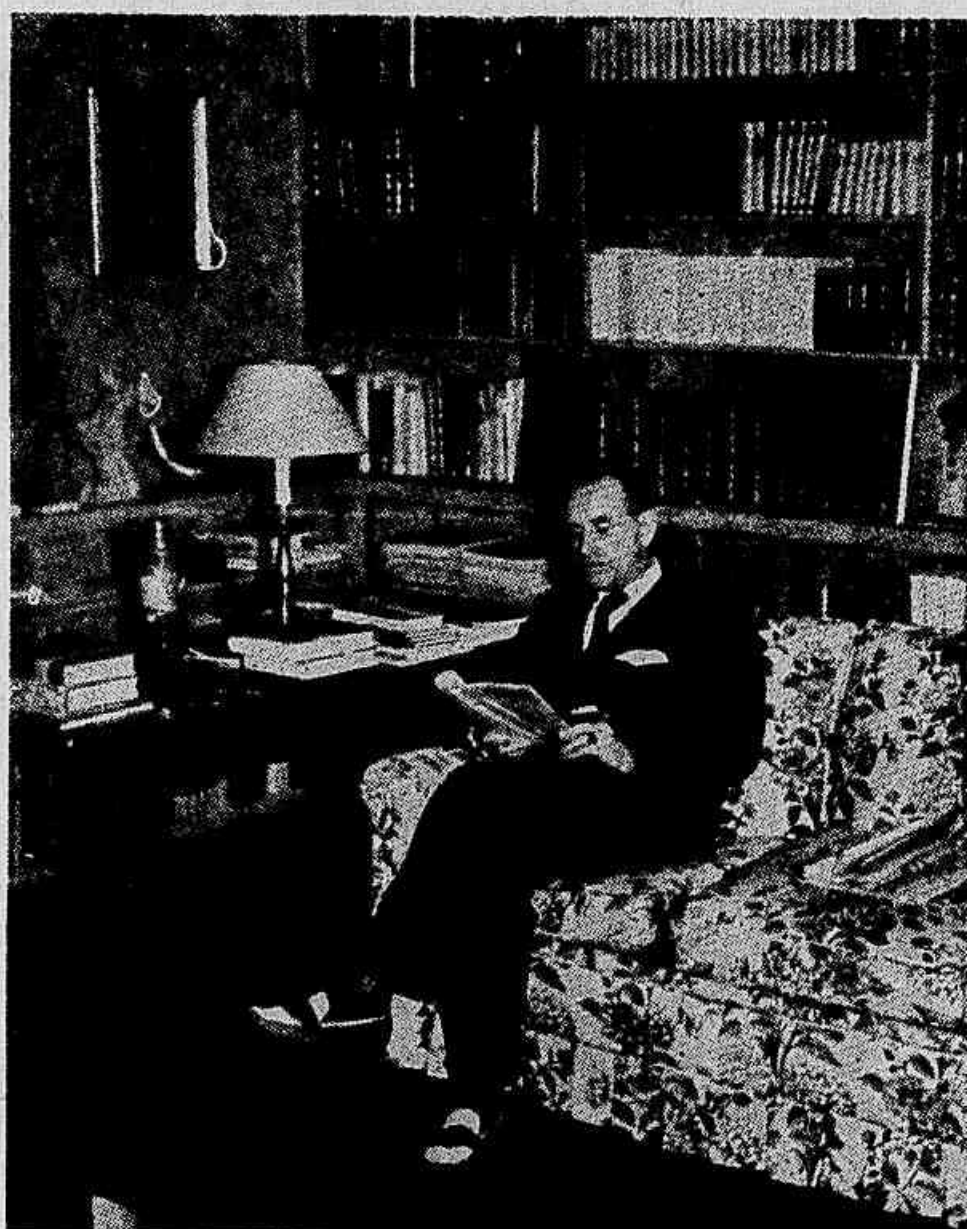
THOMAS MANN, filósofo, escritor e chefe de família.

Na intimidade de Thomas Mann



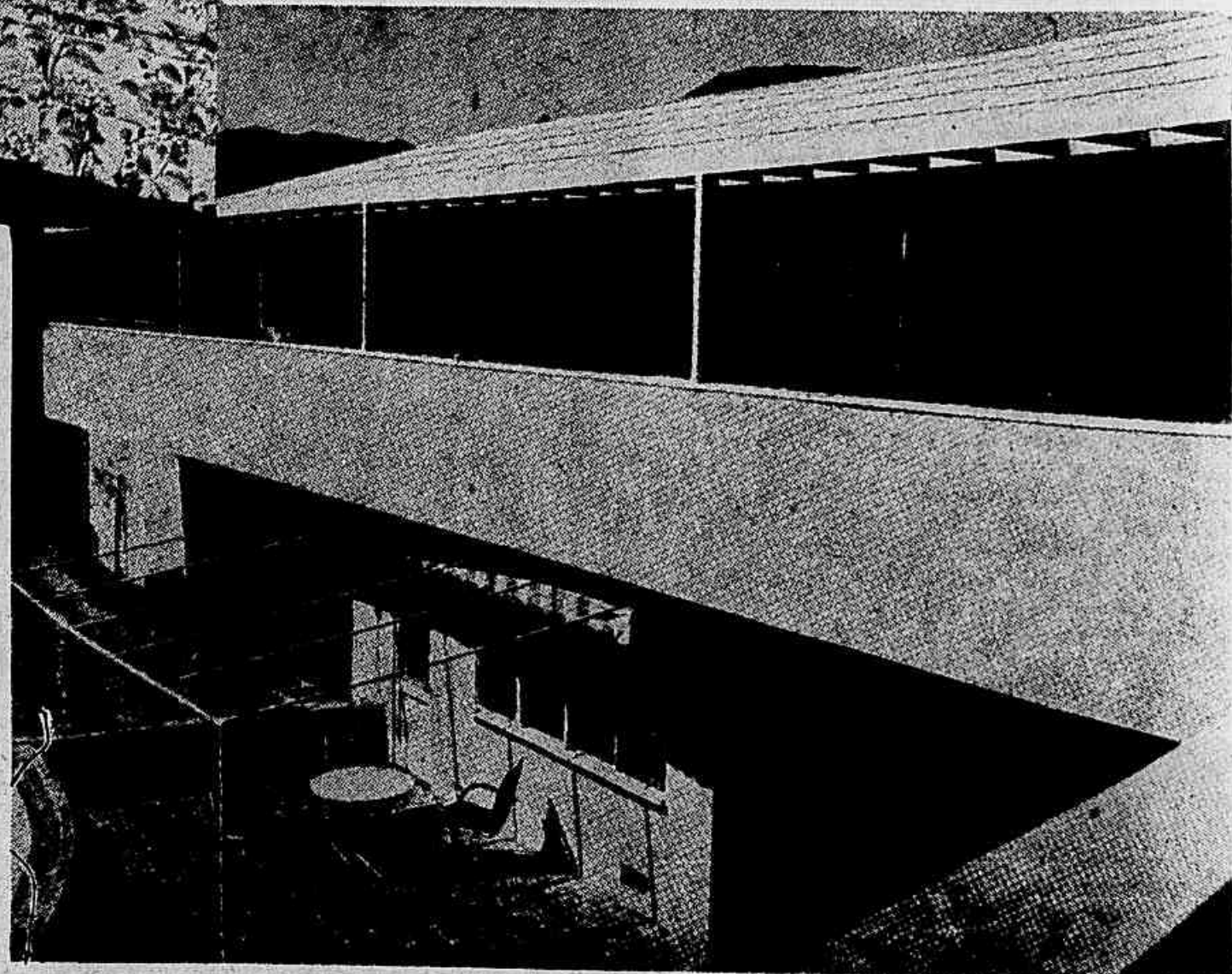
CONSELHO DE FAMÍLIA: A Sra. Mann, o escritor e dois de seus seis filhos — Erik e Monica, no terraço da simpática residência. Hoje, Mann dedica-se aos Estados Unidos, seu país adotivo, como assistente da Biblioteca do Congresso; Erika está fazendo nome como escritora; Monica está se restabelecendo dos abalos que sofreu quando do torpedeamento "do City of Benales".

O novo
lar do
celebre
escritor,
em Los
Angeles,
na
Califórnia



O DIA DE MANN. A sua vida de leitura ou lazer é quase sempre na biblioteca; mobília estilo século 18, estofados cobertos com chitões alegres e estantes repletas de livros diversos.

-- um refugio
de repouso e
de trabalho



Thomas Mann nasceu em 6 de Junho de 1875 em Luebeck. Frequentou o ginásio local e em 1894 se transferiu juntamente com sua família para Munich onde se fez agente de uma companhia de seguros. Em Munich, na Universidade, estudou história e arte, viajou para a Itália e, em 1899, chegou a ser redator do *Simplicimus*. Depois, com o sucesso de seu romance "*Buddenbrooks*", obteve independência econômica, que sua família perdera.

A mãe de Thomas Mann, filha de pai alemão e mãe brasileira, nasceu no Brasil e a avó materna do escritor tinha sangue português e índio.

A CASA. Vista e ambiente inspiraram o projeto da moderna residência da família Mann, que domina os declives verdejantes do "Pacific Palisades", onde o arquiteto J. B. Davidson projetou recantos agradáveis dentro e fora de casa. A sala de estar comunica-se por meio de grandes portas de vidro com o terraço de tijolo destinado a repouso e distração. Os quartos de cima dão, igualmente, para ótima varanda.

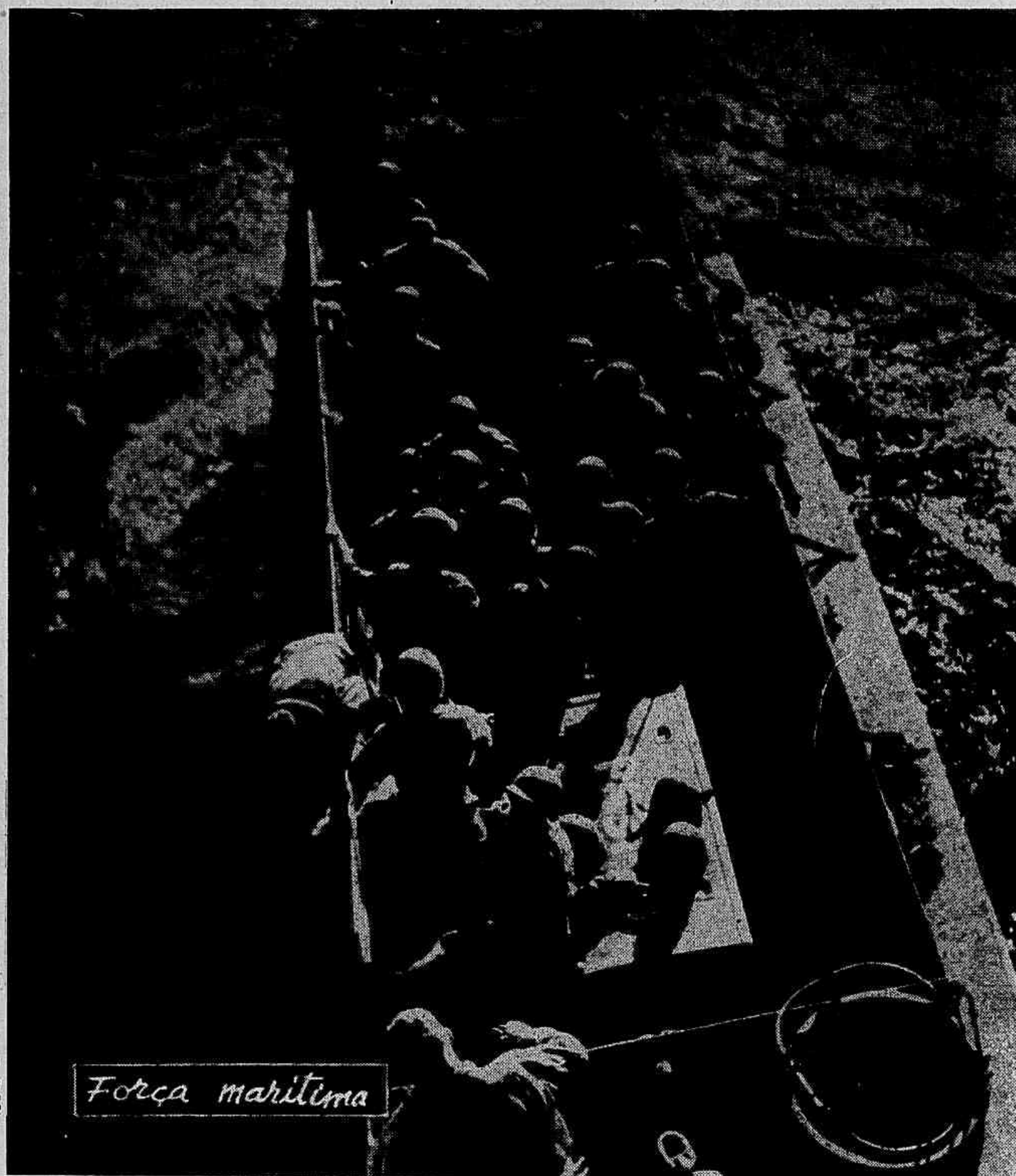


Nesta página estampamos seis expressivos instantâneos, pelos quais o leitor poderá ter uma idéia do brilhantismo de que se revestiu a tarde turfística de domingo último no Hipódromo da Gavea.

Ao belo prado de corridas do Jockey Club Brasileiro compareceu naquele dia a fina flor da sociedade carioca, tornando as tribunas e a "pelouse" uma verdadeira "montra" de elegância e distinção. Quer pelo brilhantismo social, quer pelo lado puramente esportivo, o "meeting" de domingo constituiu mais uma vitória para a instituição máxima do "turf" brasileiro.

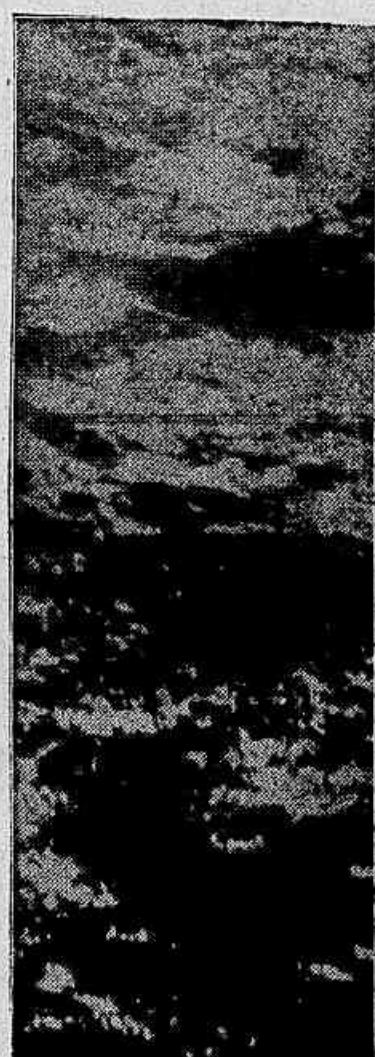
O Jockey Club mundano





Força marítima

O próprio "Mare Nostrum" de Mussolini tornou-se uma estrada aberta para o ataque aliado. A maior esquadra de invasão de toda a história navegou, sem encontrar opositor, através do Mediterrâneo para desembarcar a força aliada no quintal do império de Mussolini. Sua esquadra não ousou deixar o porto.

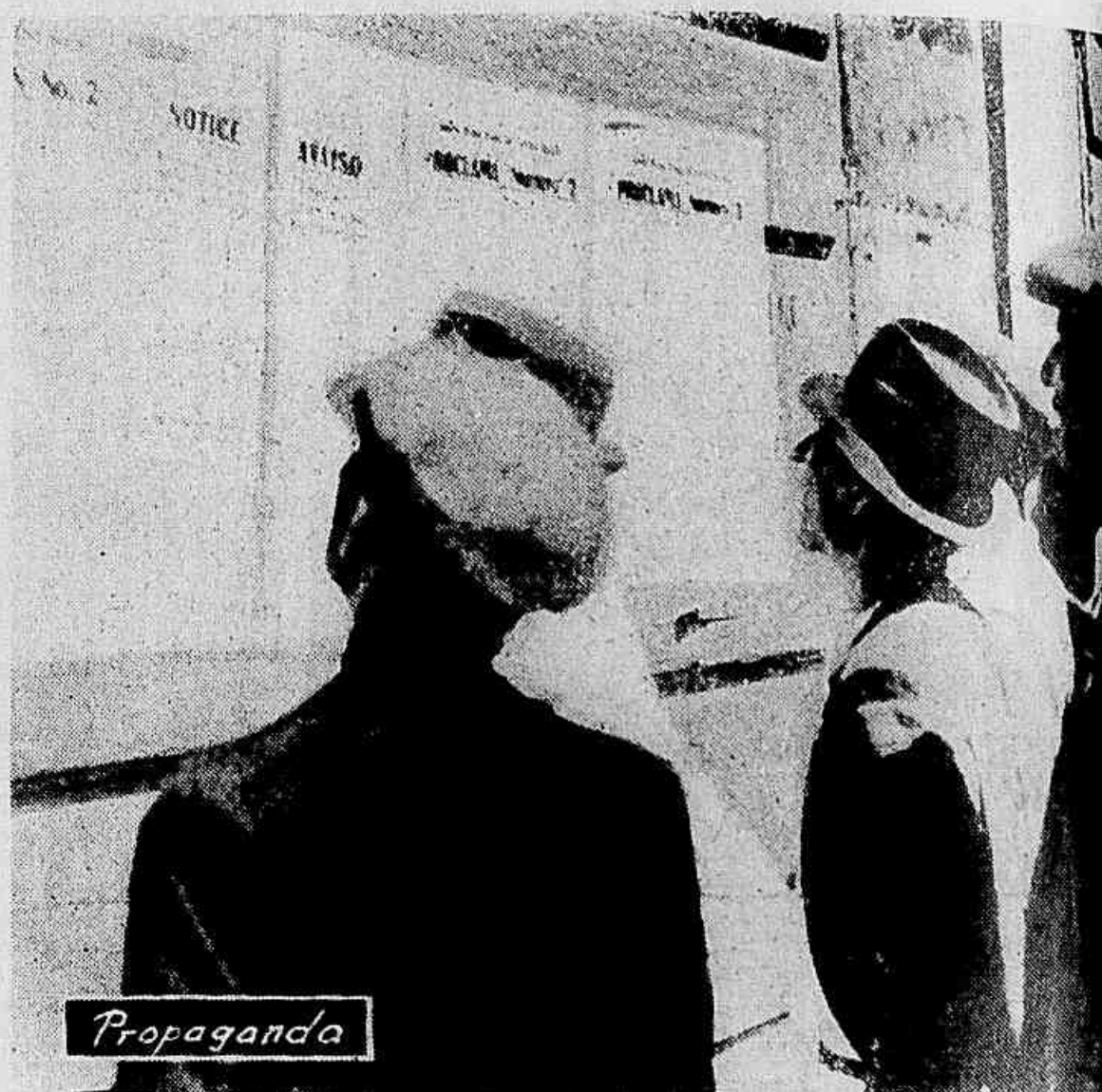


A força aérea aplinou o caminho. A supremacia aérea aliada era tão grande que cidades italianas ficaram à mercê dos bombardeiros, e quando áreas estratégicas inteiras foram pulverizadas todo o horror da guerra foi levado aos italianos. Contemplaram a Sicília e tremeram.



Força aérea

Forças que estão



Propaganda

Enquanto os aliados penetravam no território italiano a propaganda proclamava aos quatro ventos, por jornais e editais que vinham apenas para libertar o povo italiano dos excessos do fascismo e da escravidão que lhe havia sido imposta. Liberdade, não só para a Itália, mas também para a Europa era o objetivo.

dominando a fortaleza



Ódio a Hitler



Força terrestre

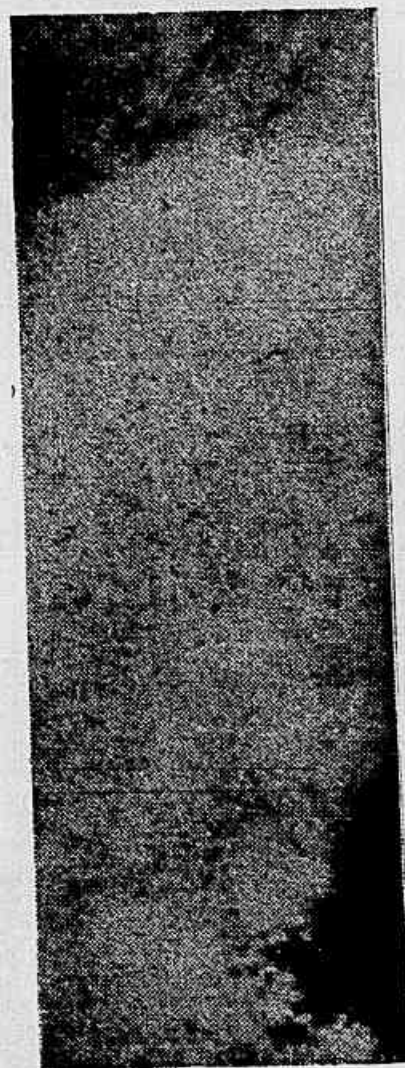
A esmagadora avançada da força mecanizada dos aliados, primeiro na África, depois na Sicília, muito fez para destruir o mito da invencibilidade do Eixo e convencer os italianos de que a guerra terminaria pela vitória aliada. Foi a força terrestre que realizou o avanço através da Sicília em duas semanas.

Desde que o Eixo se constituiu, Hitler usou os italianos para seus fins pessoais, e o ódio italiano aos nazistas cresceu.

A' medida que os aliados invadiram a Itália, findava a tirania nazista. O processo de libertação está simbolizado na remoção das bandeiras nazistas na Sicília.

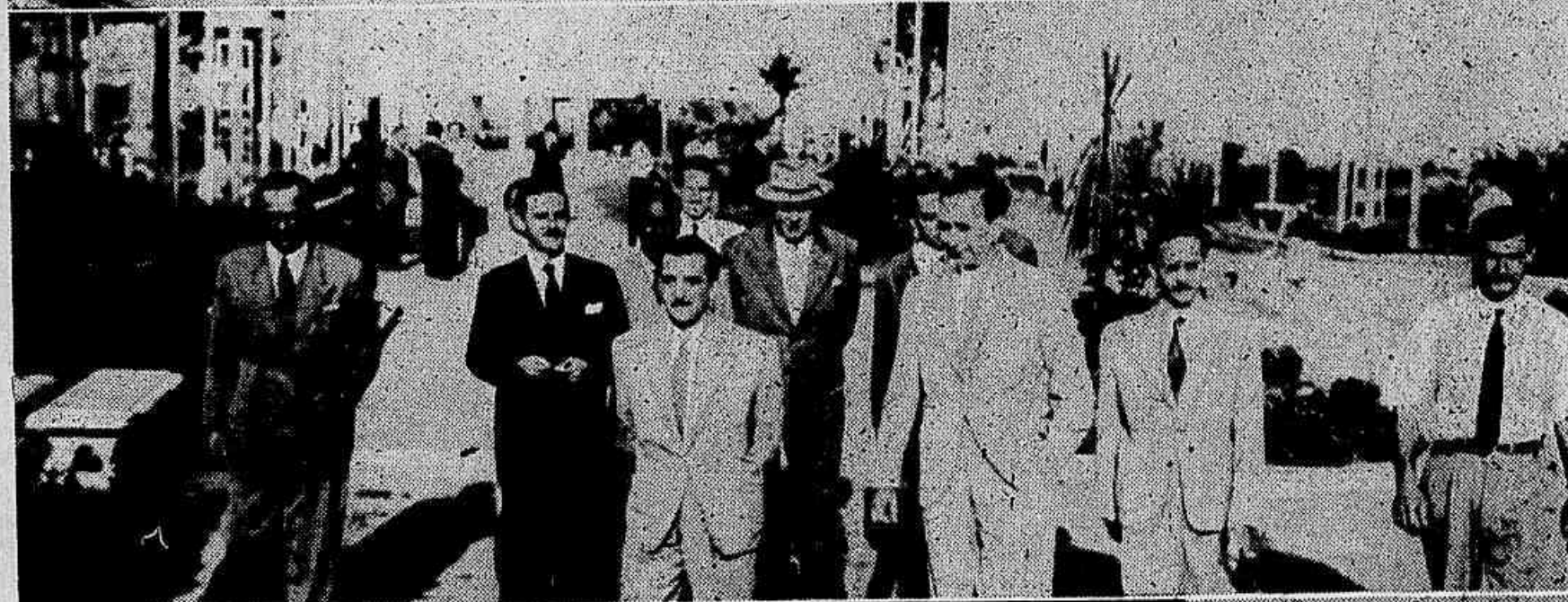
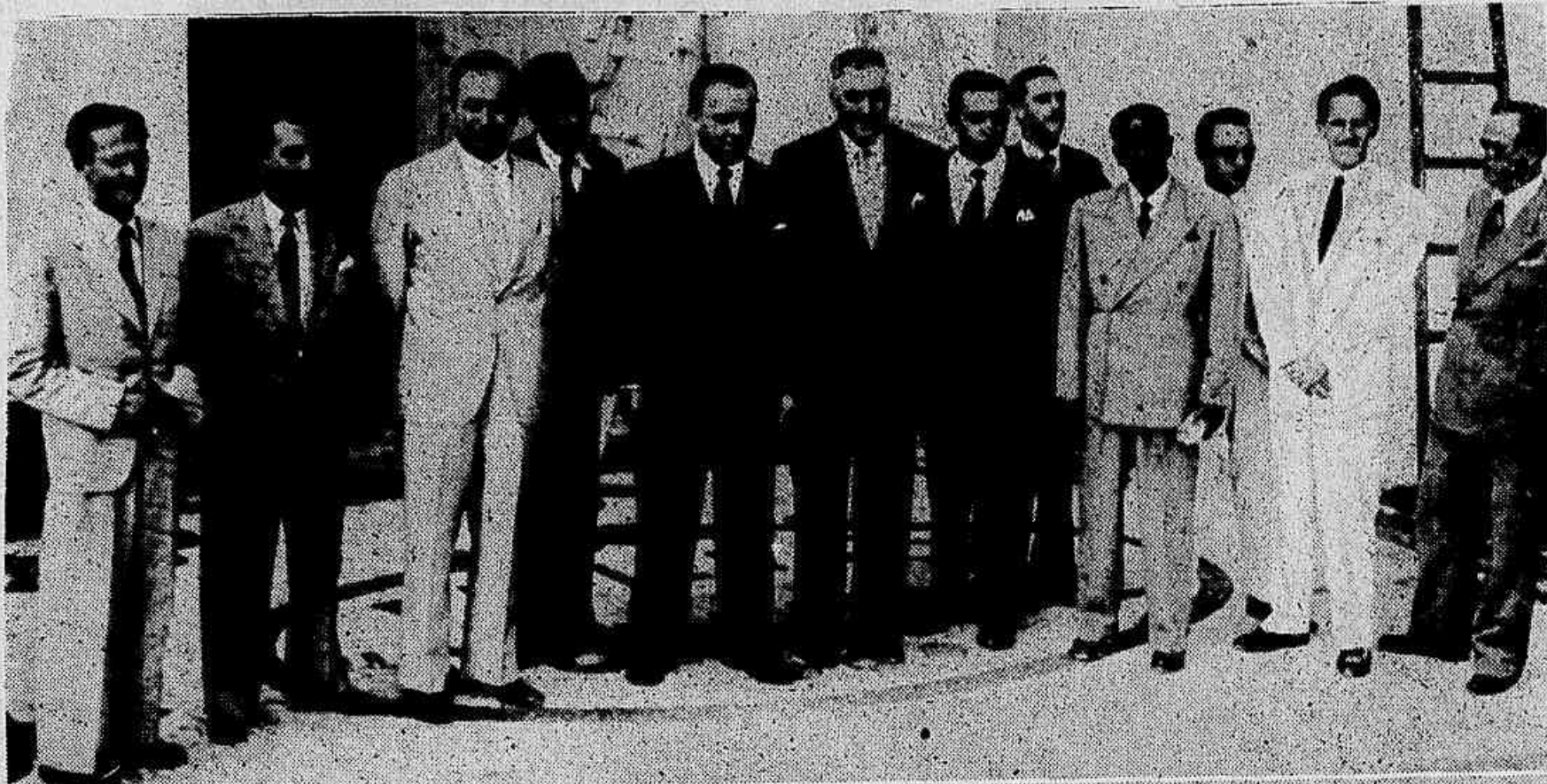


Fadiga de guerra



Os italianos não lutavam com alma nesta guerra. Suas tropas eram derrotadas nos campos de batalha enquanto na frente interna crescia o medo. O moral ia de mal a pior. Os soldados italianos recebiam de braços abertos o cativo em campos de concentração como este.

De São Paulo



Quando fôr a São Paulo
... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succedora de MAPPIN STORES PRAMOS DE AZEVEDO S. PAULO

DÓR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DÍSPEPSIA - ULCERAS

Popéis BANKETS

PRISÃO de VENTRE?
Pilulas **ALOICAS**

REGULAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOO

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Nunca foi tão oportuno e, por isso mesmo, tão patriótico o esforço fabril da terra bandeirante, ao lado de suas multiplas atividades agrícolas. Porque, nesta hora de conturbação internacional, o parque industrial brasileiro, cujo nucleo central é, incontestavelmente, situado no territorio de S. Paulo, tem algo de presente do céu. E força é confessar que semelhante conceito não ha de emanar, apenas, de bocas brasileiras mas também ha de refletir o sentimento de povos sul-americanos que hão encontrado aquí nos teares, nas fôrmas, nos cadinhos, nas engrenagens, enfim, de nossa industria muitas das utilidades de que carecem; não convindo esquecer que para continentes outros muita mercadoria manufaturada por mãos e maquinas do Brasil tem embarcado.

Domina, pois, em S. Paulo, como de resto em todo o paiz, um desejo enorme de atividade sempre crescente até porque o surto industrial, por exemplo, não vem da guerra, já existia e intensifica-se com esta. Passada a tormenta, desenvolvidas ficarão as nossas rotas internas, aumentada ficará a capacidade de consumo das populações que cobrem as diversas zonas brasileiras e muito cliente estrangeiro que provou a manufatura haverá de gostar para sempre.

E', pois, nesse ambiente de otimismo fundamentado que S. Paulo vai realizar mais uma grande Feira Nacional de Industrias: nas duas primeiras fotos vemos os jornalistas que visitaram ha pouco os gigantescos trabalhos de montagem, ao lado dos quaes destacam-se os snrs. Rubem Melo, diretor da Federação dos Industrias, Honorio de Silos, Secretario, e Brant de Carvalho, representante da Interventoria junto à Feira.

Numeros atrasados desta Revista no Acre

pedir a
Diogenes Oliveira
RIO BRANCO

Pauli Poli
O MELHOR CIGARRO DA AMERICA

Uma só
Qualidade com
Cheques de diversos Valores

FUMOS ESCOLHIDOS * TIPO AMERICANO *
HOMENAGEM "SUDAN" AOS ESTUDANTES DO BRASIL

Nas terras misteriosas banhadas pelo Ganges e eternizadas pela infinita poesia de Rabindranath Tagore, escultores ha milênios trabalharam na roda do destino. Trabalharam com afincos para produzir maravilhas sobre o marfim, talvez com o objetivo de ofertarem-na aos deuses.

Mas os deuses sorriram mansamente. Sorriram porque sabiam que, na Terra, o destino de milhares e milhares de homens muitas vezes depende de um olhar ou de um capricho de mulher. A beleza estonteante de Helena não sacrificou gregos e troianos?

Por Cleopatra, Marco Antonio não perdeu o prestígio e não acabou se indispondo com os romanos?

E quando Popéa, depois do banho de leite e do *maquillage* perfeito, surgia encantadora nos jardins do palácio, que loucuras Nero não praticaria para vê-la sorrir?

Rodas... destinos... mulheres.

E' a MODA. Sim porque a MODA é porventura a mais fascinante de todas as rodas. Conhece inteiramente os caminhos do mundo e leva às mais longínquas paragens as últimas criações e fantasias femininas.

E' transitoria e volúvel. Mas às vezes apresenta-se muito séria (1880) e em outras completamente louca (1926); altera o lugar da cintura e o tamanho das saias com a mesma facilidade com que substitue golas bordadas por colarinhos engomados.

*

Rodas... destinos... e mulheres.

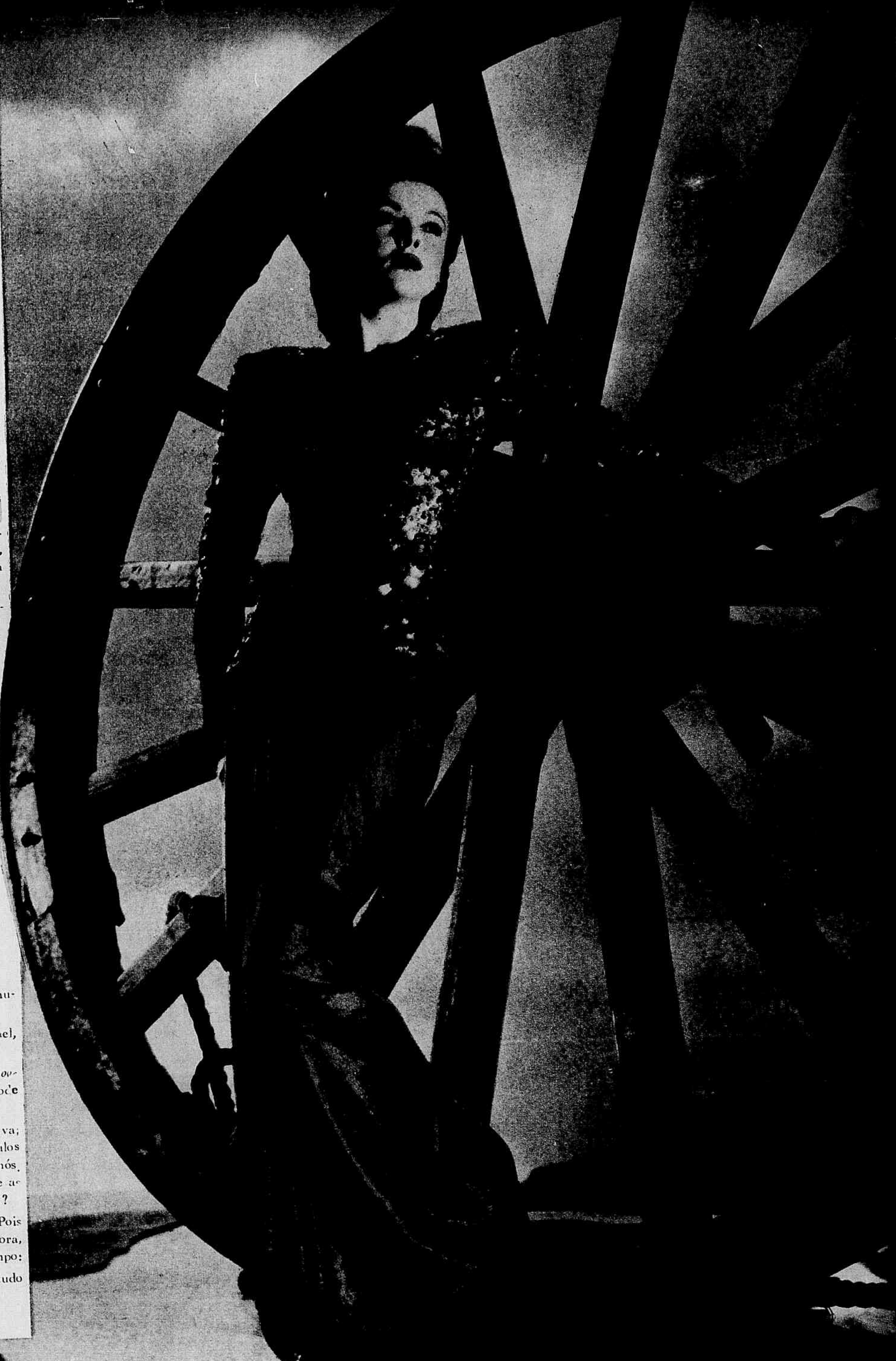
Velho e sabio rei de Israel, aquele que escreveu:

"Não ha nada que seja novo debaixo do sol, E ninguém pode dizer:

— Eis aqui uma coisa nova; porque já a houve nos séculos que passaram antes de nós. Por acaso pensaste, ó rei, que as mulheres acreditariam em ti?

Pensaste ó Eclesiastes? Pois então sou eu quem te diz agora, num retrocesso singular do Tempo:

"Vaidade de vaidades, e tudo vaidade..."



No Teatro da Moda
Lucienne de Paris



Made in

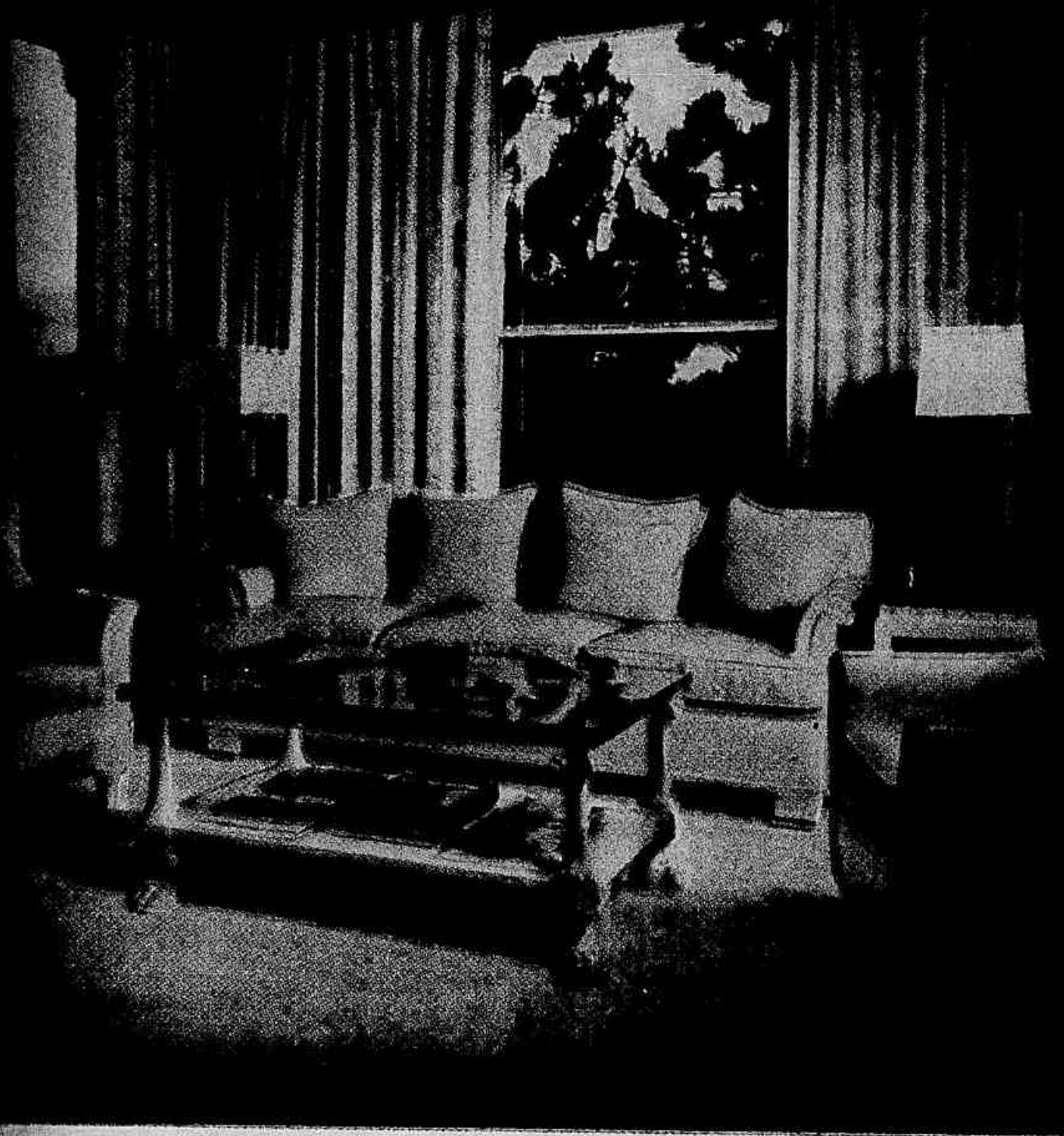
Pequeninas maravilhas em palha, *tulle* piqué, flores (e *Salan* sabe o que mais) para deliciosas cabeças loiras, morenas, castanho-bronzeadas (e os cabeleiros que o concluem) vieram especialmente dos Estados Unidos para você, brasileira bonita, tendo como modelos a adorável Alexis Smith — num coração sugestivo ornado de flores; Joan Leslie, em palha brilhante; a beleza loira de Dolores



U.S.A.

Moran numa boina tipo Montgomery
e oitavo exercito, a lindissima Eleanor
Parker, numa fantasia em tulle e
tafetá e, finalmente, a excentrica Fay
Emerson num originalissimo toucado de
muguets.





Apresentamos hoje duas maravilhosas sugestões para a decoração da sua casa: um elegantíssimo jardim de inverno e uma biblioteca luxuosa. No que concerne ao primeiro é de notar-se

O Lar

a linha de simplicidade que o caracteriza.

Na biblioteca, entretanto, observam-se os difíceis trabalhos na madeira que revelam um estilo antigo e magnífico.

Jardim de Inverno

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

AVALS A

Conto do escritor austríaco
FELIX DÖRMANN

Davam pena as moças da família Keller. Era sabido que morriam todas na flor da idade, vitimadas por uma moléstia do coração. Muito bonitas e apesar de condenadas a morrer cedo, viviam felizes. Todas se casavam, embora não houvesse esperança positiva de alguma escapar à lei fatal. Contava-se, porém, que mais cedo ou mais tarde, das alianças com rapazes saudáveis e fortes, resultasse uma descendência capaz de conjurar a maldição que parecia pesar sobre a família.

Annie Keller tinha apenas dois anos quando sua mãe sucumbiu ao mal hereditário que, se poupava os homens, era para as mulheres implacável... Annie não tinha irmãos. E era a única representante feminina da família, pois que seus tios só tinham filhos, por sinal todos eles belos e robustos rapagões.

Annie cresceu, cercada de cuidados e mimos extremos. Toda a família a adorava. Aos dezessete anos, a sua formosura impressionava deveras. Dir-se-ia que todos os encantos das moças Keller nela se haviam reunido e requintado. Havia na sua beleza alguma coisa de peregrino, elevado, quase sobrehumano. E Annie era ao mesmo tempo a grande alegria e a grande dor do pai que nela revia as feições da esposa adorada e a cada momento se inquietava à idéia de a perder também.

Dos primos, pouco mais velhos do que ela, um ia agora casar. O noivado devia ser oficialmente anunciado na noite de S. Silvestre. Tinham sido feitos numerosos convites.

Haveria uma excelente orquestra. E assim dançando, em plena alegria, se festejariam os dois acontecimentos: o contrato nupcial e a chegada do Ano Novo.

Annie e o pai tinham prometido ir e já foram. Ela, porém, não dançaria, bem entendido. Além do mais, não se interessava pela dança. E nem sequer aprendera a dançar.

Quando saíram da mesa, Annie foi se sentar numa vasta e confortável poltrona junto à porta duma saleta, donde se via todo o baile. O pai foi jogar a sua partida de cartas. A moça ficou, por assim dizer, sozinha. Todos os rapazes sabiam que lhe era proibido dançar; e quanto a conversar com ela, naquele tumulto de festa, nenhum estava disposto a isso.

As danças tinham assumido alto grau de animação. Todos os rapazes disputavam a honra de dançar com a noiva; e o noivo que com ela abria o baile, conforme a boa tradição, teve, conforme a praxe também, de a ceder aos convidados. Ficou assim como quem não sabe o que há de fazer. Não tinha vontade de procurar outro par; e ver a noiva nos braços dos outros também lhe não era nada agradável. Para se pôr, tanto quanto possível, de parte, aproximou-se da saleta e, nisto, deu com Annie abandonada na sua poltrona. Foi para ele uma sorte. Sentou-se numa cadeira ao lado e começou a conversar com a encantadora prima.

Mal se conheciam. Annie era ainda criança quando ele, por causa de certas rapaziadas, fora mandado para longe de Viena. De volta havia pouco tempo, parecia ter completamente mudado: bastante altivo, de maneiras cerimoniosas mas ao mesmo tempo frias, reservadas... Apenas, alguma coisa no semblante, um brilho sarcástico no olhar formava singular contraste com o resto da pessoa.

— Boa noite, Annie... disse ele. — Aborreces-te muito em nosas casa, não é verdade?

— Oh, não! Por que? Está-se aqui tão bem... E não só hoje, sempre!

— Achas? E daí, talvez. Os gostos variam tanto...

— Mas por que dizes isso? Não te sentes feliz, assim novamente no meio da tua família?

— Francamente, tinha me desacostumado.

— E então agora que vais ter a tua companheira, a tua esposa.

— Sim, com efeito...

— Não compreendo esses modos. Acaso não amas essa moça? Quando se ama, fala-se doutra maneira...

— E como sabes disse? Já amaste alguém?

— Oh, eul... Não devo pensar em tal... ao que diz o doutor. Pelo menos até passarem alguns anos, para ver se escapo ao destino das outras. Como sabes, sou uma Keller; e as mulheres da nossa família...

— E' verdade, perdoo-me. Mas estás vendo, Annie: tu não deves amar e eu não posso. Bem quizeras, mas não posso.

— E tua noiva, então?

— Que importa? Essa ou outra... Não posso amar nenhuma. Tentei afeiçoar-me deveras, suggestionar-me. Impossível. Agora nem mais tenho o direito de continuar a procurar, a tentar. Essa criatura, a meu lado, reclamará a minha ternura, a minha dedicação, o meu amor. Há de exigir e eu terei que atender às suas imposições... E esta comédia durará sempre, sempre! Mas que estou eu dizendo? Que tolice! E a quem o digo? A uma criaturinha como tu, tão branca, tão fina, tão pouco terrestre... A ti que tens o ar duma santa, a quem eu quizeras pedir que me socorresse, me salvasse... Escuta... Tu não compreendeste as minhas palavras, pois não? Ainda bem! Eu te peço, esquece tudo. Mesmo porque não é verdade. Simples tagarelice, palavras no ar...

— Não mintas... protestou Annie, com serena tristeza. — Não sou tão ingênua assim.

(Continúa na página 45)

PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS em português DOS EE.UU. PARA O BRASIL

Transmitido simultaneamente das seguintes estações:

WBCA - 15.15 Mgs. (Falsa de 19 ms.)	das 18:00 às 20:45	
WGBA - 9.67 (Falsa de 31 ")	das 21:00 às 24:30	★
WGBA - 11.85 (Falsa de 25 ")	das 18:00 às 21:45	
WGBX - 7.00 (Falsa de 41 ")	das 21:30 às 24:30	★
WGBX - 9.40 (Falsa de 31 ")	das 18:00 às 24:30	

Quinta

Hora do Dia

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
18:15	Chopiniana
18:30	Alt-Top Hit Parade
19:00	Notícias
19:15	Clube Dançante NBC
20:00	Rádio Jornal
20:15	Orquestra de Vincent Lopez
20:45	Orquestra de Freddie Martin
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Orquestra de Raymond Scott
21:30	Notícias Culturais por Gerson Cechin
21:45	A Antena do Norte Certo
22:00	Notícias
22:15	Olga Coelho
22:30	Eva Garza, Trio Chorro Gil e Orquestra Panamericana
23:00	Notícias
23:15	Trio Chorro Gil
23:30	Banda dos Festivais-Nr. A
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Devaneio Musical
00:30	Encerramento

Sexta

Hora do Dia

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
18:15	Cantões das Nações Unidas
18:45	Resenha Literária
19:00	Notícias
19:15	Chopiniana
19:30	Cineclube Nova York
20:00	Rádio Jornal
20:15	Orquestra de Vincent Lopez
20:45	Orquestra de Freddie Martin
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Orquestra de Raymond Scott
21:30	Notícias Desportivas
21:45	Música por Tucci
22:00	Notícias
22:05	Chamando Pan America
22:30	Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:00	Notícias
23:15	Trio Chorro Gil
23:30	Devaneio Musical
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Orquestra Panamericana
00:30	Encerramento

Sábado

Hora do Dia

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
18:15	Momento Musical
18:45	Revista Cultural
19:00	Notícias
19:15	Música do Novo Mundo
19:45	Música de Dança
20:00	Rádio Jornal
20:15	A Página Feminina
20:45	Música Semi-Clássica
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Orquestra de Paul Barron
21:30	Cartas em Revista
21:45	Alma de Minho Paulo
22:00	Notícias
22:05	Polos Soudaires do México
22:30	Comentário
22:35	R. Henriquez e Orq. Panam.
23:00	Notícias
23:15	Trio Chorro Gil
23:30	Orq. de Concertos CDB e Solistas
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Orquestra de Walter Gross
00:30	Encerramento

Domingo

Hora do Dia

18:00	Sinfonia da NBC
19:00	O Mundo Hoje
19:10	Resumo dos Programas
19:15	Melodias da Broadway
19:30	A Vida em Hollywood
19:45	Seleções de Operetas
20:00	Rádio Jornal
20:15	Sessão de Concerto
20:45	Música Semi-Clássica
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Música da América
21:45	Bandas Militares
22:00	Notícias
22:15	Olga Coelho e Trio Chorro Gil
22:30	Reinaldo Henriquez e Orquestra Panamericana
23:00	Notícias
23:15	Orquestra Filarmônica de Nova York
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Devaneio Musical
00:30	Encerramento

Segunda

Hora do Dia

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
18:15	Magia Tropical
18:30	A Semana em Revista
18:45	Spotlight Bands
19:00	Notícias
19:15	Alô Amigos
19:45	Música de Dança
20:00	Rádio Jornal
20:15	Sammy Kaye e sua Orquestra
20:45	Música Semi-Clássica
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Orquestra de Walter Gross
21:30	Orq. de André Koshelovitz
21:45	Eva Garza e Trio Chorro Gil
22:00	Notícias
22:15	Música de Manhattan
22:30	Trio Chorro Gil
23:00	Notícias
23:15	Convite à Música
23:30	Resumo das Notícias
00:00	Devaneio Musical
00:30	Encerramento

Quarta

Hora do Dia

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
18:15	Valores Famosos
18:45	Serenata Tropical
19:00	Notícias
19:15	Seleções de Operas
19:45	Daqui Shere - canções
20:00	Rádio Jornal
20:15	Contrastes Musicais
20:30	Aviação Americana
20:45	Música Semi-Clássica
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Quarteto Golden Gate
21:30	Notícias de Hollywood
21:45	Concertos de Jazz
22:00	Notícias
22:15	Eileen Ferrell e a Orq. de CDB
22:30	Reinaldo Henriquez e Orquestra Panamericana
23:00	Notícias
23:15	Eva Garza e Orquestra Panamericana
23:30	Música de Manhattan
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Orq. de Walter Gross
00:30	Encerramento

Quinta

Hora do Dia

18:00	Resumo dos Programas e Notícias
18:15	Orq. de Alfred Wallenstein
18:45	Bolet. Latino-Americano
19:00	Notícias
19:15	Clube do Swing
19:30	Fantasia Musical
20:00	Rádio Jornal
20:15	Caravana Tropical
20:45	Orquestra de Freddie Martin
21:00	Resenha dos Programas
21:02	Notícias
21:15	Orquestra de Raymond Scott
21:30	Notícias de Hollywood
21:45	Banda Militar
22:00	Notícias e Comentários
22:15	A Hit Parade
22:45	R. Henriquez e Orquestra Panamericana
23:00	Notícias
23:15	Orquestra de Variedades
23:30	Música de Hoje e Ontem
00:00	Resumo das Notícias
00:15	Orquestra de Harry James
00:30	Encerramento

TRANSMISSÕES EM ONDAS DIRIGIDAS PARA O BRASIL

Atenção!

Não esqueça que o "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1944 está sendo ultimado.

Será mais uma maravilhosa edição do magnífico "livro dos mil assuntos", que constitui o melhor companheiro para o ano novo.

Se o homem da cidade, bem como o do campo, encontra no "Almanaque Eu Sei Tudo" uma fonte de leituras interessantíssimas, a mulher das capitais ou do interior nele terá um guia seguro para todo o ano que vem. Muitas páginas, ricamente coloridas, dão ao volume aspecto agradabilíssimo; contos de aventuras e histórias sentimentais; artigos diversos sobre ciência e história, ao lado do calendário. Tudo constitui um acervo de matérias selecionadas com o mais alto critério.

Custará o "Almanaque" oito cruzeiros em qualquer parte do Brasil e terá cerca de trezentas páginas; será vendido em todas as livrarias e pontos de jornais das capitais dos Estados e das cidades do interior.

Entretanto, informamos que o "Almanaque Eu Sei Tudo" poderá ser obtido diretamente da CIA. EDITORA AMERICANA, à rua Maranguapé, n.º 15, no Rio de Janeiro, mediante vale postal ou pelo serviço de reembolso do correio.

**Numeros atrasados desta
Revista no Rio G. do Norte**

Pedir a LUIZ RO.ÃO

Av. Tavares de Lira, 48 --

**CABELLOS
BRANCOS**

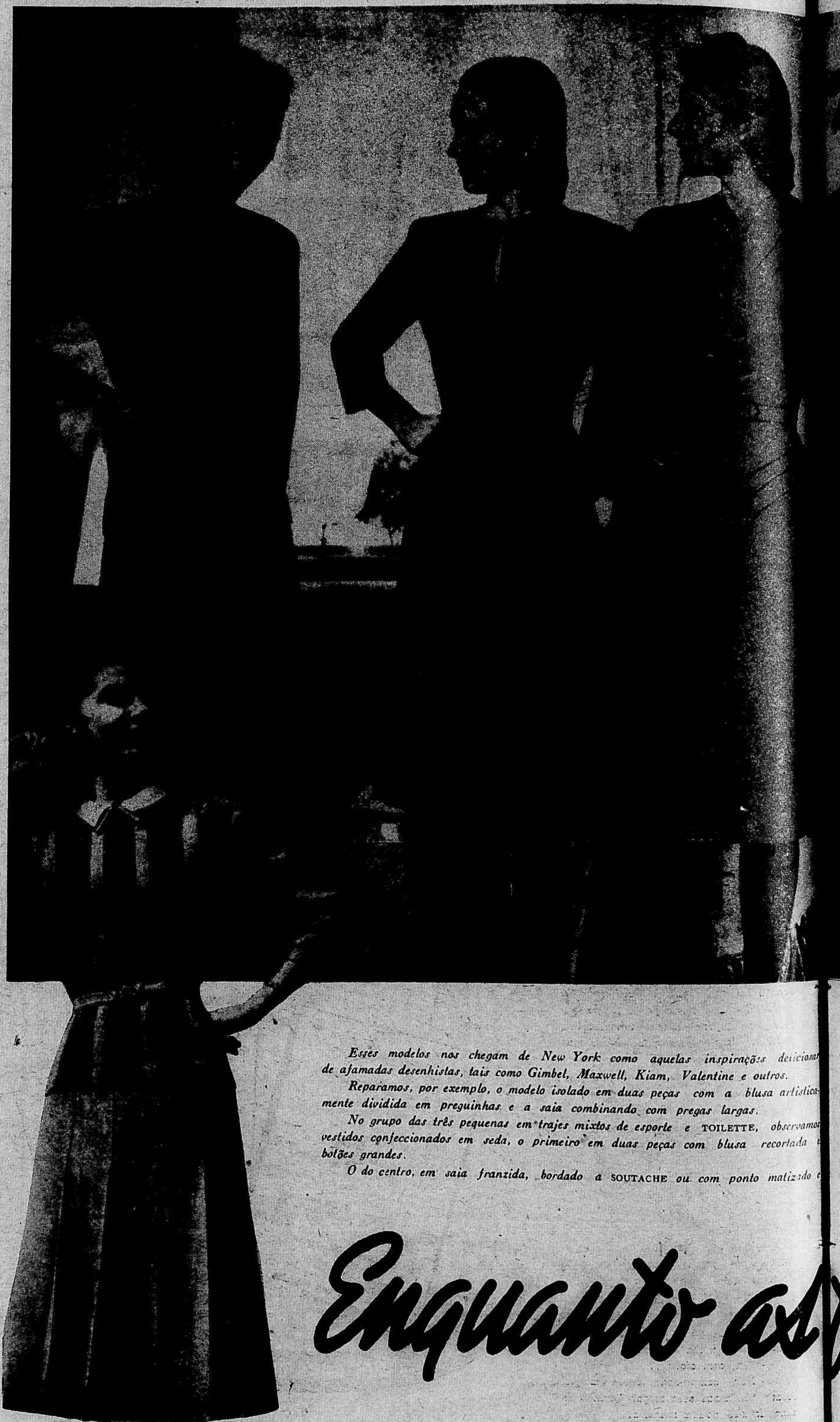
CASPA
Quêda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

**Numeros atrasados desta
Revista em Pernambuco**

Pedir a A. MADALENA

Rua 7 de Setembro, 128 - Recife



Esses modelos nos chegam de New York como aquelas inspirações deliciosas de afamadas desenhistas, tais como Gimbel, Maxwell, Kiam, Valentine e outros.

Reparamos, por exemplo, o modelo isolado em duas peças com a blusa artisticamente dividida em preguinhas e a saia combinando com pregas largas.

No grupo das três pequenas em trajes mistos de esporte e TOILETTE, observamos vestidos confeccionados em seda, o primeiro em duas peças com blusa recortada e bolsões grandes.

O do centro, em saia franzida, bordado a SOUTACHE ou com ponto matizado e

Enguanto as



finalmente o último, elegantíssimo na sua simplicidade em tom cinzento com botões fantasias.

A outra série apresenta encantadores costumes para os dias frios executados em fina lã própria para a primavera.

Note-se a perfeita harmonia dos complementos tais como as luvas e o SWEATER de TRICOT, o chapeuzinho de marinheiro francês com o pomponzinho vermelho e a toque de veludo que empresta, ao terceiro modelo, um ar de petulância graciosa.

A exceção do último TAILLEUR, enfeitado de veludo na gola e nos bolsos, os outros caracterizam-se pelo PESPONTO e pelas saias pregueadas, ambos em plena auge na moda atual.

flores perfumam...

Revista da Semana

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
Do Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



Numeros atrasados desta
Revista no Maranhão

Pedir a RAMOS D'ALMEIDA & CIA.
Praça João Lisboa, 114 — S. Luiz



Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe
PROCURAR A LIVRARIA REGINA

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

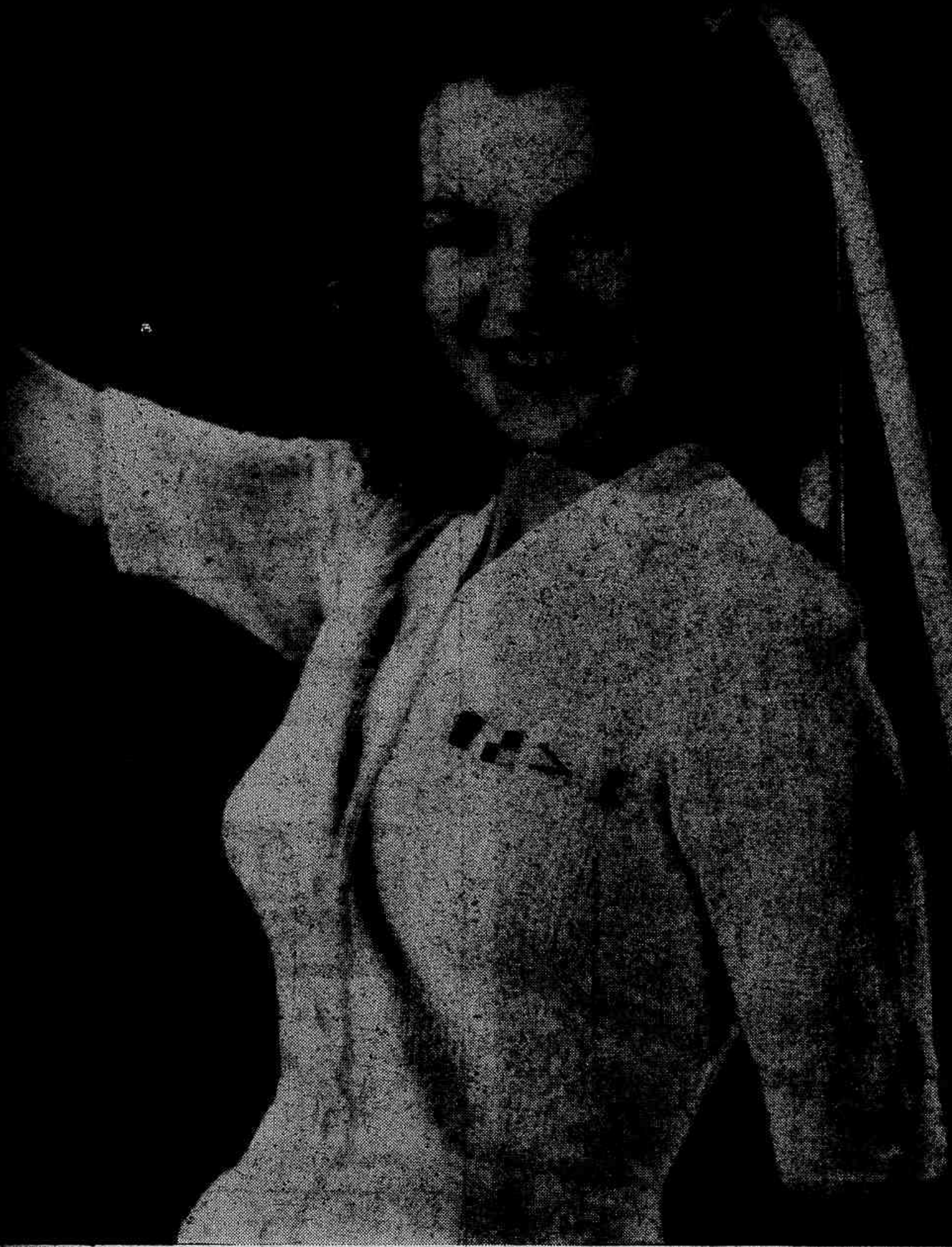
ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1943

Ciente de que a edição do "Almanaque" para 43 está esgotada nos estados, a redação informa que ainda dispõe de alguns exemplares que poderão ser enviados aos leitores mediante vale postal ou pelo serviço de reembolso do Correio.

Preço: Cr\$ 8,00.

Pedidos á

CIA. EDITORA AMERICANA
MARANGUAPE, 15 - RIO.



Dolores Moran



Ella Raynes



Marguerite Chapman

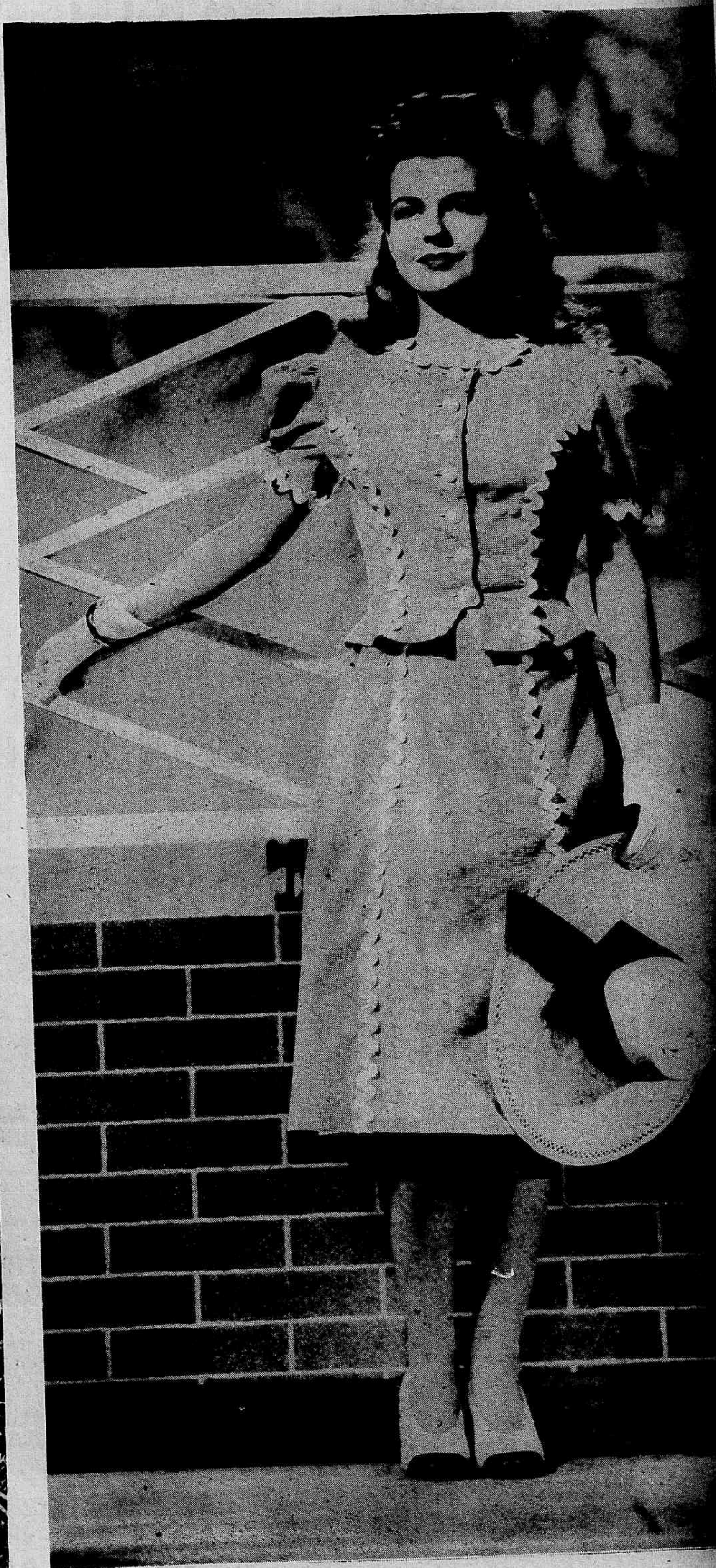


Betty Fields

Transição

Nessa primavera onde os dias hibernais têm sido tão frequentes não sabemos se mandamos fazer novos vestidos de inverno ou de meia estação. Entretanto Maria Montez, Ella Raines, Betty Field, Marguerite Chapman e Dolores Moran da Universal, Columbia e Warner Bros. resolveram satisfatoriamente nosso problema enviando-nos essas sugestões.

Maria Montez



NOTICIARIO ELEGANTE



No flagrante, a Senhora Mariasinha Serveira, esposa do Dr. Nestor Serveira, proprietária do belíssimo cão de raça dinamarquesa, Tupan, que alcançou o primeiro prêmio na exposição deste ano organizada pelo Kenne Clube do Brasil, certame este que despertou o mais vivo interesse.

ANIVERSARIOS

DIA 23:

Senhora Adamir Ribeiro Falcão.
Senhores: consul Francisco José da Silveira Lobo; capitão de mar e guerra Lucas Alexandre Boieux e João Rosa de Vasconcelos.

DIA 24:

Senhoras: Maria Helena Nunes e Esmeralda Fernandes da Silva.
Senhoritas: Madalena Camargo; Elza de Castro e Célia Marques.
Senhores: dr. Raul Fernandes; dr. Silvio Rafael Balceiro; dr. Carlos A. Neto e Oswaldo de Siqueira Amazonas.

DIA 24:

Senhores: dr. Frederico de Castelo Branco Clark, ministro do Brasil na Suécia; dr. Moitinho Dória; Carlos Pereira Pinto e Jayme Pedreira Passos.

DIA 26:

Senhores: dr. Antonio Jorje Ma-

chado; dr. Lauro Dantas Leite e José Costa.

DIA 27:

Senhora Candida Sodré de Macedo Soares.
Senhores: dr. Abelardo Marinho; dr. Humberto Gomes; dr. Brandão Filho e o nosso confrade, Alvarus de Oliveira.

DIA 28:

Senhoras: Eulália Neves de Queiroz e Carmelinda Peixoto.
Senhores: dr. Jaime Praça, delegado de Menores; capitão Martins de Oliveira e dr. Francisco Antonio Coelho.

DIA 29:

Senhora Eurides de Melo.
Senhores: dr. Carlos A. de Miranda Jordão; Jards Gomes da Silva e Genésio Pires.



Com estampados floridos e abotoados na frente; plissé, recortes, pregas; rendas e golas esportivas e laços terminando conjuntos graciosos, elas passam esguias e elegantes; vão ao Jockey, aos concertos matinais ou fazem o "footing" nas calçadas desenhadas de Copacabana.

A elegancia nas manhãs cariocas desfila alegremente. A primavera no Brasil não é mesmo um milagre

PELES
RUA DO PASSEIO, 42

Lebelson

SEMPRE
NOVIDADES
MODAS FONE 22-4617 - RIO

Morte accidental

(Continuação da página 8)

plando fixamente o **Kris** na parede, com a vaga expressão de um homem hipnotizado. Senti-me arrepiaado. Tudo aquilo tinha uma irrealdade que me fazia sentir imensamente remoto o mundo cotidiano. Abri rapidamente a carta seguinte, para deixar logo de olhar para Mercer. Era encabeçada apenas por **Londres**.

"PREZADO MERCER — Esta carta vai bem louca. Você já sentiu alguma vez que estava ficando louco — a cabeça começa a pensar as coisas mais insensatas, e não há força de concentração que a faça voltar aos caminhos da razão. Algumas vezes eu quasi desejaria que fosse a loucura que me atormenta e não este maldito **Kris**. Que é que há de verdade naquelas histórias que eu ouvia em Java a respeito do **Kris**, Mercer? Era tudo uma bobagem completa, não era, mano velho? Deixe-me contar-lhe o que aconteceu desde que cheguei aqui.

Vendi algumas das joias. A quantia que apurei foram 35.000 libras. Você pode imaginar o que senti, com este dinheiro guardado em segurança no banco e mais de metade das joias a serem vendidas ainda? 35.000 libras, Mercer — pois não, o lote vai dar meio milhão! Fui às nuvens, e celebrei regamente o caso. E quando voltei para casa na manhã seguinte, extrai o **Kris** do velho **Silah** e lhe dei o lugar de honra acima de minha cabeça. Prouvera a Deus eu tivesse deixado a coisa onde estava — embora eu sintia que não faria diferença. Os malaios teem razão, Mercer, esta coisa é viva. Ria se quizer, mas eu sei. O que estou dizendo!

Todas as noites ela me fala — fala naquela voz serpentina e macia dos malaios, dizendo-me qual é meu dever. Dever! — quem é que pensa no dever, tendo meio milhão de libras na mão? São lindas, estas joias, e eu fico falando com elas. Não vou vendê-las, são lindas demais.

Mas, vou vender este **Kris**. Três vezes procurei tirá-lo do prego onde está pendurado e tenho medo de tocá-lo. Ele se enrola como uma cobra, quando vou tentando apanhá-lo.

Marumay está para ter um bebê. Sakarba contou-me à noite passada. Ela está doente. Eu a vi deitada, soluçando porque o pai lhe disse que eu não voltaria. Sakarba me disse que se eu voltasse teria uma longa vida feliz, mas as joias são muito bonitas, mais bonitas do que Marumay, e não vou abandoná-las. Não, hei de lutar contra esta fantasia alucinada!

Oh! eu estou louco, Mercer.

Seu, J. J. DICKSON".

VII

Minha impressão quando li esta carta histórica pode ser melhor imaginada do que descrita. Estava com nojo, mas fascinado, e impaciente para ler a terceira e última carta que ainda restava na minha mão. O barulho de vidro tocando em vidro, atrás de mim, demonstrava que Mercer ainda estava bebendo. "O homem deve ser uma esponja", refleti com repugnância ao abrir a carta seguinte. Foi com dificuldade que li as garatujas de aspecto desordenado.

"Estou acabado, Mercer — começava a carta abruptamente. — Este é um dos meus poucos momentos de lucidez. E' manhã cedo e estou frio... frio como a morte. Apenas sinto que devo avisar-lhe, para o caso de você ser tentado alguma vez, como eu fui. Quando acabar esta devo beber... beber! Agora passo o dia inteiro bebendo. A bebida amortece meu cérebro e me dá alguma evasão daquela... daquilo... que não é arma... embora tenha uma forma inofensiva de madeira e aço. Mas é um demônio, Mercer. Eu estava bêbedo quando lhe escrevi à vez passada... bêbedo e alucinado. Preciso andar depressa com esta, enquanto posso pensar claramente.

O velho **Silah** me disse a verdade, Mercer. Sakarba é vivo. À noite fala comigo. No princípio era simplesmente para me dizer que me apressasse com a minha missão. Mostrava-me **Silah** esperando por mim, e, pior ainda, mostrava Marumay. Eu lhe disse que ela estava doente, não foi? Ela agora chora o tempo todo, e o pai a amaldiçoa por ter cedido a um infiel. Ela era uma garota grande. Costumava enfeitar-me com flores e me chamar "Grande Deus Branco". Na noite passada ela falou comigo. "Venha para Marumay, "sir" Jack. Marumay está doente", disse na sua vozinha suave.

Mas agora é muito tarde. Eu não poderia separar-me das joias. Não deixo mais ninguém entrar no meu quarto. Estamos sozinhos — apenas as joias, Sakarba e eu. Conservo as joias onde posso olhá-las, o dia todo e a noite inteira, e as levo para a cama, quando vou dormir. Elas cintilam no escuro, Mercer. Brilham e lampejam para nós somente — para mim e Sakarba. Logo mais Sakarba as levará de volta ao velho **Silah** — quando acabar comigo. Assim me disse ele.

Mas ainda estou lutando. Não durmo mais, apenas fico estirado, observando-o. Se eu adormecer, ele cá em cima de mim, eu bem sei, mas não vou dormir. Eu ainda o vencerei. Porque artes do inferno não fujo e o largo? — Não sei. Você já foi alguma vez tocado por uma cobra, Mercer? Se foi, tem uma idéia do que eu experimento...

VIII

Havia mais desses períodos incoerentes, mas eu não pude continuar a ler. A leitura trouxe-me ao espírito uma visão por demais vivida daquele quarto de Londres, como o homem o descrevia. Estremeci, enquanto as cartas caíam no chão.

Como elas me escorregassem dos dedos, senti uma mão segurar-me o braço e percebi o hálito carregado de Mercer, ao falar-me junto ao ouvido.

— Você pode sentir o medo, Mr. Comissário? E' capaz de imaginar as "maravilhosas noites" de Dickson? — cochichou em voz rouca.

Com repugnância afastei a mão do homem.

— Vá dormir, louco, disse com raiva. — Você está bêbedo.

Mercer riu, enquanto permanecia de pé, cambaleando, diante de mim.

— Só meus pés é que estão bêbedos, Mr. Comissário. Meu cérebro não fica bêbedo nunca — prouvera Deus que ficasse. — Agarrou-me o braço novamente. — Veja, ali está Sakarba pendurada. — Apontou para o **Kris** pendente sobre sua cama. — Ele caiu em cima do pescoço de Dickson, dois dias depois dele ter escrito esta última carta!

Outra vez Mercer soltou aquela gargalhada louca.

Os jornais chamaram o caso de tragédia peculiar e fizeram um caso de primeira página acerca das joias que foram achadas esparsas em torno do leito. O delegado deu um veredito de "morte accidental". Veja, o prego por cima da cama de Dickson estava inclinado para baixo, mostrando como a arma havia escorregado do suporte. — Cada inclinação da história de Mercer era pontilhada por uma louca risada zombeteira à história dos jornais.

— O velho **Silah** mandou para Londres os recibos que Dickson lhe dera e o lote inteiro lhe foi devolvido com Sakarba.

Mercer pareceu moderar-se, enquanto falava e a voz lhe soava agora mais razoável do que antes.

— Você deve estar indagando como vim dar nisto — disse ele. — Eu lhe conto.

— Eu não sabia que **Silah** estivesse a par de todas as notícias, quando li a morte de Dickson e pensei que era meu dever contar-lhe. Fiquei surpreso ao verificar que ele sabia tudo — e mais surpreendido ainda quando me contou que tencionava mandar chamar-me nesse mesmo dia.

Levou-me para o quarto onde Marumay estava deitada, doente.

— Tuan, quer ver o crime de seu amigo? — disse **Silah** tranquilamente, como eu ficasse parado na porta. Na hora pensei que era um curioso modo de se referir ao

Por mulher não se aborreça, ÓLEO DE LIMA é pra cabeça!



Seja também feliz usando ÓLEO DE LIMA, que amacia os cabelos sem empastar, facilitando o penteado. ÓLEO DE LIMA é um produto cientificamente preparado, sem goma nem gordura.



IA-OL 132

ÓLEO DE LIMA

caso. Em poucas palavras ele assinalou que a responsabilidade da vilania de Dickson me cabia em parte. Eu apresentara Dickson à ilha e Dickson morara na minha casa.

A moça malalta estava quasi à morte, pude notar isto. Gemia suavemente, como um animal amedrontado, estirada num canto do leito, o mais longe possível do lugar onde o pai estava de pé.

— Tuan, disse ele de repente, numa voz absolutamente isenta de expressão — vai levar Marumay para sua casa.

Eu fiquei estatelado, para dizer o mínimo, por esta ordem súbita — continuou Mercer, numa voz surpreendentemente firme.

Silah não me deu tempo de replicar, mas continuou a falar. — Seu amigo fez isto e você consentiu. Agora esta rapariga vai morrer, deixando um filho de seu amigo e você consentiu. Isto não deve acontecer na minha casa. — **Silah** segurou-me pelo braço e me levou para junto da cama. Pude ver que a jovem estava acordada. Abriu os olhos e olhou para o meu rosto.

— Meu Deus, aqueles olhos da pequena! Ela estava morrendo, não de fraqueza corporal, mas por causa daquela voz malalta, cruel e fria. A voz de **Silah** chegou-me, enquanto eu consolava a moça com olhos piedosos.

— Tuan, está vendo seu dever. Amanhã Marumay irá para a casa de Tuan e o mundo só saberá que o filho é de Tuan. Deste modo a honra de minha casa será preservada.

IX

Mercer agarrou-me o braço violentamente. — Que poderia eu fazer? Que era que você teria feito? Ela morreria se eu recusasse. Meu Deus, como amaldiçoei Dickson!

Era inútil dizer a **Silah** que eu tinha uma pequena inglesa esperando por mim; e confesso que no momento via apenas os olhos lastimosos de Marumay. Ela morreria em breve, pensei eu. E, afinal de contas a culpa era em parte minha.

SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

ÓLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.



O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNEA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPANHA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.



Uma águia explosão de risos interrompeu a história de Mercer. Vinha da rapariga malaia, no quarto vizinho. Mercer estremeceu.

— E' Marumay — disse ele, em resposta a meu olhar indagador. — Estou amarrado a ela por toda a vida. — Riu-se de repente. — Eu sei exatamente o que experimenta um assistente de asilo de loucos. Senhor! Mas Dickson me pagou bem por ajudá-lo.

— Mas, por que você não fugiu quando ela ficou boa? — perguntei raivosamente, pois o homem me estava atacando os nervos.

— Fugir? — Outra vez soltou sua gargalhada curta e histérica. — Sakarba estava pendurado em cima de minha cama, quando voltei ao meu quarto, no dia da chegada de Marumay. Fugir! — outra vez riu ferozmente.

Depois, marchando em direção à cama, afastou-a da parede e ficou de pé, olhando para o Kris. — Você ouviu o que ele disse, Sakarba? Ele disse "Fuga..." Dickson fugiu... fugiu... você...

A voz de Mercer elevou-se num berro... um berro que foi interrompido de golpe com terrível subitaneidade, por ter a adaga escorregado do gancho.

Por longo tempo não houve movimento no quarto. Eu parecia incapaz de tirar os olhos de cima da figura enrodilhada no chão. Novamente aquela gargalhada infantil veio do quarto vizinho, e aquele som eu me voltei e sai correndo.

Ao passar por Marumay, ela empurrou o macaco da cabeça, onde ele lhe estava puxando os cabelos. E deu uma risadinha, para mim, quando eu passei.

A VALSA

(Continuação da página 39)

Não costumo falar dessas coisas, mas conheço o mundo, a vida. Compreendo tudo o que me dizes e mais ainda. Aprendi, por mim mesma, a compreender. Por que vivo eu? Para que? Se, ao menos enquanto existo, me deixassem empregar o tempo a meu gosto... Mas qual! Preciso de me poupar, de evitar o perigo, de não fazer, afinal, coisa alguma. Estás ouvindo? Tu não tens coração... Pois eu tenho-o de mais. E é o que realmente me mata. Ninguém ousa aproximar-se de mim. Recelam provocar o desastre. Para me não fazerem mal, negam-me todos os prazeres, todas as alegrias. Quizera, um dia, fazer alguma coisa bem à minha vontade, bem livremente. Beber um copo de champagne, dançar uma valsa... Nunca, nunca!

— Annie, que impressão me fazes... Tão grave e tão infantil ao mesmo tempo... Uma valsa, que idéia!

— Sim, uma valsa é coisa infantil... mas para mim é a própria vida... quer dizer movimento, liberdade, devaneio, abandono. Sentir-me nos braços de alguém que me quizesse bem, me levasse para um mundo diferente, um mundo proibido... Vamos! Leva-me!

— Mas, Annie... Tu não deves... Nem eu tampouco...

— Só alguns compassos... murmurou ela, numa súplica. Para eu ter, um momento, a impressão da saúde, dizer-me, a mim mesma, que faço aquilo que quero, até dançar... E que há alguém que me leva consigo, porque gosta de mim, porque me ama... Escuta... Ninguém saberá. Cerramos este reposteiro e dançamos do lado de cá. Ouve-se perfeitamente a música... Escuta... É uma valsa de amor, a valsa do amor! E eu me sinto tão bem, tão cheia de vida...

Docemente, com mil precauções, ele a toma nos braços; e Annie se encosta toda ao par. Depois, diz baixinho:

— Não, não creias que te amo. Amo a tua saúde, a tua força, tudo o que eu não tenho...

— Mas... Como é isto? Danças maravilhosamente!

— Aprendi sozinha, às escondidas, quando os realejos vinham tocar no pátio lá de casa.

— Pobre Annie...

— Não digas isso! Sinto-me tão feliz...

— Bom, mas agora precisamos de parar...

— Não! Bem vêes que não me faz mal nenhum. E a valsa é tão linda! Um pouco mais, um pouco mais...

E partiam de novo. A valsa de amor, que principiara sobre um motivo lânguido, melancólico, agora se desenvolvia em júbilo e ventura. Uma espécie de embriaguez se apossou de ambos, uma ilusão, como se cada um houvesse afinal encontrado aquilo que procurava. E aquilo os furtava à sua própria vida, os arrebatava para a visão dos seus sonhos realizados. E a valsa subia, subia, e já eles não pensavam em mais nada: só no seu amor.

O rapaz inclinava-se, em êxtase, sobre aquele rosto nacarado; contemplava os olhos baixos, a boca escarlate que ela entreabria para melhor respirar; e murmurava: "Sim, és tu, és tu..." E jugava, enfim, chegado o momento em que o anel de ferro que sempre

lhe apertara o coração, se quebrava, o deixava livre. E repetia: "Sim, és tu, és tu". E dansavam, dansavam...

O rapaz não sentia como a cratura se tornara pesada nos seus braços, porque o fardo era macio e leve; e ele o transportava sem reparar que aquele coração deixara de bater, porque no claro, doce semblante de Annie havia a expressão duma imensa felicidade...

A velha casa

(Continuação da página 19)

Sim, teria que me aguentar bem quietinha na cadeira, quando naquele mesmo instante um irmão estava sendo ferido no mais inglório de todos os combates deste mundo. O caos reinava dentro do meu cérebro, porém o rosto tinha que aparentar calma, porque era indispensável que se mantivesse a ordem num certo refúgio situado em qualquer ponto deste vasto planeta. Era considerado ousadia e macriação faltar uma irmã com insistência. Tinha-se que ouvir tudo quanto ela quizesse dizer, de cabeça baixa. Mas esta posição sempre me foi muito penosa... tão penosa que não a adotei nunca, por mais desastrosas que viessem a ser em qualquer tempo as consequências de uma cabeça levantada.

— Continuei a olhar duro para a freira, com vontade nem sei de que.

— **Ma Soeur**, a senhora não pode compreender, não...

De repente, minhas próprias palavras como que serviram de chave para explicar a atitude dela para comigo. Não era falta de caridade o que estava fazendo, colada. Era incompreensão mesmo. Desde muito cedo aprendi com Papai a maneira de medir os outros pela bitola de cada um e nunca sob o nosso ponto de vista pessoal. Ele dizia às vezes: "Fulano está errado. Mas pensa que está direito. Certamente eu pensaria também, se estivesse no lugar dele".

A irmã viera de sua Bretanha romântica, de civilização muito diversa. Vivia no meio dos santos, saturada de misticismo. Como poderia adivinhar que ali bem perto se repetira a velha história do homem que vendeu um justo por trinta dinheiros?

— Desculpe, **Ma Soeur**, estou atrapalhando mesmo. Preciso ir para o dormitório. De licença.

Fui. Mas voltei logo. Pela primeira vez na vida assaltou-me o pavor da solidão, esse fantasma que haveria de me amedrontar muitas vezes daí por diante. Era preferível aturar a curiosidade enjoativa das colegas, fervilhando em torno de mim como formigas ao redor de um torrão de açúcar.

— Conte, bichinha, a encrenca que está acontecendo em sua terra! Conte!

Ai quem me dera saber o que **estava acontecendo**. Era exatamente esta ignorância que me alucinava.

Fui obrigada a explicar alguns antecedentes. Papai, médico humanitário e queridíssimo de seu povo, era também um chefe político de grande prestígio e, como todo homem de valor, possuía inimigos despeitados. Além disso não dava tréguas aos cangaceiros que viviam ali por perto. Sempre fôra ameaçado por eles, desde o tempo de Antonio Silvino. Agora, Lampeão estava cumprindo o que na gíria do cangaço eles chamam "uma promessa".

Ficar parada não me era mais possível. Precisava me mexer para dissipar a tensão nervosa. A turma toda resolveu virar volante, contanto que não perdesse de vista a minha pessoa tão tristemente célebre de um instante para o outro. E assim passou esse primeiro dia de pesadelo.

Cada vez que a porteira, na galeria de cima, batia com a chave no cano da água para chamar a nossa atenção no pátio do recreio, os meus nervos davam um salto. De uma feita ela gritou: Telegrama! Segurei-me com força ao tronco do oitizelro, durante aqueles segundos angustiosos, enquanto me vinha a certeza de que o telegrama era ou não a mim destinado. Não era! Talvez eu já nem tivesse mais ninguém no mundo para me passar telegramas!

Chegou a noite do domingo. Admirei-me de ainda estar viva, escutando as outras falarem, entendendo o que diziam... Que coisa esquisita!

Segunda-feira. Terça. E nem uma notícia. Era estranho. Mesmo que as linhas do telégrafo de Souza tivessem sido cortadas, como era hábito os cangaceiros fazerem, em Pombal já se devia saber de tudo. E por que na capital a gente continuava "no escuro"? Sem dormir, quase sem comer, parando somente quando as irmãs me obrigavam a um repouso forçado, sentia-me leve como uma pena. Fraqueza horrível! Só não caía prostrada porque a excitação nervosa me sustentava. O ambiente do Colégio, alegre e barulhento com as suas cento e vinte internas, já não era o mesmo. O peso de minha preocupação caíra também sobre o espírito de todas as outras pessoas.

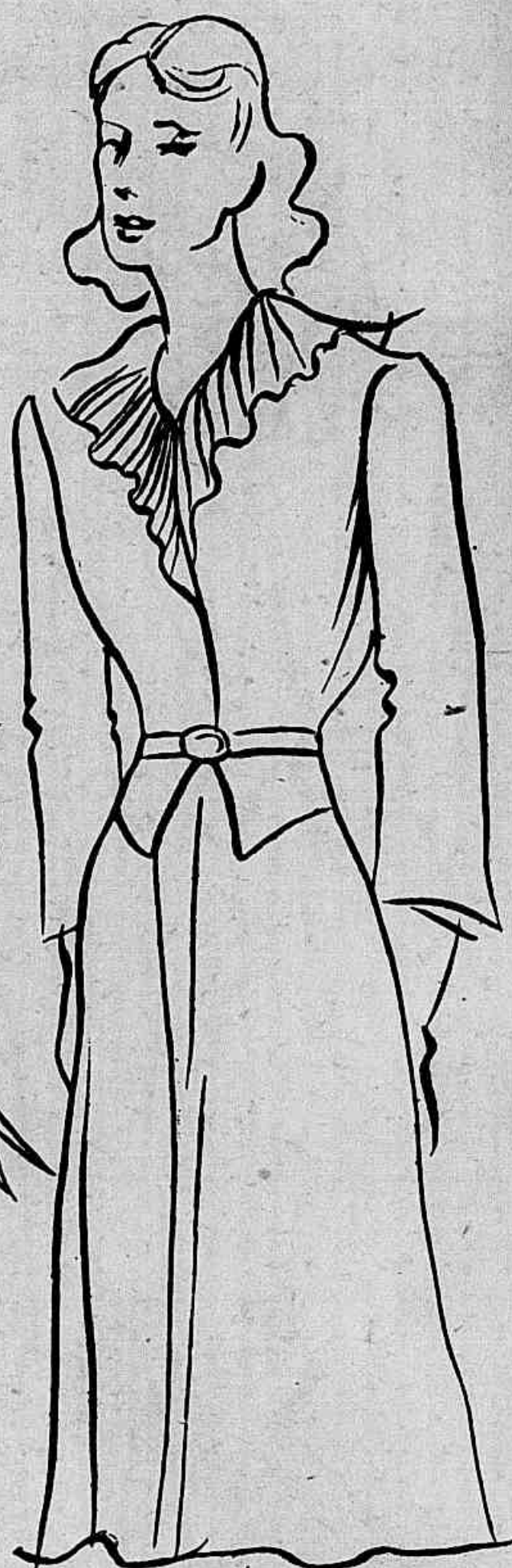
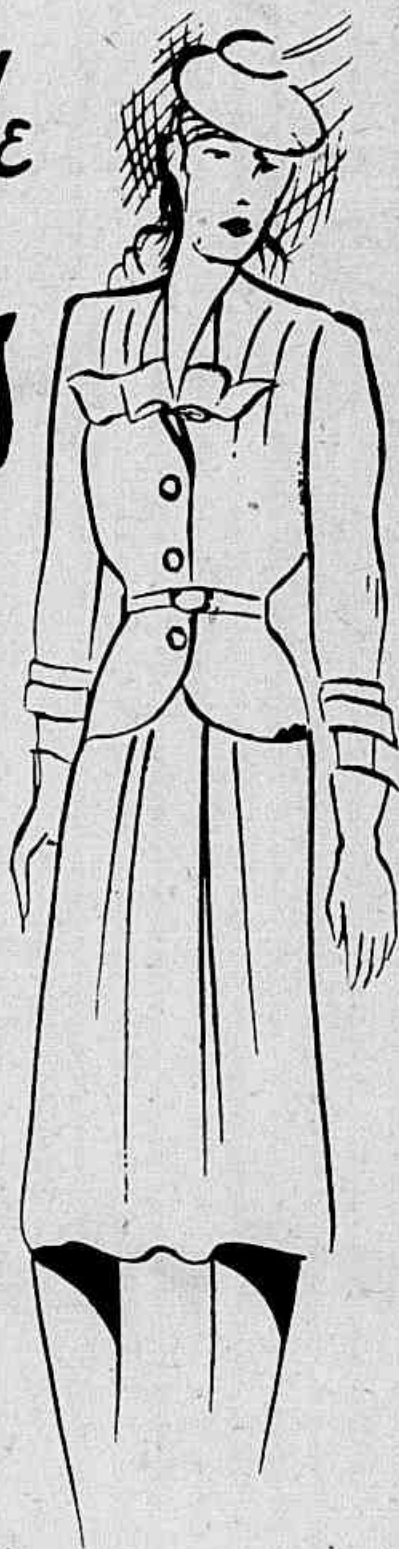
Em vez dos recreios ruidosos... silêncio!

As meninas ocupavam as horas de descanso fazendo peregrinações à Capela, afim de pedirem a Deus por mim.

Na terça-feira de tarde irmã Superiora mandou ordens para que me recolhessem ao dormitório. Podia escolher as amigas que quizesse, para me fazer companhia. O pretexto era que eu estava debilitada e não poderia suportar por muito tempo aquela vida de andarilho que vinha adotando desde o domingo. Eu, porém, tenho um bocado de sangue indio: fiquei desconfiada. Alguma notícia tremenda deveria ter chegado. Aquelas precauções estavam sendo adotadas para que eu não tomasse conhecimento das novidades. Era praxe do Colégio só avisar as alunas, fosse do que fosse, com ordem expressa das famílias. Mas... eu ainda teria uma família para expedir ordens a meu respeito sobre qualquer assunto?

(Continúa na página 50)

Desfile de Modelos



A exposição canina do Kennel Club constituiu motivo para o desfile da elegância carioca. Levando pequeninos pekinezes, delgados fox-terriers, elegantíssimos galgos, "Elas" passaram suscitando admiração (e na maior parte das vezes não era pelos cãezinhos, podemos jurá-lo).

Goulart observou esses modelos e resolveu fixá-los, como sugestões de bom gosto para as nossas leitoras.



ieucarelli
UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

Guarnição para Cosinha



Continuando a série de desenhos para essa encantadora guarnição de cosinha, publicamos as figurinhas correspondentes aos tres ultimos dias uteis da semana.

Esperamos, assim, que elas de fato, constituam um motivo de encanto e originalidade na sua casa.

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

NÃO SE ILUDA COM SEUS DENTES

— você póde ter MAU HÁLITO!

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

Dentes lindos e perfeitos não impedem a fermentação dos resíduos alimentares nos seus interstícios — uma das principais causas do mau hálito. Elimine esse mal com o uso diário de Odorans, em bochechos e gargarejos. Odorans não é um simples dentifrício: é um produto medicinal, cuja ação antisséptica evita a fermentação!



"Joy de vivre."



Num vestido de panamá, branco com estampa aplicada Deanna Durbin (Universal) é bem um exemplo de alguém que sente tanta alegria de viver como Dolores Moran. (Warner) em saia de tafeia e blusa branca.



CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

MOBILIÁRIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MOSTRUÁRIOS

Convidam-se as distintas famílias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Moveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliários nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem pretende adquirir moveis de qualidade e de bom desenho.

As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda, sendo os moveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica com facilidade em certos casos de pagamento.

Mas Que Pancada!



A dor acalma-se prontamente, a ferida cicatriza e sara com a ajuda do Mentholatum. As mães precavidas têm-o sempre à mão, para queimaduras, cortes, pancadas e constipações.

MENTHOLATUM

NUMEROS ATRAZADOS DESTA REVISTA NO RIO GRANDE DO NORTE

Pedir a LUIZ ROMÃO
AV. TAVARES DE LIRA, 48

OUTROS RIRAM



— Naturalmente eu sei que você tem razão querida. Apenas quero saber se o dicionário está certo.



— Querido, quando você vier para casa jantar, passe num restaurante e coma alguma coisa.



— Doutor, não bastará a perda da razão para justificar o desquite?

— Por que? Sua senhora enlouqueceu?

— Não, senhor. Eu é que estava louco quando casei com ela?



— Adoro-a, idolatro-a! Consinta em ser minha esposa!

— Mas se já ontem lhe disse que não...

— Quê! Foi a senhora?

Quero bom trato!

TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbê.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSES, ASSEGURANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

A VELHA CASA

Continuação da página 46).

A noitinha daquele dia despistei as guardiãs com uma mentira qualquer e escapei do dormitório para ir ver o que estava se passando dentro das classes ou mesmo nas galerias. Quem sabe? Um pedaço de conversa, uma palavra... Sempre tive esta mania mórbida de procurar tormentos. Quando eles não existem na realidade, arranho-os de imaginação, o que vem a dar no mesmo. Aquele ali não era produto de nenhuma ficção.

Bem devagarinho me aproximei da porta da primeira classe, àquela hora cheia de gente para a aula de francês noturno. Fiquei escutando, no escuro. Depois da prece costumeira, a Irmã pediu a Deus por mim, acompanhada por todas as meninas. Aquela bondade me comoveu até às profundezas do coração. E' bem verdade que "a gente sofre menos quando se vê sofrer, também, alguém por nós". Depois a voz da freira perdeu o tom de doçura e se elevou cheia de autoridade:

— **Ma Mère** mandou um aviso para vocês todas: a aluna que transmitir à menina Mariz os boatos alarmantes que estão correndo a respeito da família dela, será expulsa do Colégio sem contemplação.

Meu cérebro parou, ou pelo menos me deu esta impressão. Para que a Irmã Superiora, tão meiga e incapaz de atitudes extremas, expedisse ordens de natureza drástica, era porque qualquer coisa de tremenda e irreparável deveria ter acontecido à minha família. Vi que não me aguentaria mais em pé por muito tempo. Como uma sonâmbula, procurei o recanto mais escuro da galeria e cai sentada num batente. Fiquei ali uma porção de tempo, lutando contra o vácuo que pretendia se apoderar do meu pobre espírito. Mesmo as coisas iluminadas pela claridade da porta eu já não conseguia enxergar direito. Embora estivessem ali cem pessoas, ao alcance de minha voz, sentia-me sozinha como si mais ninguém existisse em toda a vastidão do Universo. Tentei elevar o pensamento até ao Céu, em busca de socorro, porém... não encontrei! eco. "Deus, ó Deus, aonde estás que não me respondes?" Nas horas de aflição extrema nunca encontrei consolo na oração, como acontece à maior parte das pessoas. E' muito mais fácil aproximar-se de Deus quando me sinto contente, para agradecer-lhe algum pedacinho de felicidade que por descuido veio parar em minhas mãos. Continuei sentada no batente frio. Desde pequena tinha sido secretária de Papai, o seu braço direito na grande luta que foi a sua vida. Problemas e coisas sérias eram-me familiares. Por isso tinha uma vida interior tão intensa, aos dezesseis anos, como si já tivesse vinte e cinco. Aqueles foram os momentos em que mais tive de lutar contra mim mesma para não sucumbir. Estava a um passo apenas da loucura. O instinto de conservação gritou dentro de mim com a mesma aspereza da Irmã do refatório: "Mademoiselle Mariz, contenha-se!" Era preciso reagir. Chamei em meu socorro todos as reservas de auto-controle que por acaso estivessem escondidas no subconsciente, armazenadas de experiências anteriores. E aí... a velha casa mandou-me a sua primeira mensagem de encorajamento, em forma de recordação. As palavras de Ninita, pronunciadas dez anos antes, ressoaram aos meus ouvidos como si fossem ditas naquele mesmo dia: "Ou você acaba com a imaginação, pequena, ou ela findará dando cabo de você"... Sim, talvez aquilo tudo não passasse mesmo de excesso de nervosismo! Talvez nem tudo que estava correndo como certo fosse verdade, não é mesmo? (Iludir-me a mim mesma, sim! Era o único caminho a seguir, si queria sobreviver.) E a lembrança de um dos provérbios de tia Candinha veio me animar ainda mais — "Em tempo de guerra, mentira como terra". Boatos, afinal de contas, não passam de boatos! Talvez nem tudo estivesse perdido. Talvez nem tivesse acontecido nada...

Ouvi umas passadas leves e um tinnir de contas de terço ali por perto. Alguma freira vinha se aproximando... e eu não queria ser pega em flagrante! Mesmo na confusão do momento compreendi que havia cometido um ato não muito digno: escutar palavras que não eram destinadas aos meus ouvidos. Coisa feia! Normalmente, seria incapaz disso. Levantei-me com uma ligeireza de que eu mesma me espantei e desapareci do outro lado da galeria. Subi como pude as escadas do dormitório e cheguei lá-em-cima esbaforida. As encarregadas da guarda me perguntaram desconfiadas:

— Onde você andava tanto tempo, bichinha?

— No banheiro. Eu já não tinha dito a vocês que ia botar água na quartinha?

Mentira, porém elas enguliram a isca. (Que importância poderiam ter para mim, naquele momento, os pormenores banais da vida?)

Naquela noite, quando até as Irmãs se recolheram e o silêncio caiu de verdade sobre o casarão imenso, a minha coragem se esvaíu como fumaça. As injeções de ânimo que havia dado em mim mesma fizeram o efeito de certos remédios que aliviam um pouco, mas não compensam, porque a depressão que vem depois ainda é pior.

Levantei-me descalça e fui passear feito uma alma penada no corredor que separava os dois dormitórios. Uma onda não sei de que subia-me dos pés até à cabeça, tentando me sufocar. Era obrigada a fechar as mãos com força e trincar os dentes, afim de conter a exaltação nervosa. Engolia em seco tantas vezes que a garganta estava toda dolorida.

Duas, três, quatro horas da manhã! Uma noite em claro tem o comprimento de mil noites repousantes... De um lado e outro do corredor um estenderete de gente dormia como si nada de mal estivesse acontecendo neste mundo. Como podia alguém ressonar tão placidamente, enquanto o inferno turbilhonava dentro do cérebro de uma pessoa ali tão perto?! Que coisa esquisita!

O primeiro clarão daquela quarta-feira foi saudado por mim como um presente bom da vida. Luz, calor, para o meu pobre espírito que se mantinha debruçado sobre a escuridão eterna!

Não estava disposta a cumprir ordens de ninguém naquele dia. Todo mundo tinha o que fazer lá-em-baixo àquela hora e sozinha no dormitório eu não ia ficar nem por um decreto. Temei com a Irmã:

— Quero ir à Capela, **Ma Soeur**. Preciso rezar.

Outra mentira, porém ela também acreditou. Desci como todo mundo, para o salão de toilette. Depois fui tomar parte na fila comprida que enchia toda a galeria de baixo. Irmã Helena, a encarregada da ordem naquele setor, olhou para mim como si olha para um doente muito mal. Desviei a vista. Aquela compaixão poderia fazer-me muito mal. Si eu me entregasse a alguma emoção, naquele momento, não sei aonde iria esbarrar. Ela se aproximou de mim, segurou-me num braço:

— Minha filha, você é um raro exemplo da mulher forte de que Jesus fala em seus Evangelhos. Si fosse outra, estaria de cama, tomando chás e calmantes. No entanto, continua firme, indo ao refatório, à classe, à Capela... E' uma brava criatura!

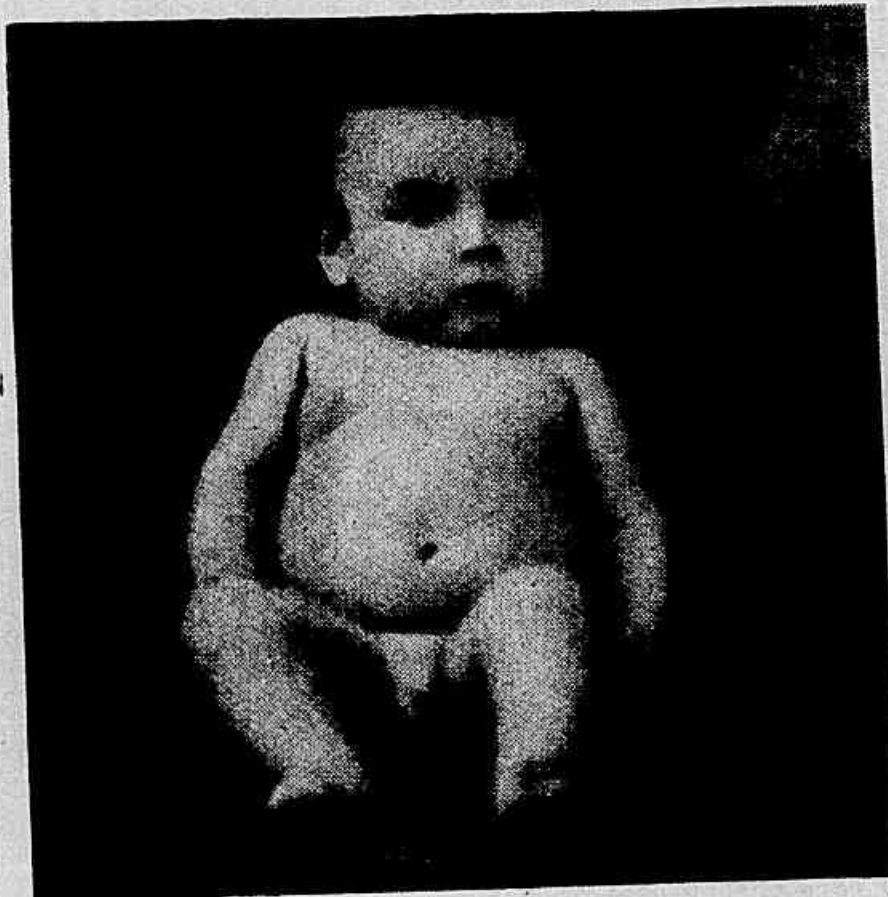
Como o exterior de uma pessoa pode iludir aos demais, hein? O que aquela freira imaginava um rasgo de coragem, não passava da mais elementar das covardias: eu não queria ficar só era com medo! Com medo de endoidecer.

IGNEZ MARIZ

Prianças



Myrian, filhinha do casal Nell - Gustavo Mohrstedt.



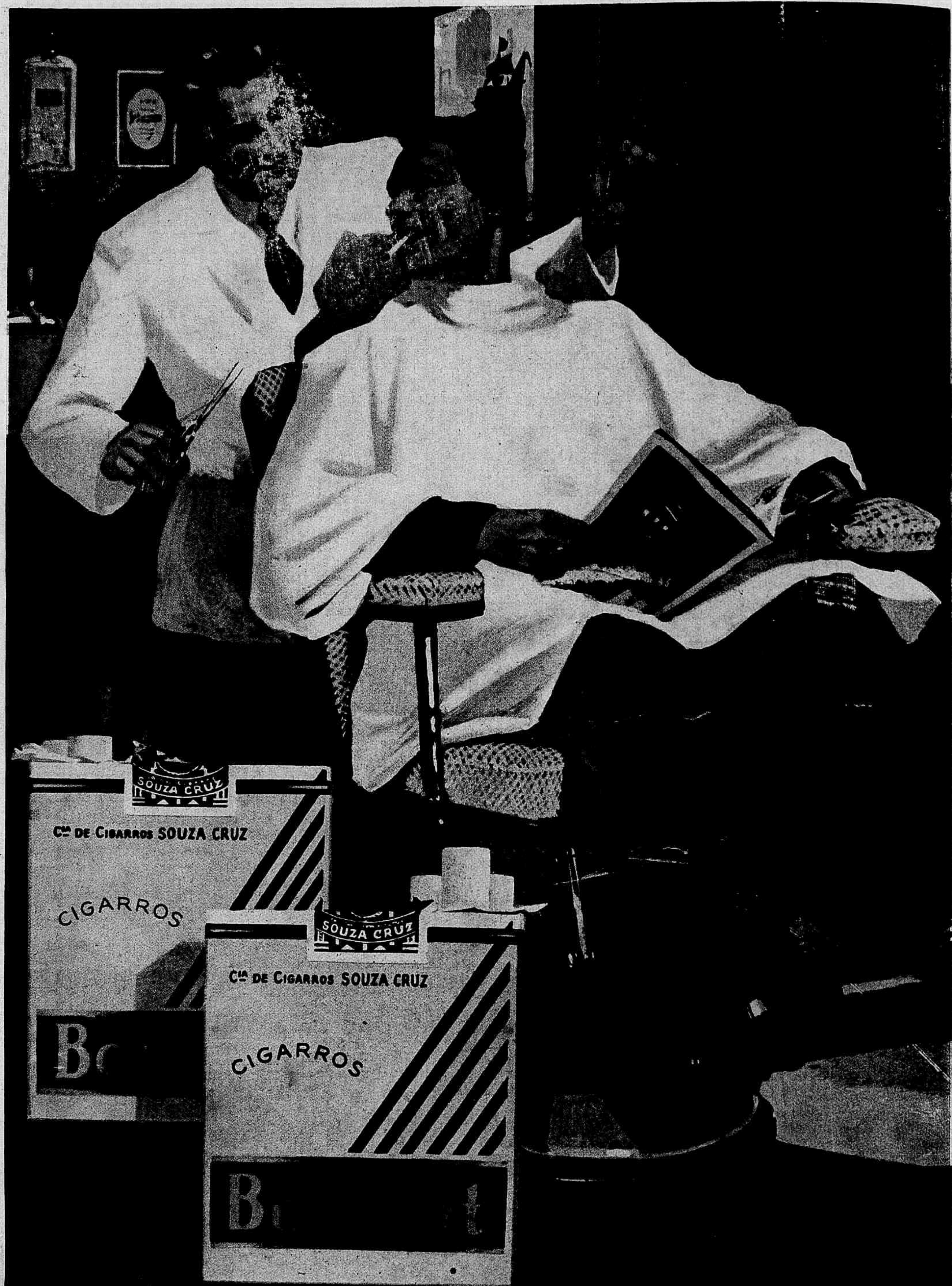
Augusto, filho do sr. Joaquim Lopes e de D. Maria Lopes.

Deise, filhinha do casal José T. Marinho - D. Dusulina Marinho.

O menino Alvaro Moacyr, de três meses de idade, que aparece na foto em baixo, é filho do sr. Moacir Gonçalves Machado e de sua esposa D. Dinah Dutra Machado.



Lucilla e Carlinhos reuniram em casa, a propósito do aniversário de ambos, ocorrido na 1.ª quinzena de Outubro p. passada, muitos amiguinhos aos quais ofereceram uma movimentada sessão de cinema, uma mesa de doces, outras diversões, etc. Os flagrantes que estampamos foram colhidos durante a encantadora tarde.



★ CIA · DE CIGARROS SOUZA CRUZ ★